Eleanor H. Porter

POLLYANNA

L&PM POCKET

Eleanor H. Porter

POLLYANNA

Tradução de Janaina Marcoantonio

L&PM

À
minha prima Belle

Capítulo I

A srta. Polly

A srta. Polly Harrington entrou na cozinha um pouco apressadamente naquela manhã de junho. Ela não costumava fazer movimentos apressados; tinha especial orgulho de seus modos calmos. Mas hoje estava afobada – realmente afobada.

Nancy, que estava lavando louça, ergueu os olhos, surpresa. Ela trabalhava na cozinha da srta. Polly havia apenas dois meses, mas já sabia que a patroa não costumava se afobar.

– Nancy!

– Sim, senhora – Nancy respondeu de bom grado, mas continuou secando o jarro que tinha na mão.

– Nancy – agora a voz da srta. Polly era bem firme –, quando estou falando com você, quero que pare seu trabalho e ouça o que tenho a dizer.

Nancy corou muitíssimo. Largou o jarro no mesmo instante, com o pano ainda sobre ele, de modo que quase caiu – o que não contribuiu para sua compostura.

– Sim, senhora – Nancy gaguejou, endireitando o jarro e virando-se depressa. – Só continuei fazendo meu serviço porque de manhã a senhora falou que não era pra eu demorar com a louça, sabe.

A patroa franziu o cenho.

– Tudo bem, Nancy. Não pedi explicações. Pedi sua atenção.

– Sim, senhora. – Nancy conteve um suspiro. Ela estava se perguntando se haveria maneira de agradar essa mulher.

Nancy nunca tinha "trabalhado fora" antes; mas uma mãe enferma e subitamente viúva, com três filhos pequenos além da própria Nancy, obrigara a menina, sendo a filha mais velha, a fazer alguma coisa para ajudar a sustentá-los, e ela ficara tão feliz ao encontrar um lugar na cozinha da casa enorme na colina – Nancy crescera a dez quilômetros dali, e só conhecia a srta. Polly Harrington como a dona da antiga propriedade da família e uma das habitantes mais ricas da cidade. Isso foi dois meses antes. Agora ela conhecia a srta. Polly como uma mulher séria e de rosto severo que franzia o cenho se uma faca caísse no chão, ou se uma porta batesse – mas que nunca sorria, mesmo quando facas e portas estavam quietas.

– Quando tiver terminado o trabalho da manhã, Nancy – a srta. Polly estava dizendo

agora –, desocupe o quartinho no alto da escada no sótão e arrume a cama. Varra o quarto e limpe-o, é claro, depois de tirar os baús e as caixas.

– Sim, senhora. E onde devo colocar as coisas que tirar de lá?

– No sótão da frente. – A srta. Polly hesitou, depois prosseguiu: – Suponho que também possa lhe contar agora, Nancy. Minha sobrinha, a srta. Pollyanna Whittier, está vindo morar comigo. Ela tem onze anos e vai dormir nesse quarto.

– Uma menina... vindo morar aqui, srta. Harrington? Ah, isso não é maravilhoso? – Nancy exclamou, pensando na alegria que suas próprias irmãzinhas traziam à sua casa.

– Maravilhoso? Bem, esta não é exatamente a palavra que eu usaria – retrucou a srta. Polly, num tom severo. – No entanto, pretendo fazer o melhor que puder, é claro. Sou uma boa pessoa e conheço meu dever.

O rosto de Nancy ficou vermelho e quente.

– Claro, senhora; é só que pensei que uma menininha aqui talvez... talvez traga alegria pra senhora – ela falou, hesitante.

– Obrigada – a mulher respondeu friamente. – No entanto, não posso dizer que vejo alguma necessidade imediata disso.

– Mas, claro, a senhora... a senhora ia querer... a filha da sua irmã – Nancy arriscou, sentindo vagamente que, de alguma maneira, devia preparar uma recepção para a pequena e solitária estranha.

A srta. Polly ergueu o queixo de modo desdenhoso.

– Bem, realmente, Nancy, só porque aconteceu de eu ter uma irmã que foi tola a ponto de se casar e trazer crianças desnecessárias a um mundo já bastante cheio, não vejo por que eu deveria particularmente *querer* cuidar delas, eu mesma. No entanto, como já disse, conheço meu dever, espero. Não se esqueça de limpar os cantos, Nancy – ela encerrou a conversa abruptamente e se retirou.

– Sim, senhora – Nancy suspirou, erguendo o jarro quase seco, agora tão frio que precisava ser enxaguado outra vez.

Em seu quarto, a srta. Polly pegou novamente a carta que havia recebido dois dias antes, da longínqua cidade no Oeste, e que fora uma surpresa tão desagradável para ela. A carta estava endereçada à srta. Polly Harrington, Beldingsville, Vermont, e dizia o seguinte:

Prezada srta. Harrington,

Sinto lhe informar que o reverendo John Whittier faleceu há duas semanas, deixando uma filha, uma menina de onze anos. Ele não deixou praticamente mais nada, exceto alguns poucos livros, pois, como certamente é do seu conhecimento, era o pastor desta pequena igreja missionária e tinha um salário muito modesto.

Acredito que era marido de sua falecida irmã, mas ele me levou a entender que as famílias não se davam bem. Ele pensava, no entanto, que, em nome de sua irmã, a senhora talvez deseje receber a criança e criá-la junto dos seus, no Leste. Por isso estou lhe escrevendo.

A menina estará pronta para partir no momento em que a senhora receber esta carta; e, se puder criá-la, agradeceríamos se nos escrevesse dizendo que ela pode ir imediatamente, pois há aqui um homem e sua esposa que estão indo para o Leste muito em breve, e eles a levariam até Boston e a colocariam no trem para Beldingsville. Certamente a senhora seria notificada da data e hora do trem em que Pollyanna chegaria.

Na esperança de logo ter uma resposta favorável de sua parte, subscrevo-me.

Respeitosamente,

Jeremiah O. White.

Franzindo a testa, a srta. Polly dobrou a carta e a enfiou no envelope. Ela respondera no dia anterior e dissera que receberia a criança, obviamente. Ela *esperava* conhecer seu dever!... por mais desagradável que fosse a tarefa.

Agora, sentada com a carta na mão, seus pensamentos se voltaram para sua irmã, Jennie, a mãe dessa menina, e para a época em que Jennie, uma jovem de vinte anos, insistiu em se casar com o jovem pastor, apesar dos protestos da família. Houve um homem de riquezas que a queria, e a família o preferira ao pastor; mas Jennie, não. O homem rico tinha mais idade, e também mais dinheiro, a seu favor, enquanto o pastor tinha apenas uma cabeça jovem, cheia de ideias e entusiasmo da juventude, e um coração cheio de amor. Jennie preferiu isso – o que é um tanto natural, talvez; e assim se casou com o pastor, tornando-se esposa de um missionário, e foi morar com ele no Sul.

E então veio a ruptura. A srta. Polly se lembrava bem, embora tivesse apenas quinze anos na época, sendo a mais jovem das irmãs. A família manteve pouco contato com a esposa do missionário. Certamente, a própria Jennie escreveu, por um tempo, e deu à sua última filha o nome de “Pollyanna” em homenagem às duas irmãs, Polly e Anna – todos os outros bebês tinham morrido. Aquela foi a última vez que Jennie escreveu; e poucos anos depois veio a notícia de sua morte, em uma carta breve, mas desconsolada, do próprio pastor, datada numa cidadezinha do Oeste.

Enquanto isso, o tempo não parou para os moradores da grande casa na colina. A srta. Polly, olhando para o extenso vale abaixo, pensava nas mudanças que aqueles 25 anos lhe haviam trazido.

Ela tinha agora quarenta anos e estava completamente sozinha no mundo. Pai, mãe, irmãs – todos mortos. Por muitos anos, fora a única dona da casa e dos milhares de

dólares deixados pelo pai. Houve pessoas que se compadeceram abertamente de sua vida solitária, insistindo para que ela levasse alguém para morar na casa e lhe fazer companhia; mas ela não recebeu bem a compaixão, nem os conselhos. Não era solitária, dizia. Gostava de estar sozinha. Preferia o silêncio. Mas agora...

A srta. Polly se levantou, com a testa franzida e os lábios cerrados. Estava contente, é claro, porque era uma boa pessoa, e porque não só conhecia seu dever, como tinha força de caráter suficiente para cumprir com ele. Mas... *Pollyanna*!... que nome ridículo!

Capítulo II

O Velho Tom e Nancy

No quartinho do sótão, Nancy varria e esfregava de maneira vigorosa, prestando especial atenção aos cantos. Havia momentos, de fato, em que o vigor com que ela realizava o trabalho era mais um alívio para seus sentimentos do que um desejo ardente de eliminar a sujeira – Nancy, apesar da submissão temerosa à patroa, não era nenhuma santa.

– Eu... só... queria... poder... limpar os cantos... da alma dela! – Nancy tartamudeava, pontuando as palavras com golpes violentos do esfregão. – Tem um monte deles precisando duma boa limpeza, ah, se tem! A ideia de enfiar essa criança abençoada aqui em cima neste quartinho abafado... e sem lareira no inverno, e toda essa casa enorme à disposição! Crianças desnecessárias, pois sim! Hum! – Nancy torceu o pano com tanta força que seus dedos doeram. – Acho que não são as *crianças* o *mais* desnecessário agora!

Por algum tempo, ela trabalhou em silêncio; então, terminada a tarefa, correu os olhos pelo quartinho vazio, com grande desgosto.

– Bom, tá pronto; a minha parte, pelo menos – suspirou. – Não tem sujeira nenhuma aqui... aliás, quase que não tem é nada. Pobre alma!... que belo lugar pra pôr uma criança solitária e com saudade de casa! – ela concluiu; então saiu, batendo a porta. – Ai! – Nancy exclamou, mordendo o lábio. Mas prosseguiu, obstinada: – Ah, nem ligo. Tomara que ela tenha ouvido... tomara!

No jardim, naquela tarde, Nancy encontrou alguns minutos para interrogar o Velho Tom, que havia anos e anos arrancava ervas daninhas e carpia ao redor da casa.

– Sr. Tom – Nancy começou a falar, lançando um breve olhar por sobre o ombro para ter certeza de que não estava sendo observada –, o senhor sabia que uma menina tá vindo morar com a srta. Polly?

– Uma... o quê? – o velho indagou, endireitando as costas com dificuldade.

– Uma menina... vindo morar com a srta. Polly.

– Continue brincando – Tom zombou, incrédulo. – Por que não me conta também que o Sol vai se pôr no leste amanhã?

– Mas é verdade. Ela mesma me contou – Nancy prosseguiu. – É sobrinha dela, e tem onze anos.

O velho ficou de queixo caído.

– Claro!... Agora tô pensando – balbuciou; então uma luz suave surgiu em seus olhos opacos. – Não... mas tem que ser... a menina da sra. Jennie! Ninguém mais casou. Uau, Nancy, deve ser a menina da sra. Jennie. Glória a Deus! Pensar que meus velhos olhos tão vendo isso!

– Quem era a sra. Jennie?

– Era um anjo que caiu do céu – o homem suspirou, tomado de forte emoção –; mas o patrão e a patroa a conheciam como sua filha mais velha. Ela tinha vinte anos quando casou e foi embora daqui, há muito tempo. Eu soube que todos os filhos dela morreram, menos a última; e deve ser a que tá vindo.

– Ela tem onze anos.

– É, pode ser – consentiu o velho.

– E vai dormir no sótão... que vergonha pra *ela*! – Nancy ralhou, olhando mais uma vez por sobre o ombro em direção à casa atrás de si.

O Velho Tom franziu a testa. Em seguida, seus lábios esboçaram um sorriso curioso.

– Quero só ver o que a srta. Polly vai fazer com uma criança na casa – falou.

– Hum! Quero só ver o que uma criança vai fazer com a srta. Polly na casa! – retrucou Nancy.

O velho riu.

– Pelo visto cê não gosta muito da srta. Polly – falou.

– Como se alguém pudesse gostar dela! – Nancy desdenhou.

O Velho Tom sorriu de modo estranho. Ele se curvou e começou a trabalhar novamente.

– Acho que cê não soube do caso de amor da srta. Polly – ele falou devagar.

– Caso de amor... *ela*! Não!... e acho que ninguém mais soube.

– Ah, soube sim – o velho afirmou. – E o homem continua vivo... e mora bem aqui, nesta cidade.

– Quem é?

– Isso eu não posso contar. – O velho se endireitou. Em seus pálidos olhos azuis, enquanto ele fitava a casa, havia o orgulho honesto que o criado leal sentia pela família a quem serviu e amou por tantos anos.

– Mas não parece possível... ela e um namorado – Nancy insistiu.

O Velho Tom balançou a cabeça.

– Você não conheceu a srta. Polly como eu conheci – argumentou. – Ela já foi muito bonita... e ainda seria... se quisesse.

– Bonita?! A srta. Polly?!

– Sim. Se ela usasse o cabelo solto e bagunçado, como costumava fazer, e usasse

aqueles chapéus com flores e aqueles vestidos cheios de renda e coisas brancas... cê ia ver que ela era bonita! A srta. Polly não é velha, Nancy.

– Não? Bom, então imita muito bem... ah, se imita! – Nancy desdenhou.

– É, eu sei. Foi aí que começou... na época do problema com o namorado – o Velho Tom afirmou –; e desde então é como se ela só comesse cardo e erva-santa... Ficou tão espinhosa e amargurada.

– Ah, isso é – Nancy declarou, indignada. – Nada agrada essa mulher, por mais que a gente tente! Eu não ficaria se não fosse pelo dinheiro e pela gente lá de casa que precisa. Mas um dia... um dia vou acabar estourando; e daí é claro que vai ser "adeus, Nancy". Ah, se vai.

O Velho Tom balançou a cabeça.

– Eu sei. Também senti isso. É natural... Mas não é o melhor, filha; não é o melhor. Ouça o que eu digo, não é o melhor. – E, mais uma vez, se curvou para o trabalho à sua frente.

– Nancy! – chamou uma voz ríspida.

– S... sim, senhora – Nancy gaguejou; e correu em direção à casa.

Capítulo III

A chegada de Pollyanna

Pouco depois, veio o telegrama anunciando que Pollyanna chegaria em Beldingsville no dia seguinte, 25 de junho, às quatro da tarde. A srta. Polly leu o telegrama, franziu o cenho e subiu a escada até o sótão. Ainda com a expressão severa, olhou à sua volta.

O quarto tinha uma cama pequena, impecavelmente arrumada, duas cadeiras de encosto reto, um móvel com bacia e gomil para a higiene pessoal, uma penteadeira – sem espelho – e uma mesinha. Não havia cortinas nas janelas, nem quadros nas paredes. O dia todo o sol banhara o telhado, e o quartinho estava parecendo um forno. Como não havia mosquiteiros, as janelas não foram abertas. Uma mosca grande estava agora se debatendo em uma delas, para cima e para baixo, para cima e para baixo, tentando sair.

A srta. Polly matou a mosca, a jogou pela janela (levantando a vidraça uns dois dedos), endireitou uma cadeira, franziu o cenho outra vez e saiu do quarto.

– Nancy – ela falou, alguns minutos depois, à porta da cozinha. – Encontrei uma mosca lá em cima, no quarto da srta. Pollyanna. A janela deve ter sido aberta em algum momento. Eu encomendei mosquiteiros, mas, enquanto não chegarem, trate de manter as janelas fechadas. Minha sobrinha chega amanhã às quatro da tarde. Quero que você vá encontrá-la na estação. Timothy vai levá-la de buggy até lá. O telegrama diz "cabelo claro, vestido de guingão xadrez vermelho e chapéu de palha". Isso é tudo que sei, mas acredito que seja suficiente.

– Sim, senhora; mas... a senhora...

A srta. Polly evidentemente interpretou a pausa da maneira correta, pois franziu a testa e disse, cortante:

– Não, não vou. Acho que não é necessário. Isso é tudo. – E saiu. Seus preparativos para o conforto de sua sobrinha, Pollyanna, estavam concluídos.

Na cozinha, Nancy pressionava com força o ferro de passar contra o pano de prato que estava alisando.

– Cabelo claro, vestido de guingão xadrez vermelho e chapéu de palha... só o que ela sabe! Ora, eu ia ter vergonha disso, ah, se ia... minha única sobrinha, vinda do outro lado do continente!

Na tarde seguinte, às vinte para as quatro, Timothy e Nancy partiram no buggy para encontrar a hóspede esperada. Timothy era filho do Velho Tom. Na cidade, às vezes se

dizia que se o Velho Tom era o braço direito da srta. Polly, Timothy era o esquerdo.

Timothy era um jovem de boa índole e de boa aparência também. Apesar do pouco tempo de Nancy na casa, os dois já eram bons amigos. Nesse dia, no entanto, Nancy estava preocupada demais com sua missão para ser a conversadora de costume; e, quase em silêncio, ela foi até a estação e desceu do buggy para esperar o trem.

Repetidas vezes, ela dizia em pensamento: "cabelo claro, vestido xadrez, chapéu de palha". Repetidas vezes, ela se perguntava que tipo de criança essa Pollyanna seria, afinal.

– Espero, pro seu próprio bem, que seja quieta e tenha juízo, e que não derrube facas nem bata portas – sussurrou para Timothy, que estava a seu lado.

– Bom, se não for, ninguém sabe o que vai ser de nós – Timothy riu. – Imagine a srta. Polly e uma criança *barulhenta*! Céus! Ei, o trem tá chegando!

– Ah, Timothy, acho que foi tão mesquinho me mandar aqui – Nancy falou, subitamente assustada, e então se virou e correu para um ponto de onde podia observar melhor os passageiros desembarcarem na pequena estação.

Não tardou muito para que Nancy a visse – a menina esbelta no vestido de guingão xadrez vermelho, com duas tranças grossas de cabelo dourado descendo pelas costas. Sob o chapéu de palha, um rostinho sardento e ansioso virava para a direita e para a esquerda, claramente à procura de alguém.

Nancy a reconheceu imediatamente, mas por um tempo não conseguiu controlar as pernas trêmulas para ir até ela. A menina estava aguardando sozinha quando Nancy finalmente se aproximou.

– Você é a senhorita... Pollyanna? – Nancy falou, hesitante. No mesmo instante, ela se viu sufocada por dois braços cobertos de tecido.

– Ah, estou tão contente, *contente*, *contente* de ver a senhora – gritou, em seu ouvido, uma voz extasiada. – É claro que sou a Pollyanna, e estou tão contente que tenha vindo me buscar! Eu tinha esperança de que viesse.

– Você... tinha? – Nancy murmurou, perguntando-se vagamente como era possível que Pollyanna a conhecesse... e quisesse vê-la. – Você... tinha? – repetiu, tentando endireitar o chapéu.

– Ah, sim; e vim o caminho inteiro imaginando como a senhora seria – exclamou a menina, dançando nas pontas dos pés e examinando de cima a baixo uma Nancy constrangida. – E agora eu sei e estou contente por a senhora ser exatamente como é.

Nancy ficou aliviada quando Timothy se aproximou. As palavras de Pollyanna a haviam aturdido.

– Este é o Timothy. Você talvez tenha um baú – murmurou.

– Tenho, sim – Pollyanna confirmou, sentindo-se importante. – Ganhei um novinho.

As senhoras da igreja compraram para mim... não foi adorável da parte delas, quando queriam tanto um tapete? É claro que não sei quanto tapete vermelho daria para comprar com o dinheiro de um baú, mas certamente daria para comprar um pouco... meio corredor, talvez, não acha? Tenho uma coisinha aqui na minha bolsa que o sr. Gray disse que era um cheque, e que devo entregar para a senhora antes de pegar meu baú. O sr. Gray é marido da sra. Gray. Eles são primos da esposa do diácono Carr. Eu vim para o Leste com eles, e eles são adoráveis! E... aqui, aqui está – concluiu, entregando o cheque depois de muito revirar a bolsa que estava segurando.

Nancy respirou fundo. Instintivamente sentia que alguém precisava tomar fôlego... depois daquele discurso. Então lançou um olhar para Timothy. Os olhos dele miravam deliberadamente em outra direção.

Enfim partiram os três, com o baú de Pollyanna atrás, e a própria Pollyanna espremida entre Nancy e Timothy. Durante todo o processo de se preparar para partir, a menina havia mantido um fluxo ininterrupto de perguntas e comentários, até que Nancy, um pouco atordoada, se viu quase sem fôlego tentando acompanhá-la.

– Aí vamos! Não é o máximo? É longe? Espero que seja... adoro passear – Pollyanna suspirou, quando as rodas começaram a girar. – Mas é claro que se não for longe não vou me importar, porque vou ficar contente de chegar mais depressa, sabe. Que rua bonita! Eu sabia que seria bonita; o papai me contou...

Ela parou, meio sem fôlego. Nancy, olhando-a de modo apreensivo, viu que seu queixinho tremia e que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Num instante, porém, Pollyanna prosseguiu, erguendo a cabeça bravamente.

– O papai me contou sobre tudo. Ele se lembrava. E... eu devia ter explicado antes. A sra. Gray me falou para explicar imediatamente... sobre este vestido xadrez vermelho, sabe, e por que não estou vestida de preto. Ela disse que a senhora ia achar estranho. Mas não tinha nada preto no último barril dos missionários, só um corpete de veludo que a esposa do diácono Carr disse que não ficava nada bem em mim; além disso, tinha manchas brancas... gastas, sabe... nos dois cotovelos, e em alguns outros lugares. Algumas das senhoras da igreja queriam me comprar um chapéu e um vestido pretos, mas as outras achavam que o dinheiro deveria ir para o tapete vermelho que elas estão tentando conseguir... para a igreja, sabe. A sra. White disse que talvez fosse melhor assim, de todo modo, porque ela não gostava de crianças de preto... isto é, ela gostava de crianças, claro, mas não vestidas de preto.

Pollyanna parou para tomar fôlego, e Nancy conseguiu murmurar:

– Bom, tenho certeza que... vai ficar tudo bem.

– Fico contente que a senhora pense assim. Eu também acho – Pollyanna concordou, mais uma vez com aquela respiração cortada. – É claro, teria sido um bocado mais difícil

ficar contente usando preto...

– Contente?! – Nancy exclamou, surpresa, interrompendo-a.

– É... porque o papai foi para o céu para ficar com a mamãe e o resto de nós, sabe. Ele disse que devo ficar contente. Mas é bem difícil ficar contente, mesmo usando vestido vermelho, porque eu... queria tanto o papai; e não conseguia parar de sentir que *precisava* dele, especialmente quando a mamãe e o resto têm Deus e todos os anjos, enquanto eu não tinha ninguém além das senhoras da igreja. Mas agora tenho certeza de que vai ser mais fácil porque tenho a senhora, tia Polly. Estou tão contente por ter a senhora!

A compaixão dolorida de Nancy pela pobre órfã a seu lado subitamente se transformou em horror.

– Ah, mas... você tá cometendo um grande engano, q... querida – ela gaguejou. – Eu sou só a Nancy. Não sou a sua tia Polly, não mesmo!

– Não... não é? – a menina murmurou, consternada.

– Não. Sou só a Nancy. Nunca pensei que você estivesse me confundindo com ela. Não somos nem um pouco parecidas... não, mesmo!

Timothy soltou uma risadinha; mas Nancy estava perturbada demais para responder ao brilho jocoso nos olhos dele.

– Mas *quem* é a senhora? – Pollyanna perguntou. – Não se parece nem um pouco com uma senhora da igreja!

Desta vez, Timothy riu abertamente.

– Sou Nancy, a criada. Faço todo o trabalho, menos lavar e passar. Quem faz isso é a sra. Durgin.

– Mas *existe* uma tia Polly? – indagou a menina, ansiosa.

– Pode apostar que sim – Timothy se intrometeu.

Pollyanna relaxou visivelmente.

– Ah, então tudo bem. – Houve um momento de silêncio; então ela prosseguiu, alegremente. – E quer saber? Fico contente, afinal, por ela não ter vindo me buscar; porque agora ainda vou ter *minha tia*, e além disso já tenho a senhora.

Nancy corou. Timothy se virou para ela com um sorriso zombeteiro.

– Acho que isso foi um belo elogio – falou. – Por que não agradece à menina?

– Eu... eu tava pensando na... srta. Polly – Nancy gaguejou.

Pollyanna soltou um suspiro, satisfeita.

– Eu também. Estou tão interessada nela. Sabe, ela é a única tia que tenho, e eu não sabia que tinha até pouco tempo atrás. Então o papai me contou. Ele disse que ela mora numa casa linda e enorme no alto de uma colina.

– Mora, sim. Dá pra ver daqui – disse Nancy. – É aquela casona branca com as

venezianas verdes, lá na frente.

– Ah, que bonita!... e quantas árvores e grama em volta! Eu nunca vi tanta grama verde, assim, tudo junto. A minha tia Polly é rica, Nancy?

– É, sim.

– Estou tão contente! Deve ser maravilhoso ter um monte de dinheiro. Eu nunca conheci ninguém que tivesse, só os White... eles são meio ricos. Têm tapete em todos os cômodos e sorvete aos domingos. A tia Polly toma sorvete aos domingos?

Nancy balançou a cabeça. Seus lábios se contraíram. Ela lançou um olhar zombeteiro para Timothy.

– Não, senhora. Sua tia não gosta de sorvete, acho; pelo menos, nunca vi na mesa dela.

Pollyanna ficou boquiaberta.

– Ah, não? Que pena! Não consigo entender como ela pode não gostar de sorvete. Mas... de todo modo, posso ficar meio que contente por isso, porque o sorvete que a gente não come não pode dar dor de barriga... o da sra. White deu... eu comi o dela, sabe... comi muito. Mas talvez a tia Polly tenha tapetes.

– É, tem sim.

– Em todos os cômodos?

– Bom, em quase todos – Nancy respondeu, subitamente franzindo o cenho ao pensar no quartinho vazio do sótão onde não havia tapete.

– Ah, estou tão contente! – Pollyanna exultou. – Eu adoro tapetes. Nós não tínhamos, só os dois tapetinhos que vieram num barril dos missionários, e um deles tinha manchas de tinta. A sra. White também tinha quadros, pinturas belíssimas de rosas e meninas ajoelhadas e um gatinho e alguns cordeiros e um leão... não juntos, né, os cordeiros e o leão. Ah, claro que a Bíblia diz que um dia eles vão estar juntos, mas ainda não... isto é, não os da sra. White. Você não adora quadros?

– Eu... não sei – Nancy respondeu com uma voz meio abafada.

– Eu adoro. Nós não tínhamos nenhum quadro. Eles não costumavam vir nos barris, sabe. Na verdade, vieram dois. Mas um era tão bom que o papai vendeu para conseguir dinheiro para me comprar sapatos; e o outro estava tão ruim que se quebrou assim que penduramos. O vidro... partiu, sabe. E eu chorei. Mas agora eu fico contente por não termos tido nada dessas coisas boas, porque vou gostar mais ainda das coisas da tia Polly... já que não estou acostumada. Como quando vinham faixas de cabelo *bonitas* nos barris, depois de um monte de faixas velhas e desbotadas... Deus! Mas esta casa não é mesmo linda? – Pollyanna falou subitamente, com grande entusiasmo, quando eles passaram pelo grande portão.

Foi quando Timothy estava descarregando o baú que Nancy encontrou uma

oportunidade de sussurrar em seu ouvido:

– Nunca mais venha me falar de ir embora, Timothy Durgin. Eu não iria nem que cê me *pagasse*!

– Ir embora? Nem pensar! – riu o jovem. – Você não ia conseguir me arrastar. Vai ser mais divertido agora, com a menina aqui, do que cinema todo dia!

– Divertido! – Nancy repetiu, indignada. – Acho que vai ser um pouco mais do que divertido pra essa menina abençoada... quando as duas tentarem viver juntas, acho que ela vai precisar de um abrigo onde buscar refúgio. Eu vou ser esse abrigo, Timothy; vou, sim! – ela prometeu; então se virou e conduziu Pollyanna pelos amplos degraus.

Capítulo IV

O quartinho no sótão

A srta. Polly Harrington não se levantou para cumprimentar a sobrinha. Ergueu os olhos do livro, é verdade, quando Nancy e a menina apareceram na porta da sala de estar, e estendeu a mão com a palavra "dever" escrita bem grande em cada um dos dedos friamente esticados.

– Como vai, Pollyanna? Eu... – Ela não teve chance de dizer mais nada. Pollyanna já tinha atravessado a sala e se jogado no colo impassível da tia, que ficou escandalizada.

– Ah, tia Polly, tia Polly, eu não poderia estar mais contente por a senhora me deixar morar aqui – ela estava aos soluços. – Não imagina como é maravilhoso ter a senhora e Nancy e tudo isso, quando tudo que eu tinha eram as senhoras da igreja!

– É bem provável... embora eu não tenha tido o prazer de conhecer as senhoras da igreja – a srta. Polly respondeu rispidamente, tentando desvencilhar-se dos dedinhos que a agarravam e lançando um olhar severo para Nancy, que continuava à porta. – Nancy, isso é tudo. Pode ir. Pollyanna, comporte-se, por favor, e fique de pé. Ainda não pude ver como você é.

Pollyanna se afastou imediatamente, rindo de maneira um pouco histérica.

– Não, acho que não; mas, de todo modo, a senhora vai perceber que não tem muito o que ver em mim, por causa das sardas. Ah, e tenho que explicar sobre o vestido vermelho e o corpete de veludo preto com manchas brancas nos cotovelos. Eu contei para a Nancy que o papai falou...

– Sim; bem, não importa agora o que seu pai falou – a srta. Polly interrompeu, de modo ríspido. – Presumo que você tenha trazido um baú, não?

– Ah, sim, eu trouxe, tia Polly. Tenho um baú bonito que as senhoras da igreja me deram. Não tem muitas coisas nele... quero dizer, coisas minhas. Os barris não tinham muitas roupas para meninas ultimamente; mas eram todos livros do papai, e a sra. White disse que achava que eu deveria trazer. Sabe, o papai...

– Pollyanna – a tia interrompeu novamente, de maneira brusca –, tem uma coisa que você precisa entender desde já: eu não quero que fique falando do seu pai para mim.

A menina respirou fundo, trêmula.

– Mas, tia Polly, a senhora... a senhora está dizendo... – ela hesitou, e a tia preencheu a pausa.

– Vamos subir para o seu quarto. Seu baú já deve estar lá. Eu disse a Timothy para levá-lo, caso você tivesse um. Venha comigo, Pollyanna.

Sem falar, Pollyanna se virou e seguiu a tia para fora da sala. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas seu queixo estava bravamente erguido.

"Afinal ... acho que estou contente por ela não querer que eu fale sobre o papai", Pollyanna estava pensando. "Talvez seja mais fácil assim... Deve ser por isso que ela me disse para não falar sobre ele." E Pollyanna, mais uma vez convencida da "amabilidade" da tia, conteve as lágrimas e olhou com curiosidade à sua volta.

Agora ela estava na escada. Logo à frente, a saia de seda preta da tia balançava suntuosamente. Atrás dela, uma porta aberta lhe permitiu vislumbrar tapetes de cores suaves e cadeiras revestidas de cetim. Sob seus pés, um carpete maravilhoso parecia um caminho de musgo verde. Em toda parte, o dourado das molduras dos quadros ou o brilho da luz do sol através da tela translúcida das cortinas de renda cintilavam em seus olhos.

– Ah, tia Polly, tia Polly – a menina suspirava, entusiasmada –, que casa adorável, encantadora! A senhora deve estar tão contente por ser tão rica!

– Pollyanna! – a tia exclamou, virando-se bruscamente quando chegou ao topo da escada. – Me surpreende você falar isso!

– Por que, tia Polly? Não está contente? – Pollyanna indagou, com assombro genuíno.

– Certamente não, Pollyanna. Espero nunca ter cometido o pecado de me sentir orgulhosa por qualquer dádiva que Deus tenha considerado justo me conceder – declarou –; certamente, não por *riquezas materiais*!

A srta. Polly se virou e caminhou pelo corredor em direção à escada que levava ao sótão. Ela estava contente, agora, por ter colocado a menina no quartinho do sótão. Sua ideia, a princípio, fora acomodar a sobrinha o mais longe possível dela e, ao mesmo tempo, num lugar em que seus modos descuidados de criança não destruíssem coisas valiosas. Agora, com esta evidente demonstração tão precoce de vaidade, era ainda mais oportuno que o quarto planejado para Pollyanna fosse simples e modesto.

Ansiosos, os pezinhos de Pollyanna caminhavam atrás da tia. Ainda mais ansiosos, seus grandes olhos azuis tentavam olhar para todos os lados ao mesmo tempo, para que nada de belo ou interessante nessa casa maravilhosa passasse despercebido. E, mais ansiosa ainda, sua mente se ocupava do enigma incrivelmente interessante prestes a ser decifrado: detrás de qual de todas essas portas fascinantes estaria agora seu quarto – o quarto bonito e querido, cheio de cortinas, tapetes e quadros, que seria todo seu? Então, abruptamente, a tia abriu uma porta e subiu mais uma escada.

Havia pouco para ser visto ali. Uma parede vazia se erguia de cada lado. No topo da

escada, grandes extensões de espaço sombrio levavam a cantos distantes onde o teto vinha quase até o solo, e onde estavam empilhados um sem-número de caixas e baús. Estava quente e abafado. Sem perceber, Pollyanna ergueu ainda mais a cabeça – parecia tão difícil respirar. Então, viu que a tia havia aberto uma porta à direita.

– Aqui, Pollyanna, este é o seu quarto, e vejo que seu baú está aqui. Você tem sua chave?

Pollyanna fez que sim, sem dizer uma palavra. Seus olhos estavam um pouco arregalados e assustados.

A tia franziu a testa.

– Quando faço uma pergunta, Pollyanna, prefiro que responda em voz alta, e não meramente com a cabeça.

– Sim, tia Polly.

– Obrigada; assim é melhor. Acredito que você tenha tudo de que precisa aqui – acrescentou, olhando para o jarro de água e para o toalheiro abastecidos. – Vou mandar a Nancy subir para ajudá-la a desfazer as malas. O jantar é servido às seis – concluiu, saindo do quarto e descendo a escada.

Por um instante, Pollyanna permaneceu imóvel, observando a tia descer. Então, com os olhos ainda arregalados, olhou para a parede vazia, para o piso e as janelas despidos. Por fim, olhou para o pequeno baú que, até pouco tempo antes, estivera em seu próprio quartinho na longínqua cidade do oeste. No momento seguinte, andou cegamente em direção ao baú e caiu de joelhos ao lado dele, cobrindo o rosto com as mãos.

Foi aí que Nancy a encontrou quando subiu, alguns minutos depois.

– Ai, pobrezinha! – ela murmurou, deixando-se cair no chão e pegando a menina nos braços. – Esse era meu medo! Encontrar você assim...

Pollyanna balançou a cabeça.

– Mas eu sou má, Nancy... muito má – ela soluçava. – Simplesmente não consigo entender que Deus e os anjos precisassem do meu pai mais do que eu.

– Não precisavam – Nancy afirmou categoricamente.

– Ah…. *Nancy*! – o horror ardente nos olhos de Pollyanna secou as lágrimas.

Nancy deu um sorriso envergonhado e esfregou com força os próprios olhos.

– Ai, criança, é claro que eu não quis dizer isso – ela exclamou em seguida. – Venha, vamos pegar sua chave, abrir esse baú e tirar seus vestidos agora mesmo.

Meio chorosa, Pollyanna entregou a chave.

– Não tem muitos, de todo modo – ela hesitou.

– Então vamos arrumar tudo ainda mais depressa – Nancy declarou.

De repente, Pollyanna deu um sorriso radiante.

– É verdade! Posso ficar contente por isso, não é? – exclamou.

Nancy a encarou.

– Mas... é claro... – ela respondeu, sem muita certeza.

As mãos habilidosas de Nancy logo tiraram do baú os livros, as calcinhas remendadas e os poucos vestidos, lastimosamente sem atrativos. Pollyanna, agora sorrindo com bravura, andava de um lado para outro, pendurando os vestidos no armário, empilhando os livros na mesa e guardando as calcinhas nas gavetas da cômoda.

– Tenho certeza que... vai ser um quarto muito bom. Não acha? – ela murmurou, depois de um tempo.

Não houve resposta. Nancy, aparentemente, estava muito ocupada com a cabeça enfiada no baú. Pollyanna, de pé ao lado da cômoda, observava, com certa melancolia, a parede vazia logo acima.

– E também posso ficar contente por não ter nenhum espelho aqui, porque onde *não tem* espelho, não posso ver minhas sardas.

Nancy fez um barulhinho estranho e repentino com a boca; mas, quando Pollyanna se virou, ela estava novamente com a cabeça enfiada no baú. Em uma das janelas, alguns minutos depois, Pollyanna deu um grito de alegria e bateu palmas, contente.

– Ah, Nancy, eu não tinha visto isso antes – ela suspirou. – Veja... lá longe, com aquelas árvores e casas, e aquela linda torre da igreja, e o rio brilhando como prata. Ah, Nancy, quem é que precisa de quadros com uma paisagem dessas? Agora estou tão contente por ela ter me dado este quarto!

Para surpresa e consternação de Pollyanna, Nancy começou a chorar. Pollyanna correu para o lado dela.

– Mas, Nancy, Nancy... o que foi? – ela exclamou; e então, receosa: – Este não era... *seu* quarto, era?

– Meu quarto?! – Nancy exclamou, alterada, engolindo as lágrimas. – Ora, se você não é um anjinho que caiu do céu, e se certas pessoas não comerem o pão que o diabo amassou antes de... Oh! É a campainha dela! – e, depois dessa fala surpreendente, a criada se levantou, saiu correndo do quarto e desceu as escadas ruidosamente.

Deixada sozinha, Pollyanna voltou ao seu “quadro”, como mentalmente designou a bela vista da janela. Depois de um tempo, tocou a vidraça, tentando abri-la. Ela sentia que já não podia suportar o calor sufocante. Para sua alegria, a vidraça se moveu sob seus dedos. No momento seguinte a janela estava escancarada, e Pollyanna, debruçada sobre ela, sorvia o ar fresco e puro.

Então, ela correu para a outra janela, que também logo se abriu sob suas mãos sôfregas. Uma mosca grande passou por seu nariz e zumbia ruidosamente pelo quarto. Em seguida veio outra, e mais outra; mas Pollyanna não deu atenção. Tinha feito uma descoberta maravilhosa: contra essa janela, uma árvore gigante estendia galhos enormes.

Para Pollyanna, eles pareciam braços estendidos, convidando-a. De repente, ela soltou uma gargalhada.

– Acho que consigo fazer isso – falou, rindo.

No instante seguinte, já estava sobre o parapeito da janela. De lá, foi fácil passar para o galho mais próximo. Então, pendurando-se como um macaco, foi descendo de galho em galho até chegar ao mais baixo. A queda até o chão era – até mesmo para Pollyanna, que estava acostumada a subir em árvores – um pouco assustadora. Ela, no entanto, a encarou, com a respiração suspensa, pendendo de seus bracinhos fortes e aterrissando de quatro sobre a grama macia. Então se levantou e olhou ansiosa à sua volta.

Estava no fundo da casa. À sua frente, havia um jardim onde um velho trabalhava agachado. Depois do jardim, um caminho estreito atravessava um campo aberto e levava a uma colina íngreme, no topo da qual um pinheiro solitário estava de guarda ao lado da rocha enorme. Para Pollyanna, naquele momento, aquele parecia ser o único lugar no mundo onde valia a pena estar: o topo daquela grande rocha.

Com uma corrida e uma curva habilidosa, Pollyanna passou pelo velho agachado, seguiu por entre as fileiras ordenadas de mudas verdes e, meio sem fôlego, chegou ao caminho que atravessava o campo aberto. Então, com determinação, começou a escalar. Já a essa altura, porém, ela estava pensando em como o caminho até a rocha era longo, sendo que da janela parecera tão perto!

Quinze minutos depois, o grande relógio no hall da mansão dos Harrington bateu as seis. Precisamente na última badalada, Nancy soou a campainha anunciando o jantar.

Um, dois, três minutos se passaram. A srta. Polly franziu o cenho e bateu com o chinelo no chão. De maneira meio abrupta, ela se pôs de pé, foi até o hall e olhou para o alto da escada, nitidamente impaciente. Por um instante, manteve os ouvidos atentos; então se virou e entrou apressada na sala de jantar.

– Nancy – falou, decidida, assim que a criada apareceu –, minha sobrinha está atrasada. Não, não precisa chamá-la – completou com um ar severo, quando Nancy se dirigia à porta do hall. – Eu lhe informei a que horas era o jantar, e agora ela vai ter de sofrer as consequências. É bom ela começar imediatamente a aprender a ser pontual. Quando descer, que coma pão e tome leite na cozinha.

– Sim, senhora – ainda bem que a srta. Polly não estava olhando para o rosto de Nancy naquele momento.

Assim que teve oportunidade, depois do jantar, Nancy subiu a escada dos fundos, tratando de não ser vista, e foi até o quartinho no sótão.

– Pão e leite!... tá certo! Quando a pobrezinha deve ter chorado até dormir – ela resmungava com raiva, enquanto empurrava a porta gentilmente. No momento seguinte,

soltou um grito assustado. – Cadê você? Aonde você foi? Aonde é que você foi, menina? – ela falou, ofegante, procurando no armário, debaixo da cama, e até mesmo no baú e atrás do jarro com água. Então voou escada abaixo e saiu ao encontro do Velho Tom no jardim.

– Sr. Tom, sr. Tom, aquela criança abençoada foi embora – falou, chorosa. – Desapareceu, foi direto pro céu de onde veio, pobrezinha... e eu com ordens de dar pão e leite pra ela na cozinha... o que ela tá comendo neste minuto é comida de anjo, garanto!

O velho se levantou.

– Foi embora? Pro céu? – ele repetiu estupidamente, varrendo com o olhar o céu que brilhava com o pôr do sol. Depois parou, olhou atentamente por um instante e então se virou, esboçando um sorriso. – Bom, Nancy, parece que tentou chegar o mais perto do céu que podia, isso é fato – concordou, apontando com um dedo torto para onde, desenhada nitidamente contra o céu avermelhado, via-se uma silhueta esbelta, banhada pelo vento, no alto de uma grande rocha.

– Bom, ela não vai pro céu daquele jeito esta noite... não, se depender de mim – Nancy declarou, obstinada. – Se a patroa perguntar, diz que não esqueci da louça, só fui dar uma volta – falou, olhando por sobre o ombro, e então correu pelo caminho que atravessava o campo aberto.

Capítulo V

O jogo

– Deus do céu, srta. Pollyanna, que susto você me deu! – Nancy falou ofegante enquanto corria até a grande rocha, da qual Pollyanna acabara de descer de modo arrependido.

– Susto? Ah, me desculpe; mas não precisa se preocupar comigo, Nancy. De verdade. O papai e as senhoras da igreja também se preocupavam, até que viram que eu sempre voltava bem.

– Mas eu nem sabia que cê tinha saído! – Nancy exclamou, enfiando a mão da menina debaixo do braço e correndo com ela colina abaixo. – Não vi você sair, e ninguém viu. Acho que voou até lá direto do telhado; só pode.

Pollyanna saltitava, exultante.

– Foi quase isso... só que voei para baixo em vez de ser para cima. Eu desci pela árvore.

Nancy parou de repente.

– Você... o quê?

– Desci pela árvore, do lado de fora da janela.

– Minha Nossa Senhora! – Nancy falou, chocada, e começou a correr outra vez. – Queria saber o que a sua tia ia achar disso!

– Queria? Então eu conto para ela, assim você descobre – a menina prometeu, animada.

– Misericórdia! – Nancy exclamou. – Não... não!

– Por quê? Acha que ela se importaria? – Pollyanna gritou, nitidamente perturbada.

– Não... é... sim... bom, deixa pra lá. Não tô tão interessada em saber o que ela ia achar, na verdade – Nancy gaguejou, determinada a poupar Pollyanna de levar uma bronca. – Mas é melhor a gente correr. Preciso lavar a louça.

– Eu ajudo – Pollyanna prometeu prontamente.

– Ora, srta. Pollyanna! – Nancy protestou.

Por um instante, houve silêncio. O céu estava escurecendo depressa. Pollyanna segurou com mais força o braço da amiga.

– Acho que, no fim das contas, estou contente que você tenha se assustado... porque assim veio me procurar – ela falou, sentindo um calafrio.

– Pobrezinha! E cê também deve estar com fome. Acho que vai ter que comer pão e tomar leite na cozinha comigo. Sua tia não gostou que cê não desceu pro jantar, sabe.

– Mas eu não pude. Estava aqui.

– É; mas ela não sabia disso – Nancy observou secamente, contendo o riso. – Sinto muito pelo pão e leite; sinto muito, mesmo.

– Ah, eu não. Fico contente.

– Contente?! Por quê?

– Ah, eu gosto de pão e de leite, e vou adorar comer com você. Não acho difícil ficar contente por isso.

– Pelo visto cê fica contente por qualquer coisa – Nancy retorquiu, ficando meio sem ar ao se lembrar das bravas tentativas de Pollyanna de gostar do quartinho vazio no sótão.

Pollyanna riu.

– Bem, é esse o jogo, de todo modo.

– O... *jogo*?

– É; o jogo do contente.

– De que raios cê está falando?

– Ah, é um jogo. O meu pai me ensinou, e é muito legal – Pollyanna respondeu. – Nós sempre jogávamos, desde que eu era bem pequena. Eu ensinei para as senhoras da igreja, e elas também jogavam... algumas delas.

– O que é? Se bem que não entendo muito de jogos.

Pollyanna riu de novo, mas também soltou um suspiro; e, sob a luz do crepúsculo, seu rosto pareceu abatido e saudoso.

– Bem, nós começamos com umas muletas que vieram num barril dos missionários.

– *Muletas*?!

– É. Eu queria uma boneca, e o papai tinha escrito isso para eles; mas, quando o barril chegou, a senhora escreveu que não tinham mandado nenhuma boneca, mas muletas, sim. Então ela as mandou junto, pois poderiam ser úteis para alguma criança. E foi assim que começamos o jogo.

– Bom, devo dizer que não consigo imaginar um jogo sobre isso – Nancy declarou, quase irritada.

– Ah, o jogo era justamente encontrar em todas as coisas algum motivo para ficar contente... não importava o que fosse – respondeu Pollyanna, séria. – E nós começamos bem ali... com as muletas.

– Minha nossa! Não consigo encontrar nenhum motivo pra ficar contente com um par de muletas quando o que você queria era uma boneca!

Pollyanna bateu palmas.

– Mas tem, sim... tem, sim! – ela falou, exultante. E, com instantânea honestidade, acrescentou: – Eu também não consegui encontrar, no começo, Nancy. O papai precisou me contar.

– Bom, então, imagino que *você* vai me contar! – Nancy foi quase ríspida.

– É uma bobagem! Basta ficar contente porque você não *precisa* delas! – Pollyanna exultou, triunfante. – Você percebe que é assim de fácil... quando sabe como jogar!

– Isso é das coisas mais esquisitas que já vi! – Nancy suspirou, encarando Pollyanna com um olhar quase temeroso.

– Ah, mas não é esquisito... é fascinante! – afirmou Pollyanna, entusiasmada. – E nós sempre jogamos desde então. E quanto mais difícil, mais divertido fica; só que... só que às vezes é quase difícil *demais*... como quando seu pai vai para o céu, e você não tem mais ninguém além das senhoras da igreja.

– É, ou quando te colocam num quartinho miserável lá no alto da casa sem nada dentro dele – Nancy resmungou.

Pollyanna suspirou.

– Este foi difícil, no começo – ela admitiu –, especialmente porque eu estava me sentindo tão sozinha. Eu não tinha vontade de jogar, e *queria* coisas bonitas! Mas depois pensei no quanto eu odiava ver as minhas sardas no espelho, e vi aquela paisagem linda pela janela; e percebi que tinha encontrado motivo para ficar contente. Vê, quando estamos à procura de coisas que nos deixam contentes, meio que esquecemos das outras... como a boneca que eu queria, entende?

– Hum! – Nancy arfou, tentando se livrar do nó em sua garganta.

– Na maioria das vezes não demora tanto assim – Pollyanna suspirou –, e, hoje em dia, muitas vezes eu simplesmente penso nelas *sem* pensar, sabe? Eu me acostumei a jogar. É um jogo muito legal. O p... papai e eu gostávamos tanto – ela gaguejou. – Mas acho que vai ser um pouco mais difícil agora, já que não tenho mais ninguém com quem jogar. Ou talvez a tia Polly queira jogar – acrescentou, depois de refletir um pouco.

– Céus!... *ela*! – Nancy murmurou entredentes. Então, em voz alta, falou, decidida: – Olha, srta. Pollyanna, não tô dizendo que vou jogar muito bem, e também não tô dizendo que sei jogar; mas vou dar um jeito de jogar com você... ah, se vou!

– Ah, Nancy! – Pollyanna exultou, dando-lhe um abraço caloroso. – Isso é maravilhoso! Vamos nos divertir muito, não acha?

– É... talvez... – Nancy respondeu, sem muita certeza. – Mas não conte muito comigo, viu. Nunca fui boa em jogos... Mas vou fazer de tudo pra aprender este. Você vai ter alguém com quem jogar – concluiu, enquanto entravam juntas na cozinha.

Pollyanna comeu pão e tomou leite com vontade; então, por sugestão de Nancy, foi até a sala de estar, onde a tia estava lendo. A srta. Polly ergueu os olhos friamente.

– Você jantou, Pollyanna?

– Sim, tia Polly.

– Sinto muito, Pollyanna, por ter sido obrigada, tão cedo, a mandá-la comer pão e tomar leite na cozinha.

– Mas eu fiquei muito contente, tia Polly. Eu gosto de pão e de leite, e também gosto da Nancy. A senhora não precisa se sentir mal por isso.

De súbito, a tia Polly se endireitou na cadeira.

– Pollyanna, já passou da hora de você estar na cama. Você teve um dia difícil, e amanhã precisamos planejar seus horários e examinar suas roupas para ver o que é necessário comprar. A Nancy vai lhe dar uma vela. Tome cuidado ao usá-la. O café da manhã é servido às 7h30. Trate de ser pontual. Boa noite.

Com a maior naturalidade, Pollyanna veio para perto da tia e lhe deu um abraço afetuoso.

– Tem sido tudo tão bom, até agora – ela suspirou, feliz. – Tenho certeza de que vou amar morar com a senhora; na verdade, eu já sabia disso mesmo antes de vir. Boa noite – falou alegremente e saiu correndo da sala.

– Minha nossa! – a srta. Polly exclamou. – Que criança extraordinária! – então franziu a testa. – Está contente porque eu a puni, e não preciso me sentir mal por isso, e ela vai amar morar comigo! Minha nossa! – exclamou novamente e retomou sua leitura.

Quinze minutos depois, no quartinho do sótão, uma menina solitária soluçava agarrada ao lençol:

– Eu sei, papai entre os anjos, que não estou jogando nem um pouquinho agora... nem um pouquinho; mas acho que nem o senhor ia conseguir encontrar um motivo para ficar contente por dormir sozinho aqui em cima no escuro... deste jeito. Se pelo menos eu estivesse perto da Nancy ou da tia Polly, ou mesmo de uma das senhoras da igreja, seria mais fácil!

Embaixo, na cozinha, Nancy, correndo com o serviço atrasado, ensaboava a leiteira, enquanto resmungava, espasmodicamente:

– Se jogar um jogo tonto... sobre ficar contente com muletas quando o que você queria era uma boneca... é a maneira que eu tenho de ser apoio e refúgio pra ela... ora, então eu jogo... ah, se jogo!

Capítulo VI

Uma questão de dever

Eram quase sete horas quando Pollyanna se despertou naquele primeiro dia depois de sua chegada. Suas janelas estavam voltadas para o sul e para o oeste, de modo que ela ainda não podia ver o sol; mas podia ver o azul enevoado do céu da manhã, e soube que aquele dia prometia ser bonito.

O quartinho agora estava menos abafado, e entrava um ar fresco e puro. Do lado de fora, os pássaros cantavam alegremente, e Pollyanna correu até a janela para conversar com eles. Então, viu que lá embaixo, no jardim, a tia já estava entre as roseiras, e rapidamente se aprontou para encontrá-la.

Pollyanna desceu correndo a escada do sótão, deixando ambas as portas escancaradas. E, sempre correndo, atravessou o corredor, desceu o próximo lance de escada, saiu pela porta da frente e contornou a casa até o jardim.

A tia Polly, ao lado do velho agachado, estava observando uma roseira quando Pollyanna, rindo de contentamento, se jogou sobre ela.

– Ah, tia Polly, tia Polly, esta manhã estou contente simplesmente por estar viva!

– Polly*anna*! – a srta. Polly a repreendeu com um ar severo, tentando ficar o mais ereta possível com 45 quilos pendurados no pescoço. – É assim que você diz bom dia?

A menina voltou para o chão e começou a rodopiar.

– Não, é só que quando amo tanto as pessoas simplesmente não consigo evitar! Eu a vi da minha janela, tia Polly, e me pus a pensar que a senhora não é uma das senhoras da igreja, e sim minha tia verdadeira; e a senhora parecia tão boa que eu simplesmente precisei vir até aqui e lhe dar um abraço!

O velho agachado se virou de repente. A srta. Polly tentou franzir o cenho – mas não foi fácil como de costume.

– Pollyanna, você... Eu... Thomas, isso é tudo por hoje. Acho que entendeu... sobre as roseiras – falou, de modo rígido. Então virou as costas e saiu andando depressa.

– Sempre trabalha no jardim, senhor? – Pollyanna perguntou, interessada.

O homem se virou. Seus lábios estavam contraídos, mas seus olhos pareciam embaçados, como se estivessem cheios de lágrimas.

– Sim, senhorita. Eu sou o Velho Tom, o jardineiro – respondeu. Timidamente, mas como que impelido por uma força irresistível, ele estendeu uma mão trêmula e a deixou

repousar por um instante sobre o cabelo claro da menina. – Você é tão parecida com a sua mãe! Conheci sua mãe quando ela era ainda menor do que você. Vê, eu já trabalhava no jardim... naquela época.

Pollyanna ficou nitidamente sem ar.

– Trabalhava? E o senhor conheceu mesmo a minha mãe... quando ela era apenas um anjinho na terra, e não no céu? Ah, por favor, me fale sobre ela! – e imediatamente se sentou ao lado do velho, bem no meio do caminho de terra.

Soou uma campainha na casa. No momento seguinte, Nancy foi vista saindo correndo pela porta dos fundos.

– Srta. Pollyanna, a campainha significa café... da manhã – ela falou, ofegante, erguendo a menina pelo braço e arrastando-a às pressas de volta para casa –, e outras vezes significa outras refeições. Mas sempre significa que você precisa correr como uma flecha quando ouvir, não importa onde estiver. Do contrário... bom, vai dar um trabalhão pra encontrar *algum motivo* pra ficar contente por isso! – concluiu, tocando Pollyanna para dentro da casa como tocaria uma galinha rebelde para dentro de um galinheiro.

O café da manhã, durante os primeiros cinco minutos, foi uma refeição silenciosa; então a srta. Polly – cujos olhos acompanhavam, com um ar de desaprovação, as asas etéreas de duas moscas que pousavam sobre a mesa aqui e ali – falou, de modo severo:

– Nancy, de onde vieram essas moscas?

– Não sei, senhora. Não tinha nenhuma na cozinha. – Na tarde anterior, Nancy estava agitada demais para notar as janelas abertas no quarto de Pollyanna.

– Acho que devem ser minhas, tia Polly – Pollyanna observou amavelmente. – Havia um montão delas esta manhã, fazendo a festa lá em cima.

Nancy se retirou da sala precipitadamente, ainda que para isso tenha precisado levar de volta os bolinhos quentes que acabava de trazer.

– Suas! – a srta. Polly quase se engasgou. – O que você quer dizer? De onde vieram?

– Ora, tia Polly, vieram de fora, claro, pelas janelas. Eu *vi* algumas delas entrando.

– Você viu! Quer dizer que abriu aquelas janelas sem mosquiteiros?

– É, abri. Não tinha mosquiteiros, tia Polly.

Nancy, nesse instante, entrava novamente com os bolinhos. Seu rosto estava sério, mas muito vermelho.

– Nancy – ordenou a patroa, num tom ríspido –, deixe os bolinhos e vá imediatamente ao quarto da srta. Pollyanna fechar as janelas. Feche as portas, também. Mais tarde, quando terminar o serviço da manhã, percorra todos os cômodos com o mata-moscas. Não deixe passar nenhuma.

Para a sobrinha, ela disse:

– Pollyanna, encomendei mosquiteiros para as janelas. Sei, obviamente, que é meu dever fazer isso. Mas me parece que você se esqueceu completamente do *seu* dever.

– Meu... dever? – Pollyanna tinha os olhos arregalados de assombro.

– Certamente. Eu sei que está calor, mas entendo que é seu dever manter suas janelas fechadas até os mosquiteiros chegarem. As moscas, Pollyanna, não só são sujas e importunas, como também muito perigosas para a saúde. Depois do café, vou lhe dar um folheto sobre isso para ler.

– Ler? Ah, obrigada, tia Polly. Adoro ler!

A srta. Polly respirou fundo, e então apertou um lábio contra o outro. Pollyanna, vendo seu rosto severo, franziu a testa, pensativa.

– É claro que sinto muito por ter me esquecido do meu dever, tia Polly – ela se desculpou timidamente. – Não vou mais abrir as janelas.

A tia não respondeu. De fato, ela não falou mais nada até o fim da refeição. Então se levantou, foi até a estante de livros na sala de estar, pegou uma pequena brochura e atravessou a sala em direção à sobrinha.

– Este é o artigo que falei, Pollyanna. Quero que vá para o seu quarto e leia imediatamente. Subo daqui a meia hora para ver suas coisas.

Pollyanna, com os olhos sobre a ilustração de uma cabeça de mosca ampliada muitas vezes, exclamou alegremente:

– Ah, obrigada, tia Polly! – No momento seguinte, ela saiu pulando, exultante, batendo a porta atrás de si.

A srta. Polly franziu o cenho, hesitante. Então, atravessou a sala com um ar majestoso e abriu a porta; mas Pollyanna já estava fora de vista, subindo as escadas que davam para o sótão.

Meia hora depois, quando a srta. Polly, cada linha de seu rosto severo expressando dever, subiu as escadas e entrou no quarto de Pollyanna, foi recebida com grande entusiasmo.

– Ah, tia Polly, nunca vi nada tão interessante e fascinante na minha vida. Estou tão contente por a senhora ter me dado este livro para ler! Nossa, eu não imaginava que as moscas pudessem carregar tantas coisas nas patas, e...

– Já chega – observou a tia Polly, com autoridade. – Pollyanna, traga suas roupas para eu ver. O que não for adequado para você, vou doar para os Sullivan.

Visivelmente relutante, Pollyanna deixou o folheto e se dirigiu ao guarda-roupa.

– Acho que a senhora vai achar piores do que as senhoras da igreja achavam... e *elas* diziam que eram vergonhosas – ela suspirou. – Mas quase que só havia coisas para meninos e pessoas mais velhas nos últimos dois ou três barris; e... a senhora já recebeu um barril dos missionários, tia Polly?

Ao ver o olhar chocado e exasperado da tia, Pollyanna se corrigiu imediatamente.

– Ora, não, é claro que não recebeu, tia Polly! – ela foi logo falando, com o rosto quente e vermelho. – Eu me esqueci; os ricos nunca precisam dos barris. Mas é que às vezes esqueço que a senhora é rica... estando aqui em cima, neste quartinho, sabe.

Indignada, a srta. Polly abriu a boca, mas não proferiu nenhuma palavra. Pollyanna, sem perceber que havia dito algo minimamente desagradável, prosseguia.

– Bem, como eu ia dizendo, os barris dos missionários são sempre uma surpresa... a única certeza é que você não vai encontrar neles o que achava que ia encontrar. Eram os barris, também, que eram a parte mais difícil do jogo, para o papai e...

Bem a tempo, Pollyanna se lembrou de que não deveria falar do pai para a tia. Então, ela se enfiou no guarda-roupa, com pressa, e trouxe, em ambos os braços, todos os seus vestidinhos pobres.

– Não são nada bonitos – ela falou, nervosa – e seriam pretos se não fosse pelo tapete vermelho para a igreja; mas são tudo que eu tenho.

Com as pontas dos dedos, a srta. Polly revirou as roupas amontoadas, tão obviamente feitas para qualquer outra pessoa, menos para Pollyanna. Em seguida, com o rosto sério, examinou as roupas íntimas remendadas, guardadas nas gavetas da cômoda.

– As melhores, eu estou usando – Pollyanna confessou, ansiosa. – As senhoras da igreja compraram um conjunto completo para mim. A sra. Jones... ela é a presidente... falou que eu deveria ter um, mesmo que elas tivessem que caminhar por corredores sem tapetes pelo resto de seus dias. Mas não vão. O sr. White não gosta do barulho. São os nervos, diz a mulher dele; mas ele também tem dinheiro, e elas esperam que ele doe uma boa quantia para o tapete... por causa dos nervos, sabe. Acho que ele deveria ficar contente porque, apesar de sofrer dos nervos, tem dinheiro... a senhora não acha?

A srta. Polly parecia não ter ouvido. Depois de examinar as roupas, ela se virou para Pollyanna de modo um tanto abrupto.

– Você frequentou a escola, certo, Pollyanna?

– Ah, sim, tia Polly. Além disso, o pap... quero dizer, eu também recebia lições em casa.

A srta. Polly franziu a testa.

– Ótimo. No outono, você vai entrar para a escola daqui. O sr. Hall, o diretor, certamente vai saber determinar a que série você pertence. Enquanto isso, suponho que deva ouvir você ler em voz alta durante meia hora todos os dias.

– Ah, eu adoro ler; mas se a senhora não quiser me ouvir, eu ia ficar contente de ler para mim mesma... de verdade, tia Polly. E também eu nem ia precisar me esforçar para ficar contente, porque prefiro ler para mim mesma... por causa das palavras compridas, sabe?

– Não duvido disso – a tia Polly respondeu, séria. – Você estudou música?

– Não muito. Não gosto da minha música... embora goste da música dos outros. Aprendi a tocar piano, um pouco. A srta. Gray... ela toca na igreja... ela me ensinou. Mas eu preferia deixar isso para lá, tia Polly. De verdade.

– É bem provável – a tia Polly observou, com as sobrancelhas ligeiramente erguidas. – Entretanto, penso que é meu dever garantir que você seja instruída pelo menos nos rudimentos da música. Você costura, é claro.

– Sim, senhora – Pollyanna suspirou. – As senhoras da igreja me ensinaram. Mas foi bem difícil. A sra. Jones não era a favor de segurar a agulha como as outras faziam ao casear um botão, e a sra. White achava que o pesponto deveria ser ensinado antes da bainha (ou ao contrário), e a sra. Harriman não era a favor de ensinar remendos, jamais.

– Bem, já não vai haver dificuldade desse tipo, Pollyanna. Eu mesma vou ensinar você a costurar, é claro. Suponho que não saiba cozinhar.

Pollyanna riu subitamente.

– Elas estavam começando a me ensinar este verão, mas não avancei muito. Estavam ainda mais divididas sobre isso do que sobre a costura. *Iam* começar com o pão; mas não havia duas delas que fizessem pão do mesmo jeito; então, depois de muito discutir num dos encontros de costura, decidiram se revezar para me ensinar uma manhã por semana... cada uma na sua cozinha, sabe. Mas eu só tinha aprendido doce de chocolate e bolo de figo, quando... quando tive que parar – sua voz falhou.

– Doce de chocolate e bolo de figo! – a srta. Polly repetiu, num tom desdenhoso. – Acho que podemos remediar isso em breve. – Ela parou por um minuto, pensativa, e então prosseguiu calmamente. – Às nove horas, todas as manhãs, você vai ler em voz alta para mim por meia hora. Antes disso, deve usar seu tempo para colocar este quarto em ordem. Às quartas e sábados de manhã, depois das 9h30, vai ficar com a Nancy na cozinha, aprendendo a cozinhar. Nas outras manhãs, vai aprender a costurar comigo. Isso deixa as tardes para sua música. Obviamente, vou procurar um professor para você o quanto antes – ela concluiu, decidida, e se levantou da cadeira.

Pollyanna exclamou, consternada:

– Ah, mas tia Polly, tia Polly, a senhora não me deixou nenhum tempo apenas para... apenas viver.

– Viver, criança! Como assim? Como se não estivesse vivendo o tempo todo!

– Ah, é claro que eu estaria *respirando* o tempo todo em que estivesse fazendo essas coisas, tia Polly, mas não estaria vivendo. Respiramos o tempo todo enquanto dormimos, mas não estamos vivendo. Eu me refiro a fazer as coisas que quero fazer: brincar lá fora, ler (para mim mesma, claro), subir montanhas, conversar com o sr. Tom no jardim, e com a Nancy, e descobrir tudo sobre as casas e as pessoas e tudo em toda parte por todas

as ruas incríveis por onde passei ontem. Isso é o que chamo de viver, tia Polly. Só respirar não é viver!

A srta. Polly ergueu a cabeça, irritada.

– Pollyanna, você é a criança mais extraordinária que conheço! É claro que vai ter tempo suficiente para brincar. Mas, certamente, me parece que, se estou disposta a cumprir meu dever de garantir que você receba cuidados e instrução adequados, *você* precisa estar disposta a cumprir seu dever de não deixar que esses cuidados e instrução sejam desperdiçados ingratamente.

Pollyanna pareceu chocada.

– Ah, tia Polly, como se eu pudesse ser ingrata... com *a senhora*! Ora, *eu amo a senhora*... e nem é uma das senhoras da igreja; é uma tia!

– Muito bem; então trate de não agir com ingratidão – condescendeu a srta. Polly, dirigindo-se para a porta.

Ela estava na metade da escada quando uma vozinha trêmula a chamou:

– Tia Polly, por favor, a senhora não me disse qual das minhas coisas queria... mandar embora.

A srta. Polly soltou um suspiro cansado – um suspiro que foi direto aos ouvidos de Pollyanna.

– Ah, esqueci de dizer, Pollyanna. Timothy vai nos levar até a cidade às 13h30 esta tarde. Nenhuma das suas roupas é adequada para minha sobrinha usar. Certamente eu estaria muito distante de cumprir meu dever com você se a deixasse sair com qualquer uma delas.

Agora foi a vez de Pollyanna suspirar – ela achava que ia odiar esta palavra: dever.

– Tia Polly, por favor – ela pediu, chorosa –, não existe *nenhum* jeito de a senhora ficar contente com toda essa coisa de... dever?

– O quê? – a srta. Polly ergueu os olhos, atônita; então, de repente, com as bochechas muito vermelhas, virou as costas e desceu a escada, irritada. – Não seja impertinente, Pollyanna!

No quartinho quente do sótão, Pollyanna se deixou cair sobre uma das cadeiras de encosto reto. Para ela, a existência que a aguardava era um ciclo incessante de deveres.

– Eu realmente não entendo o que houve de impertinente nisso – ela suspirou. – Só perguntei se ela não conseguia encontrar algum motivo para ficar contente com toda essa coisa de dever.

Por vários minutos, Pollyanna ficou sentada em silêncio, os olhos pesarosos fixos no monte de roupas sobre a cama. Então, lentamente, ela se levantou e começou a guardar os vestidos.

– Não consigo ver nenhum motivo para ficar contente com essa coisa de dever – ela

falou, em voz alta. – A não ser... ficar contente quando o dever estiver cumprido! – e soltou uma gargalhada.

Capítulo VII

Pollyanna e os castigos

Às 13h30, Timothy levou a srta. Polly e a sobrinha para as quatro ou cinco principais lojas de roupas e tecidos, que ficavam a cerca de um quilômetro da cidade.

Conseguir um novo guarda-roupa para Pollyanna se mostrou uma experiência mais ou menos agradável para todos os envolvidos. A srta. Polly saiu com a sensação de relaxamento muscular que se poderia sentir ao pisar novamente em terra firme após uma caminhada perigosa por sobre a crosta frágil de um vulcão. Os vários vendedores que atenderam as duas saíram com o rosto vermelhíssimo, e histórias engraçadas em número suficiente para fazer os amigos rirem pelo resto da semana. A própria Pollyanna saiu com um sorriso radiante e o coração contente; pois, como disse a um dos vendedores:

– Quando você nunca teve nada nem ninguém além dos barris dos missionários e das senhoras da igreja para te vestir, é simplesmente maravilhoso poder entrar numa loja e comprar roupas novas que não precisam ser ajustadas porque não servem!

A expedição de compras consumiu a tarde toda; então vieram o jantar e uma conversa agradável com o Velho Tom no jardim, e outra com Nancy na varanda dos fundos, depois de lavada a louça e enquanto a tia Polly visitava um vizinho.

O Velho Tom contou a Pollyanna coisas incríveis sobre sua mãe, que a deixaram realmente muito feliz; e Nancy lhe contou tudo sobre o sítio a dez quilômetros dali onde viviam sua querida mãe e seus irmãos e irmãs igualmente queridos. Ela também prometeu que algum dia, se a srta. Polly deixasse, levaria Pollyanna para conhecê-los.

– E também eles têm nomes lindos. Você vai gostar dos nomes *deles* – Nancy suspirou. – "Algernon", e "Florabelle" e "Estelle". Eu simplesmente odeio "Nancy"!

– Ah, Nancy, que coisa horrível de se dizer! Por quê?

– Porque não é bonito como os outros. Vê, eu fui a primeira filha, e na época minha mãe ainda não lia tantas histórias com personagens com nomes bonitos.

– Mas eu adoro "Nancy", só porque é você – Pollyanna declarou.

– Hum! Bom, acho que cê também podia adorar "Clarissa Mabelle" – Nancy retorquiu – e eu ia ficar muito mais feliz. Acho *esse* nome simplesmente grandioso!

Pollyanna riu.

– Bem, de todo modo – falou –, você pode ficar contente por não se chamar "Hephzibah".

– “Hephzibah”?!

– Sim. Este é o nome da sra. White. O marido a chama de “Hip”, e ela não gosta. Ela diz que quando ele grita “Hip... Hip!” ela sente como se logo em seguida ele fosse gritar “Hurra!”, e ela não gosta.

A expressão sombria no rosto de Nancy deu lugar a um sorriso largo.

– Quer saber? Agora toda vez que eu ouvir “Nancy”, vou lembrar do “Hip... Hip!” e dar risada. Nossa, acho que *estou* contente – ela parou de repente e olhou perplexa para a menina. – Srta. Pollyanna, quer dizer... que estava jogando aquele jogo... sobre eu ficar contente por não me chamar Hephzibah?

Pollyanna franziu a testa; então deu risada.

– Viu, Nancy, é isso! Eu *estava*... Mas esta foi uma das vezes em que simplesmente joguei sem pensar, acho. Vê, acontece o tempo todo; a gente se acostuma com isso... procurar algum motivo para ficar contente... sabe. E quase sempre existe um motivo para ficar contente, é só procurar.

– É... talvez... – Nancy admitiu, hesitante.

Às 20h30, Pollyanna subiu para dormir. Os mosquiteiros ainda não tinham chegado, e o quartinho fechado estava parecendo um forno. A menina olhou ansiosa para as duas janelas fechadas, mas não as abriu. Então se despiu, dobrou as roupas com cuidado, fez suas orações, apagou a vela e se enfiou na cama.

Por quanto tempo ela ficou deitada sem conseguir dormir, virando de um lado para outro na cama quente, ela não soube; mas tinha a impressão de que devem ter se passado horas até que ela finalmente se levantou, atravessou o quarto às cegas e abriu a porta.

Do lado de fora, no sótão principal, tudo era escuridão aveludada, exceto onde a luz da lua, que entrava pela janela do leste, desenhava um caminho prateado que dividia o chão ao meio. Decidida a ignorar a escuridão tenebrosa à direita e à esquerda, Pollyanna respirou fundo e seguiu pelo caminho prateado, até chegar à janela.

Ela nutrira a vaga esperança de que esta janela tivesse mosquiteiro, mas não tinha. Do lado de fora, entretanto, havia um vasto mundo de beleza encantadora, e havia, também, ela sabia, um ar fresco e puro que seria tão aprazível em suas mãos e bochechas quentes!

Quando se aproximou e olhou desejosa para fora, Pollyanna viu algo mais: viu, um pouco abaixo da janela, o amplo telhado do jardim de inverno da srta. Polly, construído sobre o *porte-cochère*. Essa vista alimentou ainda mais seu desejo. Se ao menos ela estivesse lá fora!

Temerosa, Pollyanna olhou para trás. Ali, em algum lugar, estavam seu quartinho quente e sua cama ainda mais quente; mas entre eles e ela havia um horrível deserto de

escuridão por onde ela precisaria tatear o caminho; ao passo que, à sua frente, no telhado do jardim de inverno, estavam a luz da lua e o ar puro e fresco da noite.

Se ao menos sua cama estivesse lá fora! E tinha gente que dormia ao ar livre. Na sua cidade, Joel Hartley, que estava tão doente de tuberculose, *precisava* dormir ao ar livre.

De repente, Pollyanna se lembrou de ter visto, perto desta janela no sótão, uma fileira de sacos brancos compridos pendurados em pregos. Nancy havia dito que eles continham roupas de inverno, que ficavam guardadas durante o verão. Agora com um pouco de medo, Pollyanna andou pela escuridão até esses sacos, escolheu um bem cheio e fofo (continha o casaco de pele de foca da srta. Polly) para servir de cama; um mais fino, que dobrou para usar de travesseiro, e outro mais fino ainda (tão fino que parecia quase vazio) para usar de coberta. Assim equipada, Pollyanna, exultante, caminhou novamente até a janela iluminada pela lua, ergueu a vidraça, jogou os sacos sobre o telhado abaixo e então se deixou cair sobre eles, fechando a janela com cuidado atrás de si – ela não tinha se esquecido das moscas com suas incríveis patas que transportavam coisas.

Como estava deliciosamente fresco ali! Pollyanna, alegre, rodopiava de um lado para outro, fazendo inalações longas e completas do ar revigorante. Sob seus pés, o telhado de metal dava pequenos estalos, que Pollyanna adorava. De fato, ela caminhou de um lado a outro duas ou três vezes – e isso lhe deu uma sensação tão agradável de frescor depois daquele quartinho quente; e o teto era tão amplo e plano, que ela não teve medo de cair. Finalmente, com um suspiro de contentamento, a menina se aconchegou sobre o colchão de casaco de pele de foca, acomodou o saco que seria seu travesseiro, usou o outro como coberta e se preparou para dormir.

– Estou tão contente que os mosquiteiros não tenham chegado – murmurou, observando as estrelas –, ou eu não estaria vivendo isto!

No andar de baixo, no quarto da srta. Polly, próximo do jardim de inverno, a própria srta. Polly vestiu os chinelos e o robe às pressas, o rosto pálido e assustado. Um minuto antes, ela havia telefonado para Timothy, com a voz trêmula:

– Venham depressa! Você e seu pai. Tragam lanternas. Tem alguém no telhado do jardim de inverno. Deve ter subido pela treliça de rosas ou por algum outro lugar, e é claro que pode entrar na casa pela janela do leste, no sótão. Eu tranquei a porta do sótão que dá acesso à casa... Mas venham logo!

Algum tempo depois, Pollyanna, que tinha acabado de cair no sono, foi despertada por uma luz de lanterna e um trio de exclamações desconcertadas. Ao abrir os olhos, ela encontrou Timothy no alto de uma escada a seu lado, o Velho Tom saindo pela janela e a tia espiando atrás dele.

– Pollyanna, o que significa isso? – a tia Polly gritou.

Pollyanna piscou, sonolenta, e se sentou.

– Mas, sr. Tom... tia Polly! – ela gaguejou. – Não fiquem tão assustados! Não é que eu esteja doente dos pulmões, como Joel Hartley. É só que estava tão quente... lá dentro. Mas eu fechei a janela, tia Polly, para as moscas não levarem os germes para dentro.

Timothy desapareceu de repente escada abaixo. O Velho Tom, com precipitação quase idêntica, entregou a lanterna para a srta. Polly e acompanhou o filho. A srta. Polly mordeu o lábio com força... até que os homens se foram; então falou, num tom severo:

– Pollyanna, entregue essas coisas para mim imediatamente e venha até aqui. Que criança extraordinária! – ela exclamou um pouco depois, quando, com Pollyanna a seu lado e a lanterna na mão, regressou para o sótão.

Para Pollyanna, o quartinho estava ainda mais sufocante depois daquele ar fresco do lado de fora; mas ela não reclamou. Só deu um longo e trêmulo suspiro.

No alto da escada, a srta. Polly falou, decidida:

– Pelo resto da noite, Pollyanna, você vai dormir na minha cama, comigo. Os mosquiteiros vão chegar amanhã, mas até lá entendo que é meu dever mantê-la onde eu saiba onde está.

Pollyanna respirou fundo.

– Com a senhora?... na sua cama? – ela exclamou, extasiada. – Ah, tia Polly, tia Polly, quanta gentileza sua! E quando eu queria tanto dormir com alguém... alguém da família, sabe; não uma senhora da igreja. Nossa! Confesso que estou feliz porque os mosquiteiros não chegaram! A senhora não estaria?

Não houve resposta. A srta. Polly saiu andando, irritada. A srta. Polly, para dizer a verdade, sentia-se estranhamente impotente. Pela terceira vez desde a chegada de Pollyanna, ela estava castigando a sobrinha... e, pela terceira vez, estava sendo confrontada com o incrível fato de que seu castigo era entendido como uma premiação por mérito. Não é de admirar que estivesse se sentindo estranhamente impotente.

Capítulo VIII

Pollyanna faz uma visita

Não tardou muito para que a vida na propriedade dos Harrington adquirisse uma certa ordem – embora não exatamente a ordem que a srta. Polly determinara a princípio. Pollyanna costurava, praticava piano, lia em voz alta e aprendia culinária na cozinha, é verdade; mas não dedicava a nenhuma dessas atividades tanto tempo quanto fora planejado inicialmente. Ela tinha mais tempo, também, para "apenas viver", como dizia, pois quase todas as tardes, das duas às seis, eram dela, para fazer o que quisesse – desde que não "quisesse" fazer certas coisas já proibidas pela tia Polly.

A questão é, talvez, se todo esse tempo de lazer foi dado à menina para que Pollyanna descansasse das atividades, ou para que a tia Polly descansasse de Pollyanna. Certamente, quando aqueles primeiros dias de julho passaram, a srta. Polly encontrou muitas ocasiões para exclamar "Que criança extraordinária!", e certamente cada lição de leitura e de costura terminava com uma tia Polly um tanto perplexa e totalmente exausta.

Nancy, na cozinha, se saía melhor. Ela não ficava perplexa, nem exausta. Na verdade, as quartas e os sábados vieram a ser dias especiais para ela.

Nas imediações da propriedade dos Harrington não havia crianças com quem Pollyanna pudesse brincar. A casa ficava fora da cidade, e embora houvesse outras casas não muito longe dali, em nenhuma havia meninos ou meninas mais ou menos da idade dela. Isso, no entanto, não parecia perturbá-la nem um pouco.

– Ah, não, eu não ligo – ela explicou para Nancy. – Fico feliz só de caminhar e ver as ruas e as casas e observar as pessoas. Eu adoro pessoas. Você não, Nancy?

– Bom, não posso dizer que adoro... todas elas – Nancy retorquiu, secamente.

Quase sempre, quando a tarde era agradável, Pollyanna implorava por tarefas para realizar fora de casa, para que pudesse sair para caminhar numa ou noutra direção; e era nessas caminhadas que ela frequentemente encontrava o Homem. Para si mesma, Pollyanna sempre se referia a ele como "o Homem", não importava se encontrasse uma dúzia de outros homens no mesmo dia.

O Homem geralmente usava um longo casaco preto e um chapéu alto de seda – duas coisas que os outros homens nunca usavam. Seu rosto era bem afeitado e um tanto pálido, e seu cabelo, que aparecia por sob o chapéu, era meio grisalho. Caminhava ereto

e um tanto depressa, e estava sempre sozinho, o que levou Pollyanna a sentir certa pena dele. Talvez tenha sido por isso que, um dia, ela falou com ele.

– Como vai, senhor? O dia está lindo, não? – ela falou alegremente, ao se aproximar dele.

O homem olhou apressado à sua volta; então parou, hesitante.

– Falou... comigo? – ele perguntou, com uma voz ríspida.

– Sim, senhor – Pollyanna abriu um sorriso. – Falei: "o dia está lindo, não?"

– Hein? Oh! Hum! – ele resmungou, e continuou caminhando a passos largos.

Pollyanna riu. Ele era um homem tão engraçado, pensou.

No dia seguinte, ela o viu novamente.

– Hoje não está tão lindo quanto ontem, mas está bem bonito – a menina exclamou, alegre.

– Hein? Oh! Hum! – o homem resmungou como antes; e, mais uma vez, Pollyanna riu, feliz.

Quando, pela terceira vez, Pollyanna o abordou da mesma maneira, o homem parou abruptamente.

– Escute aqui, menina, quem é você, e por que está falando comigo todos os dias?

– Sou Pollyanna Whittier e achei que o senhor parecia solitário. Fico tão contente que tenha parado. Agora fomos apresentados... só que ainda não sei o seu nome.

– Ora, de todas as... – o homem não terminou a frase, mas continuou andando mais depressa do que nunca.

Pollyanna o seguiu com o olhar; seus lábios, normalmente sorridentes, expressavam decepção.

– Talvez ele não tenha entendido... Mas aquilo foi só meia apresentação. Eu ainda não sei o nome *dele* – ela murmurou para si mesma, enquanto seguia seu caminho.

Nesse dia, Pollyanna estava levando geleia de mocotó para a sra. Snow. A srta. Polly Harrington sempre mandava alguma coisa para a sra. Snow, uma vez por semana. Ela dizia que achava que era seu dever, considerando que a sra. Snow era pobre, doente e membro de sua igreja; e era dever de todos os membros da igreja cuidar dela, é claro. Normalmente, a srta. Polly cumpria seu dever para com a sra. Snow nas quintas-feiras à tarde – não pessoalmente, mas através de Nancy. Desta vez, Pollyanna implorara pelo privilégio, e Nancy o concedera prontamente e com o consentimento da srta. Polly.

– E fico contente de poder me livrar disso – Nancy, mais tarde, confessou a Pollyanna –, embora seja uma vergonha jogar esse trabalho nas suas costas, pobrezinha.

– Mas eu vou adorar fazer isso, Nancy.

– Bom, depois de ter feito uma vez, vai mudar de ideia – Nancy previu, com amargura.

– Por quê?

– Porque ninguém gosta. Se as pessoas não tivessem pena dela, não passaria uma alma por perto, de manhã até a noite. Ela é muito mal-humorada. A questão é que tenho pena da filha, que *precisa* tomar conta dela.

– Mas por que, Nancy?

Nancy encolheu os ombros.

– Bom, pra resumir, é só que nada do que acontece está bem pra sra. Snow. Nem mesmo os dias da semana estão bem pra ela. Se é segunda-feira, ela vai dizer que queria que fosse domingo; e se a gente traz geleia, pode ter certeza que vai ouvir que ela queria frango... mas, se *tivesse trazido* frango, ela ia dizer que estava louca por caldo de cordeiro!

– Ora, que mulher engraçada! – Pollyanna riu. – Acho que vou gostar de conhecê-la. Ela deve ser tão surpreendente e... e diferente. Adoro gente *diferente*.

– Hum! Tá legal, a sra. Snow é diferente... espero, mesmo, pro bem de todos nós! – Nancy concluiu, com ironia.

Pollyanna estava pensando nessas observações esta tarde quando apareceu no portão da casinha velha. De fato, seus olhos brilhavam diante da expectativa de conhecer essa sra. Snow "diferente".

Uma jovem de rosto pálido e aparência cansada atendeu sua batida à porta.

– Como vai? – Pollyanna iniciou, educadamente. – Venho da parte da srta. Polly Harrington e gostaria de ver a sra. Snow, por favor.

– Bem, você é a primeira pessoa que "gostaria" de vê-la – a menina resmungou, entredentes; mas Pollyanna não ouviu isso. A jovem tinha virado as costas e a estava conduzindo até uma porta no final do corredor.

No quarto da doente, depois que a moça a instou a entrar e fechou a porta, Pollyanna piscou algumas vezes até que seus olhos se acostumaram à penumbra. Então viu o contorno tênue de uma mulher recostada na cama, do outro lado do cômodo. Pollyanna foi até ela imediatamente.

– Como vai, sra. Snow? A tia Polly disse que espera que a senhora se sinta bem hoje e mandou um pouco de geleia de mocotó.

– Poxa! Geleia? – murmurou uma voz irritada. – É claro que agradeço, mas esperava que fosse caldo de cordeiro hoje.

Pollyanna franziu o cenho.

– Ué, pensei que fosse *frango* que a senhora queria quando as pessoas traziam geleia.

– O quê? – a mulher doente se virou de maneira abrupta.

– Ah, nada, não – Pollyanna foi logo se desculpando –, e é claro que não faz muita diferença. É só que a Nancy disse que era frango que a senhora queria quando trazíamos

geleia, e caldo de cordeiro quando trazíamos frango... mas talvez seja o contrário, e Nancy se confundiu.

A mulher doente se endireitou até sentar-se ereta na cama – algo que quase nunca fazia, mas Pollyanna não sabia disso.

– Bem, srta. Insolência, quem é você? – ela indagou.

Pollyanna riu alegremente.

– Ah, *este* não é o meu nome, sra. Snow... e fico contente que não seja! Seria pior do que "Hephzibah", não acha? Sou Pollyanna Whittier, sobrinha da srta. Polly, e vim morar com ela. É por isso que estou aqui com a geleia esta manhã.

Durante toda a primeira parte desta frase, a mulher doente manteve a postura ereta e interessada; mas, quando Pollyanna mencionou a geleia, voltou a se recostar sobre o travesseiro, indiferente.

– Está bem, obrigada. Sua tia é muito amável, é claro, mas eu não tenho muito apetite, agora, e estava querendo cordeiro – ela se calou de repente; então prosseguiu, mudando de assunto de maneira abrupta. – Eu não preguei o olho esta noite... não preguei o olho!

– Ah, eu bem que gostaria de não ter dormido – Pollyanna suspirou, colocando a geleia sobre um móvel e se acomodando confortavelmente na cadeira mais próxima. – A gente perde tanto tempo dormindo! Não acha?

– Perder tempo... dormindo?! – a mulher doente exclamou.

– É, quando poderia estar apenas vivendo, sabe? É uma pena não podermos viver de noite também.

Mais uma vez, a mulher se endireitou na cama.

– Mas que menina incrível você é! – exclamou. – Ei! Vá até a janela e abra a cortina – ordenou. – Quero ver como você é.

Pollyanna se levantou, mas riu um pouco sem jeito.

– Ah, mas assim a senhora vai ver minhas sardas, não vai? – ela suspirou, enquanto se dirigia à janela. – E logo quando eu estava tão contente porque está escuro e a senhora não podia vê-las. Pronto! Agora a senhora... ah! – Pollyanna interrompeu a fala e exclamou entusiasmada, virando-se para a cama. – Estou tão contente que a senhora quis me ver, pois agora também posso ver a senhora! Não me contaram que era tão bonita!

– Eu, bonita?! – a mulher desdenhou, amargurada.

– Bonita, sim! Não sabia? – Pollyanna exclamou.

– Bem... não, não sabia – a sra. Snow retorquiu, secamente. Ela tinha quarenta anos, e durante quinze anos estivera ocupada demais desejando que as coisas fossem diferentes para encontrar tempo para apreciar as coisas tais como eram.

– Ah, mas seus olhos são tão grandes e pretos, e seu cabelo também é preto, e cacheado – Pollyanna falou, com uma voz suave. – Adoro cachos pretos (É uma das coisas que vou ter quando for para o céu.) E a senhora tem as bochechas rosadas. Ora, sra. Snow, a senhora é bonita! Achei que saberia disso ao se olhar no espelho.

– O espelho! – esbravejou a doente, recostando-se sobre o travesseiro outra vez. – É... bem, não tenho passado muito tempo diante do espelho ultimamente... e você também não passaria, se estivesse de cama como estou!

– Não, é claro que não – Pollyanna concordou, com empatia. – Mas espere... só deixe eu lhe mostrar – exclamou, indo até a cômoda e pegando um pequeno espelho de mão.

A caminho da cama, ela parou, examinando a doente com um olhar crítico.

– Acho que, talvez, se a senhora não se importar, eu gostaria de arrumar seu cabelo só um pouco antes de deixar que veja – propôs. – Posso arrumar seu cabelo, por favor?

– Bem, eu... suponho que sim, se você quiser – a sra. Snow permitiu, reticente –, mas não vai durar muito...

– Obrigada! Adoro arrumar o cabelo das pessoas – Pollyanna exultou, soltando com cuidado o espelho de mão e pegando um pente. – Não vou fazer muita coisa hoje, é claro... estou com muita pressa de que a senhora veja o quanto é bonita; mas algum dia vou soltar o cabelo todo e passar um bom tempo arrumando – exclamou, tocando com dedos suaves o cabelo ondulado sobre a testa da mulher.

Durante cinco minutos, Pollyanna trabalhou com dedos ágeis e hábeis, modelando um cacho rebelde, dando vida a uns fios sobre a nuca, ou afofando o travesseiro para acomodar melhor a cabeça. Enquanto isso, a doente, franzindo o cenho e francamente menosprezando todo o processo, estava, a contragosto, começando a ser tomada por uma sensação perigosamente próxima do entusiasmo.

– Pronto! – Pollyanna exclamou, e em seguida colheu um cravo de um vaso e o enfiou no cabelo preto onde lhe daria o melhor efeito. – Agora acho que estamos prontas para ser olhadas! – e, triunfante, segurou o espelho.

– Hum! – a mulher resmungou, olhando para seu reflexo com um ar severo. – Prefiro os cravos vermelhos aos cor-de-rosa; mas, de todo modo, vai desbotar antes de anoitecer... então, qual a diferença?

– Acho que a senhora deveria ficar contente que vá desbotar – Pollyanna riu –, pois assim pode ter o prazer de colocar outro. Eu simplesmente amei seu cabelo arrumado desse jeito –concluiu, com um olhar satisfeito. – A senhora, não?

– É... talvez. Ainda assim... não vai durar, comigo virando de um lado pro outro no travesseiro.

– É claro que não... e também fico contente por isso – Pollyanna concordou,

animada –, pois assim posso arrumá-lo de novo. De todo modo, acho que deveria ficar contente por ter cabelo preto... fica muito mais bonito sobre o travesseiro do que um cabelo claro como o meu.

– Pode ser; mas eu nunca dei muita importância a cabelo preto... fica grisalho logo – retorquiu a sra. Snow. Ela falava com irritação, mas continuava segurando o espelho diante do rosto.

– Ah, eu adoro cabelo preto! Ia ficar tão contente se o meu fosse preto – Pollyanna suspirou.

A sra. Snow soltou o espelho e se virou para ela, irritada.

– Não ia, não! Não, se estivesse no meu lugar. Não ia ficar contente por cabelo preto, nem por nada... se tivesse que ficar aqui deitada o dia todo como eu fico!

Pollyanna franziu a testa, pensativa.

– É, seria meio difícil fazer isso, não seria? – ela pensou em voz alta.

– Fazer o quê?

– Ficar contente com as coisas.

– Ficar contente com as coisas... quando você está de cama, doente, todos os dias da sua vida? É, seria, sim! – a sra. Snow respondeu. – Se você não acha isso, então me dê um motivo para ficar contente; só um.

Para grande surpresa da sra. Snow, Pollyanna ficou de pé e bateu palmas.

– Ah, ótimo! Este vai ser difícil, não vai? Agora preciso ir, mas vou pensar a caminho de casa; e, da próxima vez que eu vier, talvez possa lhe dizer. Até mais. Passei uma tarde muito agradável! Até mais! – ela exclamou novamente, enquanto atravessava a porta.

– Cada uma! O que ela quis dizer com isso? – a sra. Snow exclamou, observando a visitante ir embora. Depois se virou, pegou o espelho e examinou criticamente seu reflexo.

– Aquela coisinha tem mesmo jeito com cabelo! – resmungou, entredentes. – Tenho que admitir, eu não imaginava que pudesse ficar tão bonito. Mas, afinal, para quê? – suspirou, soltando o espelhinho sobre os lençóis e virando a cabeça sobre o travesseiro.

Um pouco mais tarde, quando Milly, a filha da sra. Snow, entrou, o espelho ainda estava entre os lençóis, cuidadosamente ocultado da vista.

– Ei, mãe, a cortina está aberta! – Milly exclamou, alternando o olhar surpreso entre a janela e o cravo no cabelo da mãe.

– E qual o problema? – retrucou a mulher doente. – Não preciso ficar no escuro a vida toda só porque estou doente, preciso?

– N... não, é claro que não – Milly foi logo concordando, enquanto pegava o frasco de remédio. – É só que... a senhora sabe muito bem que há séculos venho tentando te

convencer a deixar o quarto mais iluminado, e a senhora nunca quis...

Não houve resposta. A sra. Snow estava mexendo na renda de sua camisola. Finalmente falou, irritada:

– Acho que *alguém* poderia me dar uma camisola nova... em vez de caldo de cordeiro, para variar!

– Mas... mãe!

Não é de admirar que Milly tenha ficado tão perplexa. Na gaveta atrás dela, naquele momento, havia duas camisolas novas, que durante meses Milly vinha insistindo para que a mãe usasse.

Capítulo IX

Sobre o Homem

Quando Pollyanna viu o Homem de novo, estava chovendo. Ela, no entanto, o cumprimentou com um sorriso radiante.

– Hoje o dia não está muito bonito, não é? – ela falou alegremente. – De todo modo, fico contente que não chova sempre!

Desta vez, o Homem nem sequer resmungou, nem virou o rosto. Pollyanna concluiu que obviamente ele não a havia escutado. Por isso, da próxima vez que o encontrou (que aconteceu de ser no dia seguinte), ela falou mais alto. Considerou particularmente necessário fazer isso, de todo modo, porque o Homem andava depressa, com as mãos para trás e os olhos voltados para o chão – o que, para Pollyanna, pareceu absurdo, tendo em vista o sol magnífico e o ar fresco e puro da manhã: Pollyanna fora presenteada com a incumbência de realizar uma tarefa fora de casa.

– Como vai? – ela gorjeou. – Estou tão contente que hoje não seja ontem, o senhor não está?

O Homem parou de modo abrupto. Seu rosto tinha uma expressão irritada.

– Escute aqui, menina, precisamos esclarecer isto agora mesmo, e de uma vez por todas – ele começou, impaciente. – Tenho outras coisas em que pensar, além do clima. Não sei se o sol está brilhando ou não.

Pollyanna abriu um sorriso alegre.

– Claro, senhor, imaginei que não soubesse. Foi por isso que falei.

– É; bem... Oi? O quê? – ele interrompeu a fala, subitamente compreendendo as palavras dela.

– Eu disse que foi por isso que falei... para que o senhor notasse, sabe... que o sol está brilhando, e tudo mais. Eu sabia que o senhor ficaria contente com isso, se parasse para pensar a respeito... e não parecia estar pensando nisso nem um pouco!

– Ora, de todas as... – o Homem exclamou, com um gesto estranhamente impotente. Ele começou a caminhar outra vez, mas depois do segundo passo, voltou, ainda com o cenho franzido.

– Escute aqui, por que você não procura alguém da sua idade para conversar?

– Eu gostaria, senhor, mas não tem ninguém da minha idade por aqui, a Nancy falou. Mas eu não ligo muito. Também gosto de gente mais velha, às vezes... talvez até

mais... estou acostumada com as senhoras da igreja.

– Hum! As senhoras da igreja, claro! É isso que acha que sou? – os lábios do Homem estavam ameaçando sorrir, mas o franzido na testa ainda tentava mantê-los sérios.

Pollyanna riu, divertida.

– Ah, não, senhor. O senhor não se parece nem um pouco com uma senhora da igreja... não que o senhor não seja igualmente amável... ou talvez até mais – ela foi logo acrescentando, educadamente. – Sabe, tenho certeza de que o senhor é muito mais amável do que parece!

O Homem fez um barulho estranho na garganta.

– Ora, de todas as... – ele exclamou novamente, enquanto se virava e seguia caminhando como antes.

Da próxima vez que Pollyanna encontrou o Homem, ele estava olhando bem nos olhos dela, com uma expressão tão determinada e cômica que seu rosto até lhe pareceu simpático.

– Boa tarde – ele a cumprimentou de modo um tanto rígido. – Talvez seja melhor eu dizer de uma vez que *sei* que o sol está brilhando hoje.

– Mas o senhor não precisava me dizer – disse Pollyanna, com astúcia. – Eu *soube* que o senhor sabia disso assim que o vi.

– Ah, soube?

– Sim, senhor. Percebi pelos seus olhos, sabe, e pelo seu sorriso.

– Hum! – ele resmungou e seguiu em frente.

Depois disso, o Homem sempre falava com Pollyanna, e com frequência falava primeiro, embora geralmente dissesse não mais do que "boa tarde". Mesmo isso, no entanto, foi uma grande surpresa para Nancy, que certa vez estava com Pollyanna no momento em que ele a cumprimentou.

– Deus do Céu, srta. Pollyanna – ela balbuciou –, aquele homem *falou com você*?

– Ué... sim, ele sempre fala... agora – Pollyanna sorriu.

– Ele sempre fala?! Meu Deus! Sabe quem ele é? – Nancy perguntou.

Pollyanna franziu a testa e fez que não com a cabeça.

– Acho que ele esqueceu de me contar. Fiz a minha parte da apresentação, mas ele não fez a dele.

Nancy arregalou os olhos.

– Mas ele nunca fala com ninguém, menina... e isso já faz anos, acho, a não ser quando precisa, nos comércios e tudo mais. É John Pendleton. Ele mora sozinho na casa enorme no alto da colina de Pendleton. Não tem nem mesmo alguém que cozinhe para ele... vem até o hotel três vezes por dia, para fazer as refeições. Eu conheço a Sally Miner, que o atende, e ela diz que ele mal abre a boca pra pedir o que quer comer.

Quase sempre ela tem que adivinhar... só sabe que vai ser alguma coisa *barata*! Isso, ela sabe sem ele dizer.

Pollyanna assentiu com a cabeça, demonstrando compreensão.

– Eu sei. Você precisa procurar coisas baratas, quando é pobre. O papai e eu comíamos fora muitas vezes. Quase sempre comíamos feijão e bolinho de peixe. Costumávamos dizer que éramos contentes por gostar de feijão... isto é, dizíamos principalmente quando estávamos olhando para o peru assado, sabe, que era muito caro. O sr. Pendleton gosta de feijão?

– Se ele gosta...? E o que importa? Ora, srta. Pollyanna, John Pendleton não é pobre. Ele tem um monte de dinheiro... herdou do pai. Não tem ninguém na cidade tão rico quanto ele. Poderia comer dinheiro, se quisesse... e nem perceber.

Pollyanna riu.

– Como se alguém *pudesse* comer dinheiro e não perceber, Nancy, ao tentar mastigar!

– Rá! Quero dizer que ele é rico o bastante pra isso – Nancy encolheu os ombros. – Ele só não gasta o dinheiro... guarda tudo.

– Ah, para os pobres da Índia – Pollyanna concluiu. – Excelente! Isso é negar a si mesmo e tomar sua cruz. Eu sei; o papai me explicou.

Nancy abriu a boca subitamente, como se houvesse palavras furiosas prontas para sair; mas seus olhos, pousados sobre o rosto de Pollyanna, exultante e cheio de confiança, viram algo que a impediu de pronunciar tais palavras.

– Hum! – ela cedeu. E então, mostrando interesse novamente, prosseguiu: – Mas, convenhamos, é estranho ele falando com você, srta. Pollyanna. Ele não fala com ninguém; e vive completamente sozinho numa casa linda e enorme e, segundo dizem, cheia de coisas caras... Tem gente que acha ele é louco, outros acham que é só mal-humorado; e tem quem diga que ele tem um esqueleto no armário.

– Ah, Nancy! – Pollyanna sentiu um arrepio. – Como ele pode guardar uma coisa horrível como essa? Acho que deveria jogaria fora!

Nancy riu. Sabia muito bem que Pollyanna havia interpretado à letra o esqueleto no armário; mas, maldosamente, se absteve de desfazer o mal-entendido.

– E *todo mundo* diz que ele é misterioso – prosseguiu. – Alguns anos ele só viaja, semana sim, semana não; e é sempre para países pobres... Egito e Ásia e o deserto do Saara, sabe.

– Ah, um missionário! – Pollyanna concluiu.

Nancy deu uma risada estranha.

– Bom, eu não disse isso, srta. Pollyanna. Quando volta, ele escreve livros... livros esquisitos, segundo dizem, sobre alguma bugiganga que encontrou nos países que

visitou. Mas nunca parece querer gastar dinheiro aqui... pelo menos, não para viver.

– É claro que não... está guardando para os pobres – Pollyanna declarou. – Mas ele é um homem engraçado, e também é diferente, como a sra. Snow... só que ele é um diferente, *diferente*.

– Bom, imagino que seja... muito! – Nancy riu.

– De todo modo, agora estou ainda mais contente por ele ter falado comigo – Pollyanna suspirou, satisfeita.

Capítulo X

Uma surpresa para a sra. Snow

Quando Pollyanna visitou a sra. Snow novamente, a encontrou, como da primeira vez, num quarto escuro.

– É a sobrinha da srta. Polly, mãe – Milly anunciou, com a voz cansada; então Pollyanna se viu sozinha com a mulher inválida.

– Ah, é você, é? – perguntou, da cama, uma voz ansiosa. – Eu me lembro de você. *Qualquer um* se lembraria de você, acho. Eu queria que tivesse vindo ontem. *Queria* você, ontem.

– Queria? Bem, fico contente porque não há dia menos distante de ontem do que hoje – Pollyanna riu, avançando alegremente pelo quarto e acomodando sua cesta com cuidado sobre uma cadeira. – Nossa! Não está escuro aqui? Não consigo ver a senhora, nem um pouquinho – ela exclamou, e, sem hesitar, foi até a janela e abriu a cortina. – Quero ver se a senhora arrumou o cabelo como eu fiz... ah, não arrumou! Mas não importa; fico contente que não o tenha arrumado, afinal, pois talvez me deixe arrumá-lo outra vez... mais tarde. Mas, agora, quero que veja o que eu trouxe para a senhora.

A mulher se mexeu, inquieta.

– Como se a aparência fizesse alguma diferença no gosto – desdenhou, mas voltou os olhos para a cesta. – Bem, o que é?

– Adivinhe! O que a senhora quer? – Pollyanna estava agora ao lado da cesta. Seu rosto estava iluminado.

A mulher doente franziu a testa.

– Ora, não *quero* nada, que eu saiba – suspirou. – Afinal, tudo tem o mesmo gosto!

Pollyanna riu.

– Este, não. Adivinhe! Se *quisesse* alguma coisa, o que seria?

A mulher hesitou. Ela não percebia, mas estava tão acostumada a querer o que não tinha, que declarar de antemão o que *queria*, antes de saber o que havia, parecia impossível. Obviamente, no entanto, ela precisava dizer alguma coisa. Essa menina extraordinária estava esperando.

– Bem, é claro, tem o caldo de cordeiro…

– Eu trouxe! – Pollyanna falou, exultante.

– Mas não é isso que eu *queria* – suspirou a doente, agora certa do que seu estômago

desejava. – Era *frango* que eu queria.

– Ah, eu trouxe também! – Pollyanna riu.

A mulher se virou, perplexa.

– Os dois? – indagou.

– Sim... e geleia de mocotó – Pollyanna falou, triunfante. – Só achei que a senhora deveria ter o que quer, pelo menos uma vez; e então Nancy e eu encontramos uma solução. Ah, é claro, só tem um pouco de cada... Mas tem um pouco de tudo! Estou tão contente que a senhora queira frango – ela prosseguiu, satisfeita, enquanto tirava as três vasilhas da cesta. – Vê, eu vim pensando a caminho daqui... e se a senhora dissesse tripa, ou cebola, ou algo assim, que eu não tinha! Não teria sido uma pena, quando me esforcei tanto? – ela riu alegremente.

Não houve resposta. A mulher doente parecia estar tentando, mentalmente, encontrar alguma coisa que perdera.

– Vou deixar todos aqui! – Pollyanna anunciou, enquanto acomodava as três vasilhas lado a lado sobre a mesa. – Como a senhora se sente hoje? – perguntou cordialmente.

– Muito mal, obrigada – murmurou a sra. Snow, retomando sua atitude apática. – Não consegui tirar minha soneca esta manhã. Nellie Higgins, da casa ao lado, começou a fazer aula de música, e sua prática me deixa quase louca. Ela praticou a manhã toda... cada minuto! Eu não sei o que fazer!

Pollyanna mostrou empatia.

– Sei como se sente. É horrível! A sra. White também ficou assim, uma vez... (A sra. White é uma das senhoras da minha igreja.) Ela também tinha febre reumática, então não podia se mover. Dizia que seria mais fácil, se pudesse. A senhora pode?

– Posso... o quê?

– Se mover... mudar de posição, sabe, quando a música fica muito difícil de suportar.

A sra. Snow a fitou por um tempo.

– Ora, é claro que posso me mover... para qualquer lugar... na cama – ela respondeu, um pouco irritada.

– Bem, então a senhora pode ficar contente por isso, não? – Pollyanna afirmou. – A sra. White não podia. Você não consegue se mexer quando tem febre reumática... mesmo que queira muito... é o que a sra. White diz. Ela me contou, depois, que teria ficado maluca se não fosse pelos ouvidos da irmã do sr. White... que era surda.

– *Ouvidos*... da irmã?! O que você está dizendo?

Pollyanna riu.

– Bem, acho que não contei tudo, e esqueci que a senhora não conheceu a sra.

White. A srta. White era surda, entende? Completamente surda; e veio visitar e ajudar a cuidar da casa e da sra. White. Bem, era tão difícil para eles fazê-la entender *qualquer coisa*, que, depois disso, toda vez que o piano começava a tocar do outro lado da rua, a sra. White ficava tão contente por *poder* ouvir a música, que não se importava tanto de *ouvi-la*, porque não conseguia parar de pensar em como seria horrível se ela fosse surda e não pudesse ouvir nada, como a irmã do marido. Vê, ela também estava jogando o jogo. Eu tinha contado para ela.

– O... jogo?

Pollyanna bateu palmas.

– Isso! Eu quase ia me esquecendo... eu encontrei, sra. Snow... um motivo para a senhora ficar contente.

– Ficar *contente*?! Do que você está falando?

– Ora, eu disse que encontraria. Não se lembra? A senhora me pediu para lhe dar um motivo para ficar contente... contente, sabe, embora tenha que ficar deitada aqui na cama o dia todo.

– Ah! – a mulher falou com desdém – *Isso*? É, eu me lembro; mas não imaginei que você estivesse levando mais a sério do que eu.

– Ah, eu estava, sim – Pollyanna acenou com a cabeça, triunfante –, e encontrei. Mas foi *bem* difícil. De todo modo, sempre é muito mais divertido quando é difícil assim. E devo admitir que não consegui pensar em nada por um bom tempo. Depois descobri.

– Mesmo? Bem, e o que é? – a voz da sra. Snow era sarcasticamente cordial.

Pollyanna respirou fundo.

– Pensei... que a senhora pode ficar contente... porque as outras pessoas não estão na mesma situação que a sua... todos de cama, doentes, sabe – ela anunciou, grandiosamente. A sra. Snow a fitou. Seu olhar era furioso.

– Ah, mesmo?! – ela exclamou, num tom de voz não muito agradável.

– E agora vou lhe contar sobre o jogo – Pollyanna propôs, alegre e confiante. – A senhora vai amar jogar. Vai ser bem difícil... e é muito mais divertido quando é difícil! É assim... – e então começou a contar do barril dos missionários, das muletas e da boneca que não veio.

A história mal tinha acabado quando Milly apareceu à porta.

– Sua tia está aguardando, srta. Pollyanna – ela falou, com desânimo e apatia. – Ela telefonou para o Harlow's, do outro lado da rua. Disse que é para você ir depressa... pois precisa terminar sua prática antes de anoitecer.

Pollyanna se levantou, relutante.

– Está bem – suspirou. – Eu vou correndo. – De repente, ela riu. – Acho que devo ficar contente porque tenho pernas para correr, não acha, sra. Snow?

Não houve resposta. A sra. Snow tinha os olhos fechados. Mas Milly, cujos olhos estavam arregalados de surpresa, viu que havia lágrimas sobre as bochechas magras da mãe.

– Até logo – Pollyanna falou por sobre o ombro, ao chegar à porta. – Sinto muito pelo seu cabelo... eu queria ter arrumado. Quem sabe, da próxima vez!

Um a um, os dias de julho se passaram. Para Pollyanna, foram dias muito felizes. Ela frequentemente falava para a tia, contente, o quanto seus dias eram felizes. Ao que a tia geralmente respondia, cansada:

– Muito bem, Pollyanna. Fico satisfeita que sejam felizes, é claro; mas espero que também sejam proveitosos... do contrário, eu teria falhado em cumprir meu dever.

Geralmente, Pollyanna respondia a isso com um beijo e um abraço – uma atitude que era ainda mais desconcertante para a srta. Polly; mas um dia ela falou. Foi durante a lição de costura.

– A senhora quer dizer, tia Polly, que então não seria suficiente se fossem apenas dias felizes? – ela perguntou, melancólica.

– É isso que quero dizer, Pollyanna.

– Também precisam ser proveitosos?

– Certamente.

– O que é ser proveitoso?

– Ora, é... é simplesmente ser proveitoso... ter proveito, algo para mostrar, Pollyanna. Que criança extraordinária você é!

– Então só ficar contente não é proveitoso? – Pollyanna questionou, um pouco ansiosa.

– Certamente, não.

– Ah, não! Então é claro que a senhora não ia gostar. Acho que jamais vai jogar o jogo, tia Polly.

– Jogo? Que jogo?

– Ora, que o papai... – Pollyanna levou a mão aos lábios. – N... nada – gaguejou.

A srta. Polly franziu a testa.

– Por hoje é só, Pollyanna – ela disse, laconicamente. E a lição de costura terminou.

Foi naquela tarde que Pollyanna, ao descer do sótão, encontrou a tia na escada.

– Ah, tia Polly, que adorável! – ela exclamou. – A senhora estava subindo para me ver! Entre. Eu adoro companhia – concluiu, subindo a escada depressa e escancarando a porta de seu quarto.

Mas a srta. Polly não tivera intenção de ver a sobrinha. Ela planejara procurar um certo xale de lã branca na cômoda de cedro perto da janela que dava para o leste. Mas, para sua absoluta surpresa, ela agora se encontrava não no sótão principal diante da

cômoda de cedro e sim no quartinho de Pollyanna, sentada em uma das cadeiras de encosto reto – tantas, tantas vezes desde que Pollyanna chegou, a srta. Polly se viu nessa situação, fazendo alguma coisa totalmente inesperada, surpreendente, bem diferente daquilo que havia planejado fazer!

– Eu adoro companhia – Pollyanna repetiu, movendo-se de um lado a outro como se estivesse dispensando a hospitalidade de um palácio –, principalmente desde que tenho este quarto, só meu, sabe. Ah, é claro, eu sempre tive um quarto, mas era um quarto alugado, e os quartos alugados não são tão bons quanto os quartos próprios, não é mesmo? E é claro que este é meu próprio quarto, não é?

– Ora, s... sim, Pollyanna – a srta. Polly murmurou, perguntando-se vagamente por que não se levantava de uma vez e ia procurar aquele xale.

– E é claro que *agora* eu simplesmente amo este quarto, mesmo não tendo os tapetes e as cortinas e os quadros que eu queria – Pollyanna parou de falar de repente, visivelmente envergonhada. Ela já estava imersa numa frase totalmente diferente quando a tia a interrompeu de modo brusco.

– O que foi, Pollyanna?

– Nada, tia Polly, de verdade. Eu não queria dizer isso.

– Provavelmente, não – a srta. Polly respondeu, com frieza –, mas disse, então suponho que deva concluir.

– Mas não era nada, só que eu tinha meio que planejado tapetes bonitos e cortinas de renda e essas coisas, sabe. Mas, é claro...

– *Planejado*?! – a srta. Polly interrompeu bruscamente.

Pollyanna ficou ainda mais vermelha.

– É claro que não preciso ter essas coisas, tia Polly – ela se desculpou. – Acho que é só porque eu sempre quis, e nunca tive. Ah, teve uma vez que recebemos dois tapetinhos nos barris, mas eram pequenos, sabe, e um deles tinha manchas de tinta, e o outro estava esburacado; e só tivemos aqueles dois quadros; o que o pap... digo, o bom, que nós vendemos, e o ruim, que quebrou. É claro que se não fosse por tudo isso eu não ia querer... coisas bonitas, digo; e não teria ficado planejando enquanto atravessava o corredor naquele primeiro dia, como seria o meu quarto aqui, e... e... Mas, de verdade, tia Polly, foi só um minuto... digo, alguns minutos... e logo eu estava contente porque a cômoda *não* tinha um espelho, pois assim eu não tinha como ver minhas sardas; e porque não poderia haver quadro mais bonito do que a paisagem que eu via da janela; e a senhora tem sido tão boa para mim, que...

A srta. Polly se levantou de repente. Seu rosto estava muito vermelho.

– Já chega, Pollyanna – ela disse, séria. – Você já falou o bastante. – No minuto seguinte, ela já tinha descido a escada... e foi só quando chegou ao andar de baixo que se

lembrou de repente que havia subido até o sótão para buscar um xale de lã branca na cômoda de cedro perto da janela que dá para o leste.

Menos de 24 horas depois, a srta. Polly disse para Nancy, resoluta:

– Nancy, traga as coisas da srta. Pollyanna para o quarto logo abaixo. Decidi colocá-la para dormir ali, a partir de agora.

– Sim, senhora – Nancy respondeu. E depois, para si mesma: – Ah, glória!

Para Pollyanna, um minuto depois, Nancy exclamou alegremente:

– Não vai acreditar nisso, srta. Pollyanna. Cê vai dormir no andar de baixo, no quarto logo abaixo deste. Vai, sim!

Pollyanna ficou branca.

– Quer dizer... ah, Nancy... não... verdade???

– Cê vai ver que é verdade – Nancy profetizou, exultante, acenando com a cabeça para Pollyanna, por sobre o braço cheio de vestidos que ela tinha tirado do armário. – Ela me falou pra levar suas coisas pra baixo, e vou levar agora mesmo, antes que ela tenha chance de mudar de ideia.

Pollyanna não esperou para ouvir o fim da frase. Sob risco iminente de cair de cabeça, ela desceu a escada correndo, dois degraus de cada vez.

Duas portas bateram e uma cadeira foi derrubada antes que Pollyanna finalmente alcançasse seu objetivo: a tia Polly.

– Ah, tia Polly, tia Polly, é verdade, mesmo? Ah, aquele quarto tem *tudo*... o tapete e as cortinas e três quadros, além da paisagem lá fora, também, porque as janelas têm a mesma vista. Ah, tia Polly!

– Muito bem, Pollyanna. Fico satisfeita que tenha gostado da mudança, é claro; mas, se desejava tanto essas coisas todas, confio que vá cuidar delas direito. Isso é tudo. Agora, Pollyanna, por favor, levante aquela cadeira; e você bateu duas portas nos últimos trinta segundos. – A srta. Polly falara com firmeza, com ainda mais firmeza que de costume, porque, por alguma razão inexplicável, sentia vontade de chorar... e a srta. Polly não estava acostumada a sentir vontade de chorar.

Pollyanna levantou a cadeira.

– Sim! Eu sei que bati as portas – ela admitiu, animada. – É que eu tinha acabado de ficar sabendo do quarto, e acho que a senhora também teria batido portas se – Pollyanna parou de repente e olhou para a tia com novo interesse. – Tia Polly, a senhora já bateu alguma porta?

– Espero que não, Pollyanna! – a srta. Polly falou, mostrando-se chocada.

– Ah, tia Polly, que pena! – o rosto de Pollyanna expressava verdadeira compaixão.

– Que pena?! – a tia Polly repetiu, perplexa demais para dizer qualquer outra coisa.

– É, sim. Se tivesse sentido vontade de bater uma porta, é claro que teria batido; e

se não bateu, isso significa que nunca ficou contente por nada... ou não poderia ter evitado. E acho uma pena que a senhora nunca tenha ficado contente por nada!

– Polly*anna*! – a srta. Polly exclamou, chocada; mas Pollyanna já tinha ido embora, é só o estrondo distante da porta da escada do sótão respondeu por ela. Pollyanna tinha ido ajudar Nancy a descer com "suas coisas".

A srta. Polly, na sala de estar, sentia-se vagamente perturbada; é claro que ela *tinha* ficado contente... por algumas coisas!

Capítulo XI

Apresentando Jimmy

Agosto chegou. Agosto trouxe várias surpresas e algumas mudanças – nenhuma das quais, no entanto, era de fato uma surpresa para Nancy, que, desde a chegada de Pollyanna, estava sempre à espera de surpresas e mudanças.

Primeiro, foi o gatinho.

Pollyanna encontrou o gatinho miando tristemente a certa distância, na estrada. Quando, mesmo depois de interrogar todos os vizinhos, não conseguiu encontrar o dono, a menina não hesitou em levá-lo para casa.

– E fiquei contente por não ter encontrado o dono – ela contou à tia, feliz e confiante. – Porque o tempo todo eu queria trazer este gatinho para casa. Eu amo gatos. E sabia que a senhora ia ficar contente de deixá-lo morar aqui.

A srta. Polly olhou para aquele montinho cinzento de miséria e abandono nos braços de Pollyanna, e teve um calafrio: a srta. Polly não gostava de gatos – nem mesmo os limpos, bonitos e saudáveis.

– Argh! Pollyanna! Que bicho sujo! E está doente, com certeza, e todo sarnento e cheio de pulgas.

– Eu sei, pobrezinho – Pollyanna falou com a voz terna, olhando nos olhos assustados da pequena criatura. – E também está tremendo inteiro, de tão assustado. Ainda não sabe que vamos ficar com ele, é claro.

– Não sabe... nem ele, nem ninguém! – a srta. Polly, falou, enfática.

– Ah, sabem, sim! – Pollyanna afirmou, interpretando mal as palavras da tia. – Contei para todo mundo que ficaríamos com ele, se eu não encontrasse o dono. Eu sabia que a senhora ia ficar contente de tê-lo aqui... pobre bichinho solitário!

A srta. Polly abriu a boca e tentou falar; mas foi em vão. O estranho sentimento de impotência que se tornara tão frequente desde a chegada de Pollyanna a estava dominando outra vez.

– Eu tinha certeza – Pollyanna foi logo dizendo, agradecida – que a senhora não ia deixar um gatinho solitário à procura de uma casa sendo que deu um lar para *mim*; e falei isso para a sra. Ford quando ela perguntou se a senhora ia me deixar ficar com ele. Afinal, eu tinha as senhoras da igreja, sabe, e o gatinho não tem ninguém. Eu sabia que a senhora ia entender isso – ela falou, toda contente, e saiu correndo da sala.

– Mas... Pollyanna, Pollyanna – a srta. Polly protestou. – Eu não – Mas Pollyanna já estava a meio caminho da cozinha, chamando:

– Nancy, Nancy, veja este gatinho adorável que a tia Polly vai criar junto comigo! – e, na sala de estar, a tia Polly, que odiava gatos, recostou na cadeira com um suspiro, incapaz de contestar.

No dia seguinte, foi um cachorro, ainda mais sujo e mais deplorável, talvez, do que o gatinho; e novamente a srta. Polly, atônita, se viu figurando como uma espécie de bondosa protetora, um anjo de misericórdia – um papel que Pollyanna não hesitou em lhe atribuir. E, mais uma vez, ela – que odiava cachorros ainda mais do que gatos, se é que isso era possível – foi incapaz de contestar.

Mas quando, em menos de uma semana, Pollyanna trouxe para casa um menino maltrapilho, e, confiante, reivindicou a mesma proteção para ele, a srta. Polly teve algo a dizer. Foi assim que aconteceu:

Numa agradável manhã de quinta-feira, Pollyanna havia levado geleia de mocotó para a sra. Snow. Ambas eram grandes amigas agora. A amizade começara na terceira visita que Pollyanna fez, depois daquela em que contou à sra. Snow sobre o jogo. A própria sra. Snow tinha começado a jogar com Pollyanna. É claro que ela não jogava muito bem: fazia tanto tempo que lamentava por tudo, que não era fácil, agora, ficar contente por alguma coisa. Mas, sob as instruções animadas de Pollyanna, que ria alegremente de seus erros, ela aprendia depressa. Nesse dia, inclusive, para grande alegria de Pollyanna, a sra. Snow havia dito que estava contente porque Pollyanna trouxe geleia de mocotó, pois era exatamente o que ela queria; ela não sabia que Milly, quando recebeu Pollyanna, contou para a menina que a esposa do pastor já havia mandado um pote grande dessa geleia naquele mesmo dia.

Pollyanna estava pensando nisso agora, quando, de repente, viu o menino.

Ele estava sentado à beira da estrada, com um ar desconsolado, talhando um graveto sem muita vontade.

– Oi – Pollyanna falou, com um sorriso cativante.

O menino ergueu os olhos, mas logo os desviou.

– Oi, você – ele balbuciou.

Pollyanna riu.

– Parece que você não ficaria contente nem com geleia de mocotó – ela riu, parando na frente dele.

O menino se mexeu, inquieto, olhou surpreso para ela e começou a talhar seu graveto novamente, com a faca cega e quebrada que tinha na mão.

Pollyanna hesitou, então se deixou cair confortavelmente sobre a grama ao lado dele. Apesar de sua corajosa afirmação de que estava “acostumada às senhoras da igreja”

e de que “não ligava”, ela às vezes ansiava por alguma companhia da própria idade. Daí sua determinação em tirar máximo proveito desta.

– Eu me chamo Pollyanna Whittier – ela falou, gentilmente. – E você?

Mais uma vez, o menino se mexeu, inquieto. Ele inclusive quase se levantou. Mas se acomodou outra vez.

– Jimmy Bean – resmungou, com indiferença indelicada.

– Ótimo! Agora fomos apresentados. Fico contente que tenha feito sua parte... algumas pessoas não fazem, sabe. Eu moro na casa da srta. Polly Harrington. Onde você mora?

– Lugar nenhum.

– Lugar nenhum?! Ora, não é possível... todo mundo mora em algum lugar – Pollyanna afirmou.

– Eu não... agora. Tô buscando um lugar novo.

– Ah! Onde é?

O menino a olhou com desdém.

– Tonta! Se eu soubesse, não tava buscando!

Pollyanna virou um pouco o rosto. Este não era um menino gentil, e ela não gostava de ser chamada de “tonta”. Ainda assim, era alguém que não... as pessoas mais velhas.

– E onde você morava... antes? – ela indagou.

– Ora, se você não é a rainha das perguntas! – o menino suspirou, impaciente.

– Preciso ser – Pollyanna falou calmamente –, ou não descobriria nada sobre você. Se você falasse mais, eu não falaria tanto.

O menino deu um risinho. Foi um riso acanhado, meio a contragosto; mas seu rosto pareceu um pouco mais amigável quando ele falou desta vez:

– Tá bom, lá vai: meu nome é Jimmy Bean e tenho dez anos, quase onze. Cheguei no ano passado pra morar no orfanato, mas lá tem tanta criança que não tem muito espaço pra mim, e acho que nunca me quiseram por lá. Então saí. Vou morar num outro lugar... mas ainda não sei onde. Eu só *queria* uma casa... uma casa normal, sabe, com uma mãe, em vez de uma inspetora. Se você tem uma casa, tem uma família; eu não tenho família desde que... meu pai morreu. Então agora tô procurando. Tentei quatro casas, mas... eles não me quiseram... mesmo eu dizendo que ia trabalhar, claro. Pronto! Isso é tudo que cê quer saber? – a voz do menino falhou um pouco nas duas últimas frases.

– Ah, sinto muito! – Pollyanna se compadeceu. – E ninguém quis você? Nossa! Sei exatamente como se sente, porque depois... depois que meu pai morreu, também, eu não tinha ninguém além das senhoras da igreja, até que a tia Polly disse que ficaria – Pollyanna parou de falar abruptamente. Uma ideia incrível começou a se esboçar em seu

rosto. – Ah, eu sei o lugar certo para você – ela exclamou. – A tia Polly vai ficar com você... eu sei que vai! Ela não ficou comigo? E não ficou com o Fluffy e o Buffy, quando eles não tinham ninguém para cuidar deles e nenhum lugar para morar? E eles são só um gato e um cachorro. Ah, venha, eu sei que a tia Polly vai ficar com você! Não sabe o quanto ela é boa e gentil!

O rostinho magro de Jimmy Bean se iluminou.

– Sério mesmo? Agora? Eu posso trabalhar, sabe, e sou bem forte! – ele mostrou um bracinho ossudo.

– É claro que sim! Ora, minha tia Polly é a pessoa mais amável do mundo... agora que a minha mamãe foi ser um anjo no céu. E lá tem um monte de quartos – ela prosseguiu, levantando-se de um salto e puxando-o pelo braço. – É uma casa enorme. Mas, talvez –acrescentou, um pouco ansiosa, enquanto eles corriam –, talvez você tenha que dormir no quartinho do sótão. Eu dormi lá, no começo. Mas agora tem mosquiteiros nas janelas, então não vai estar tão quente, e as moscas também não podem entrar, para trazer as coisas com germes nas patas. Você sabia disso? É tão incrível! Talvez ela deixe você ler o livro, se for obediente... quero dizer, se não for. E você também tem sardas – a menina falou, com um olhar crítico –, então vai ficar contente porque não tem nenhum espelho; e a paisagem lá fora é mais bonita do que qualquer quadro na parede, então você não vai se importar nem um pouco de dormir naquele quarto, tenho certeza – Pollyanna respirou fundo, percebendo subitamente que precisava do resto do fôlego para outros propósitos além de falar.

– Céus! – Jimmy Bean exclamou, aturdido, mas com admiração. Depois acrescentou: – Nunca pensei que alguém pudesse falar assim, tão depressa! Nem precisei fazer nenhuma pergunta pra preencher o tempo!

Pollyanna riu.

– Bem, de todo modo, você pode ficar contente por isso – ela observou –, pois quando estou falando, *você* não precisa falar!

Quando chegaram à casa, Pollyanna, sem hesitar, conduziu o companheiro diretamente até a presença da tia, que ficou surpresa.

– Ah, tia Polly! – ela falou, triunfante. – Veja isto! Eu trouxe uma coisa ainda mais legal do que o Fluffy e o Buffy para a senhora criar. É um menino de verdade. Ele não se importaria nem um pouco de dormir no sótão, no começo, sabe, e falou que vai trabalhar; mas acho que vou precisar dele a maior parte do tempo, para brincar.

A srta. Polly ficou branca, e depois muito vermelha. Ela não entendeu tudo; mas pensava ter entendido o suficiente.

– Pollyanna, o que isso significa? Quem é esse menino sujo? Onde você o encontrou? – ela indagou, irritada.

O “menino sujo” deu um passo para trás e olhou em direção à porta. Pollyanna riu alegremente.

– Ora, se não me esqueci de dizer o nome dele! Sou péssima, como o Homem. E ele também está sujo, não está?... digo, este menino está... como o Fluffy e o Buffy quando a senhora os adotou. Mas acho que ele vai melhorar depois de um banho, como eles melhoraram, e... ah, quase me esqueço outra vez – ela interrompeu, com uma risada. – Este é o Jimmy Bean, tia Polly.

– Bem, o que ele está fazendo aqui?

– Ora, tia Polly, acabei de dizer! – os olhos de Pollyanna estavam arregalados de surpresa. – É para a senhora. Eu o trouxe para casa... para ele morar aqui, sabe. Ele quer um lar e uma família. Eu contei para ele como a senhora foi boa comigo, e com o Fluffy e o Buffy, e que eu sabia que a senhora seria com ele, porque é claro que ele é ainda melhor do que gatos e cachorros.

A srta. Polly recostou na cadeira novamente e levou uma mão trêmula à garganta. Mais uma vez, a antiga impotência ameaçava tomar conta dela. Com visível esforço, no entanto, a srta. Polly endireitou a postura.

– Já chega, Pollyanna! Esta é a coisa mais absurda que você fez até agora. Como se gatos vagabundos e cachorros sarnentos não fossem ruins o bastante, você precisava trazer para casa um pequeno mendigo maltrapilho, que...

O menino se alterou de repente. Seus olhos brilharam, e ele ergueu o queixo. Dando dois passos à frente com suas perninhas robustas, ele confrontou, destemido, a srta. Polly.

– Eu não sou mendigo, senhora, e não quero nada da senhora. Eu tava querendo trabalhar em troca de moradia e comida. Mas não teria vindo até sua casa se essa menina não tivesse me trazido, falando que a senhora era tão *boa e gentil* que ia ficar *louca* pra me ajudar. Foi isso! – ele deu meia volta e saiu da sala a passos largos, com uma dignidade que teria sido absurda, não despertasse tanta pena.

– Ah, tia Polly – Pollyanna lamentou. – Achei que a senhora ia ficar *contente* com ele aqui! Eu estava certa de que a senhora ia ficar contente...

A srta. Polly ergueu a mão, num gesto categórico exigindo silêncio. Finalmente, seus nervos não aguentaram. As palavras “boa e gentil”, proferidas pelo menino, ainda soavam em seus ouvidos, e ela percebeu que a antiga impotência quase a dominava novamente. Mas reuniu todas as suas forças para reagir.

– Pollyanna! – ela gritou rispidamente. – *Pare* de usar a palavra “contente”! É “contente”, “contente”, “contente”, de manhã até a noite! Desse jeito vou enlouquecer!

Pollyanna, de tão espantada, ficou de queixo caído.

– Mas, tia Polly – ela falou, sem ar –, achei que a senhora ia ficar contente por eu

ficar cont... ai! – ela parou, dando um tapinha na boca, e saiu correndo da sala.

Antes de o menino chegar ao portão, Pollyanna o alcançou.

– Menino! Menino! Jimmy Bean, quero que saiba que sinto muito... muito mesmo! Peço desculpas – ela falou ofegante, detendo-o.

– Desculpas? Não tô te culpando – o menino retrucou, irritado. – Mas não sou mendigo! – acrescentou, com brio repentino.

– É claro que não é! Mas também não deve culpar a titia – Pollyanna implorou. – Provavelmente não apresentei direito; e acho que não contei muito sobre você. Ela é boa e gentil, de verdade... sempre foi; mas provavelmente não expliquei direito. Eu queria muito poder encontrar um lugar para você!

O menino encolheu os ombros e deu as costas para ela.

– Esquece. Acho que posso encontrar sozinho. Não sou mendigo.

Pollyanna estava com uma expressão séria, pensativa. De repente, seu rosto se iluminou.

– Já sei o que vou fazer! A Liga das Senhoras se reúne hoje à tarde. Ouvi a tia Polly dizer isso. Vou apresentar o seu caso para elas. Isso é o que o papai sempre fazia, quando queria alguma coisa... educar os pobres da Índia ou conseguir um tapete novo, sabe.

O menino olhou para ela, furioso.

– Bom, eu não sou um pobre da Índia, nem um tapete novo. Além do mais... o que é a Liga das Senhoras?

Chocada, Pollyanna o fitou com um olhar de desaprovação.

– Como assim, Jimmy Bean, onde é que você foi criado?... não saber o que é uma Liga das Senhoras!

– Ah, tudo bem... se não quer me contar... – ele resmungou; então virou as costas e começou a se afastar outra vez, indiferente.

Pollyanna imediatamente correu para o lado dele.

– É... é... ora, é só um monte de senhoras que se reúnem e costuram e oferecem jantares e conseguem dinheiro e... e conversam; é isso que é uma Liga das Senhoras. Elas são muitíssimo amáveis... isto é, quase todas eram, onde eu morava. Não conheço as daqui, mas elas são sempre boas, eu acho. Esta tarde vou falar para elas sobre você.

Mais uma vez, o menino olhou para ela, furioso.

– Não, mesmo! Vai ver você acha que vou ficar lá ouvindo *um monte* de mulheres me chamarem de mendigo, em vez de *uma* só! Não, mesmo!

– Ah, mas você não vai estar lá – Pollyanna logo argumentou. – Eu vou sozinha, claro, e vou falar com elas.

– Mesmo?

– Sim; e desta vez vou falar de um jeito melhor – prosseguiu, percebendo depressa

os sinais de alívio no rosto do menino. – E sei que deve ter alguma que ficaria contente em dar uma casa para você.

– Eu vou trabalhar... não esquece de dizer isso – o menino alertou.

– Claro que não – Pollyanna prometeu, feliz, agora certa de que o havia convencido. – E amanhã eu conto como foi.

– Onde?

– À beira da estrada... onde encontrei você hoje; perto da casa da sra. Snow.

– Tudo bem. Vou estar lá. – O menino fez uma pausa, e então prosseguiu, devagar: – Então acho que é melhor eu voltar pro orfanato esta noite. Sabe, eu não tenho outro lugar pra ficar; e... e só fui embora hoje de manhã. Saí sem ser visto. Não contei pra eles que não ia voltar, ou eles iam fingir que eu não ia poder ir mais... se bem que acho que nem vão se preocupar se eu não aparecer algum dia. Eles não são *família*, sabe. Eles *não se importam*!

– Eu sei – Pollyanna concordou, com um olhar compreensivo. – Mas tenho certeza: quando encontrar você amanhã, vou ter uma casa normal e gente que se importa, prontinhos à sua espera. Até logo! – ela falou alegremente, e então voltou para casa.

Naquele instante, pela janela da sala de estar, a srta. Polly, que observara as duas crianças, seguiu o menino com um olhar sombrio até que uma curva na estrada o ocultou da vista. Então ela deu um suspiro, virou as costas e subiu a escada, apática – e a srta. Polly não costumava se mover com apatia. Em seus ouvidos, ainda estavam as palavras desdenhosas do menino, “a senhora era tão boa e gentil”. No coração, um estranho sentimento de desolação – como se algo se houvesse perdido.

Capítulo XII

Perante a Liga das Senhoras

O almoço, que na casa dos Harrington era servido ao meio-dia, foi uma refeição silenciosa no dia da reunião da Liga das Senhoras. Pollyanna, é verdade, tentou falar; mas não teve sucesso, principalmente porque, por quatro vezes, foi obrigada a interromper um "contente" no meio da fala, para seu grande desconforto e embaraço. Da quinta vez que aconteceu, a srta. Polly moveu a cabeça, exausta.

– Está bem, está bem, criança, fale, se quiser – ela suspirou. – Se for para causar toda essa confusão ao tentar não falar, prefiro que fale.

O rostinho de Pollyanna, até então contraído, pareceu aliviado.

– Ah, obrigada. Acho que seria bem difícil... não falar. Eu joguei durante tanto tempo...

– Você o quê? – a tia Polly indagou.

– Joguei... o jogo, sabe... que o papai – Pollyanna interrompeu a frase, visivelmente constrangida por pisar outra vez, tão depressa, em terreno proibido.

A tia Polly franziu a testa e não disse nada. O resto da refeição foi em silêncio.

Pollyanna não ficou triste ao ouvir a srta. Polly dizer à esposa do pastor ao telefone, um pouco depois, que não compareceria à reunião da Liga das Senhoras naquela tarde devido a uma enxaqueca. Quando a srta. Polly subiu para o quarto e fechou a porta, Pollyanna tentou se compadecer pela enxaqueca; mas não pôde deixar de ficar contente porque a tia não estaria presente naquela tarde, quando ela apresentaria o caso de Jimmy Bean perante a Liga das Senhoras. Ela não conseguia se esquecer de como a tia havia chamado Jimmy Bean de mendigo; e não queria que voltasse a chamá-lo de mendigo perante as senhoras da igreja.

Pollyanna sabia que a Liga das Senhoras se reunia às duas da tarde na capela perto da igreja, a menos de um quilômetro de casa. Ela planejou a ida, portanto, de modo a chegar lá um pouco antes das três.

– Quero que todas estejam lá – falou para si mesma –, ou aquela que não estava pode ser a que estaria disposta a dar um lar para o Jimmy Bean; e, é claro, duas da tarde sempre significam três... para as senhoras a igreja.

Silenciosamente, mas com coragem e confiança, Pollyanna subiu os degraus da capela, empurrou a porta e entrou no vestíbulo. Uma suave algazarra de conversas e

risadas femininas vinha do salão principal. Hesitando por um breve instante, Pollyanna abriu uma das portas internas.

A conversa foi silenciando. Pollyanna avançou com certa timidez. Agora que o momento havia chegado, ela se sentia atipicamente acanhada. Afinal, esses rostos surpresos à sua volta, meio estranhos, meio familiares, não eram *suas* queridas senhoras da igreja.

– Como vão, senhoras? – ela perguntou educadamente, com a voz trêmula. – Sou Pollyanna Whittier. Acho... que algumas das senhoras me conhecem, talvez; de todo modo, *eu* as conheço... só que não conheço todas reunidas, assim.

Agora, era quase possível apalpar o silêncio. Algumas das senhoras realmente conheciam essa menina um tanto extraordinária, sobrinha de uma delas, e praticamente todas tinham ouvido falar de Pollyanna; mas nenhuma foi capaz de pensar em alguma coisa para dizer naquele momento.

– Eu... eu vim para... apresentar a vocês – Pollyanna gaguejou, depois de um instante, inconscientemente usando a fraseologia familiar do pai.

Houve um certo burburinho.

– Foi... foi sua tia quem mandou você aqui, querida? – perguntou a sra. Ford, a esposa do pastor.

Pollyanna corou um pouco.

– Ah, não. Eu vim por minha conta. Sabem, estou acostumada com a Liga das Senhoras. Foi a Liga das Senhoras que me criou... junto com o papai.

Alguém deu um risinho histérico, e a esposa do pastor franziu o cenho.

– Sim, querida. O que foi?

– Bem, é... é o Jimmy Bean – Pollyanna suspirou. – Ele não tem um lar... só o orfanato, e lá está cheio e, de todo modo, ele acha que não o querem por lá; então ele quer outro. Quer uma casa normal, com uma mãe em vez de uma inspetora... uma família, sabem, que se importe com ele. Tem dez anos, vai fazer onze. Achei que alguma das senhoras aqui poderia querer adotar o Jimmy.

– Ora! – uma voz murmurou, quebrando a pausa perplexa que se seguiu às palavras de Pollyanna.

Com um olhar ansioso, Pollyanna percorreu o círculo de rostos à sua volta.

– Ah, esqueci de dizer; ele vai trabalhar – ela completou depressa.

Ainda houve silêncio; então, friamente, uma ou duas mulheres começaram a questioná-la. Depois de um tempo, todas elas já conheciam a história e começaram a conversar entre si, animadas, de modo não muito agradável.

Pollyanna escutava, cada vez mais ansiosa. Parte do que era dito, ela não conseguia entender. Mas, depois de um tempo, percebeu que não havia nenhuma mulher ali que

pudesse dar uma casa para ele, embora cada uma delas parecesse pensar que alguma das outras poderia adotá-lo, já que havia várias que não tinham filhos nem crianças em casa. Mas não houve ninguém que concordasse em ficar com ele. Então ela ouviu a esposa do pastor propor timidamente que elas, como uma liga, talvez pudessem assumir o apoio e a educação do menino, em vez de mandar tanto dinheiro este ano para os pobres na Índia distante.

Então muitas senhoras falaram, e várias delas falaram ao mesmo tempo, e ainda mais alto e de modo mais desagradável do que antes. Aparentemente, a liga era famosa por suas doações a missões religiosas na Índia, e várias disseram que morreriam de desgosto se o valor doado fosse menor este ano. Parte do que foi dito nesse momento, Pollyanna, mais uma vez, achou que talvez não tivesse entendido, pois quase teve a impressão de que elas não se importavam nem um pouco com o que o dinheiro *fazia*, contanto que a soma ao lado do nome de sua liga em um certo "relatório" estivesse "no topo da lista"– e é claro que não pode ser isso que elas queriam dizer! Mas era tudo muito confuso, e não muito agradável, de modo que Pollyanna ficou realmente feliz quando enfim se viu do lado de fora, em silêncio, respirando o ar puro – só que também ficou muito, muito triste: porque sabia que não seria fácil, e, de fato, seria muito doloroso, dizer a Jimmy Bean, no dia seguinte, que a Liga das Senhoras decidiu que preferia mandar todo o dinheiro para ajudar os meninos indianos do que reservar o suficiente para ajudar um único menino em sua própria cidade, pois isso não lhes daria "nem um pouco de crédito no relatório", nas palavras da senhora alta de óculos.

– É claro que é bom mandar dinheiro para os pobres da Índia, e não é que eu não queira que elas mandem *algum* dinheiro para lá – Pollyanna suspirou para si mesma, enquanto se afastava, pesarosa. – Mas elas falaram como se os meninos *daqui* não contassem... só os de lá. Achei que iam preferir ver o Jimmy Bean crescer... do que ter o nome num relatório!

Capítulo XIII

No bosque de Pendleton

Pollyanna não tomou o caminho de casa quando saiu da capela. Em vez disso, ela se dirigiu à colina de Pendleton. Fora um dia difícil, embora tivesse sido um "dia de folga" (como ela se referia aos raros dias em que não tinha aula de costura, nem de culinária), e ela tinha certeza de que nada lhe faria tão bem quanto uma caminhada pelo verde silencioso do bosque de Pendleton. Assim, subiu a colina calmamente, apesar do sol quente em suas costas.

– Eu não preciso chegar em casa antes das cinco e meia, de todo modo – falou para si mesma –, e vai ser muito mais agradável ir pelo bosque, mesmo precisando subir até lá.

Pollyanna sabia, por experiência própria, que o bosque de Pendleton era muito bonito. Mas, nesse dia, parecia mais bonito do que nunca, apesar de sua decepção por causa do que precisava dizer a Jimmy Bean no dia seguinte.

– Eu queria que elas estivessem aqui... todas aquelas senhoras que falavam tão alto – Pollyanna suspirou, erguendo os olhos para os pedaços de azul vívido em meio ao verde ensolarado das copas das árvores. – Acho que, se estivessem aqui, simplesmente iam mudar de ideia e adotar o Jimmy Jean – concluiu, segura em sua convicção, mas incapaz de apresentar, mesmo para si mesma, uma razão para isso.

De repente, Pollyanna levantou a cabeça e ouviu atentamente. Um cachorro havia latido a uma certa distância, mais adiante. Logo depois, veio correndo até ela, ainda latindo.

– Oi, cachorrinho, oi! – Pollyanna estalou os dedos para o cachorro e olhou para o caminho, expectante. Ela tinha certeza de já ter visto esse cachorro antes com o Homem, o sr. John Pendleton. Agora, ela olhava, esperando vê-lo. Por alguns minutos, a menina olhou atentamente, mas o Homem não apareceu. Então, ela voltou sua atenção para o cachorro.

O cachorro, como até mesmo Pollyanna podia perceber, estava agindo de modo estranho. Ele continuava latindo – dando pequenos uivos agudos, como que para alarmar. Também corria para a frente e para trás no caminho à frente. Logo chegaram a um caminho lateral, e o cachorrinho saiu correndo por este, para imediatamente voltar, gemendo e latindo.

– Ei! Este não é o caminho de casa – Pollyanna riu, permanecendo no caminho principal.

O cachorrinho agora parecia frenético. Ia e voltava, ia e voltava, entre Pollyanna e o caminho lateral, e vibrava, latindo e gemendo tristemente. Cada calafrio de seu corpinho marrom e cada olhar suplicante de seus olhos castanhos eram um apelo eloquente – tão eloquente que, enfim, Pollyanna compreendeu e o seguiu.

Logo à frente, agora, o cachorrinho corria como louco; e não tardou muito para que Pollyanna descobrisse a razão de tudo isso: um homem jazia, imóvel, ao pé de uma grande rocha íngreme, a poucos metros do caminho lateral.

Um galho se partiu sob o pé de Pollyanna, e o homem virou a cabeça. Com um grito de espanto, Pollyanna correu para o lado dele.

– Sr. Pendleton! O senhor está ferido?

– Ferido? Ah, não! Só estou fazendo a sesta sob o sol – o homem retrucou, irritado. – Escute aqui, o que você sabe? O que sabe fazer? Tem juízo?

Pollyanna respirou fundo, mas, como de costume, respondeu às perguntas literalmente, uma por uma.

– Bem, sr. Pendleton, eu... eu não sei muita coisa, e não sei fazer muitas coisas; mas a maioria das senhoras da igreja, menos a sra. Rawson, diziam que eu tenho muito juízo. Eu ouvi dizerem isso um dia... mas elas não perceberam que ouvi.

O homem sorriu tristemente.

– Está bem, está bem, criança. Peço desculpas; é só esta minha maldita perna. Agora ouça. – Ele parou e, com certa dificuldade, enfiou a mão no bolso da calça e tirou um molho de chaves, separando uma delas entre o indicador e o polegar. – Seguindo por este caminho, a uns cinco minutos a pé, fica a minha casa. Esta chave abre a porta lateral, sob o *porte-cochère*. Você sabe o que é um *porte-cochère*?

– Ah, sim. A minha tia tem um, com um jardim de inverno em cima. É o telhado onde eu dormi... só que não dormi, sabe. Eles me encontraram.

– Hein? Ah! Bem, você entra na casa, atravessa o vestíbulo e segue pelo corredor até a porta no fundo. Sobre a mesa grande no meio da sala, vai encontrar um telefone. Sabe usar um telefone?

– Sei, sim! Uma vez, quando a tia Polly...

– Esqueça a tia Polly agora – o homem cortou bruscamente, enquanto tentava se mover um pouco. – Procure o número do dr. Thomas Chilton na agenda telefônica que você vai encontrar em algum lugar por ali... teria que estar sobre a mesa, mas provavelmente não está. Imagino que você saiba identificar uma agenda telefônica ao ver uma!

– Ah, sei, sim! Eu adoro a da tia Polly. Tem um monte de nomes estranhos, e...

– Diga ao dr. Chilton que John Pendleton está ao pé da pedra Little Eagle, no bosque de Pendleton, com uma perna quebrada, e peça para ele vir imediatamente com uma maca e dois homens. Ele vai saber o que fazer depois disso. Diga a ele para vir pelo caminho que começa na casa.

– Uma perna quebrada? Ah, sr. Pendleton, que horrível! – Pollyanna estremeceu. – Mas fico tão contente por ter vindo! *Eu* não posso...?

– Sim, pode... mas evidentemente não vai! Pode fazer *o que estou pedindo* e parar de falar? – o homem gemeu, quase sem forças. E, soluçando baixinho, Pollyanna foi.

Desta vez, Pollyanna não parou para observar os pedaços de azul em meio às copas ensolaradas das árvores. Ela manteve os olhos no chão, para ter certeza de que não tropeçaria em nenhum galho ou pedra.

Não tardou muito para que ela avistasse a casa. Já a tinha visto antes, mas nunca assim tão de perto. Nesse momento, ficou quase assustada diante da grandeza da construção de pedra cinza, com suas varandas sobre pilares e sua entrada imponente. Mas, depois de parar por um breve instante, atravessou correndo o grande gramado abandonado e contornou a casa até chegar à porta lateral sob o *porte-cochère*. Seus dedos, rígidos porque vieram agarrando as chaves com força, eram tudo menos hábeis em seu esforço de girar a chave na fechadura; mas enfim a pesada porta esculpida se abriu lentamente.

Pollyanna respirou fundo. Apesar de sua sensação de urgência, ela parou um instante e olhou temerosa através do vestíbulo para o corredor grande e sombrio à sua frente, os pensamentos girando. Esta era a casa de John Pendleton; a casa dos mistérios; a casa em que ninguém entrava além de seu dono; a casa que abrigava, em algum lugar, um esqueleto. E esperava-se que ela, Pollyanna, entrasse sozinha nesses aposentos assustadores e telefonasse para o médico contando que o dono da casa jazia, naquele momento...

Com um gritinho, Pollyanna, sem olhar para os lados, correu pelo corredor até a porta no fundo e a abriu.

A sala era grande e sombria como o corredor, com madeiras escuras e telas nas paredes; mas, pela janela a oeste, o sol lançava um longo feixe dourado sobre o piso, iluminando debilmente os suportes de bronze embaciados na lareira e tocando o níquel do telefone que estava sobre a mesa grande no meio do cômodo. Foi em direção a essa mesa que Pollyanna caminhou às pressas, na ponta dos pés.

A agenda telefônica não estava sobre a mesa; estava no chão. Mas Pollyanna a encontrou e, com o dedo indicador trêmulo, percorreu a letra C até encontrar “Chilton”. Pouco depois, ela tinha o próprio dr. Chilton do outro lado da linha e, tremendo, comunicou a mensagem e respondeu às perguntas concisas e pertinentes do médico.

Feito isso, colocou o telefone no gancho e deu um longo suspiro de alívio.

Pollyanna deu uma breve olhada à sua volta; então, com uma visão confusa de cortinas carmesim, paredes cobertas de livros, um chão entulhado, uma mesa desordenada, um sem-número de portas fechadas (qualquer uma das quais poderia esconder um esqueleto) e, em toda parte, poeira, poeira, poeira, a menina correu outra vez pelo corredor até a grande porta esculpida, ainda semiaberta como ela a havia deixado.

No que pareceu, até mesmo para o homem ferido, um intervalo de tempo extremamente curto, Pollyanna estava de volta ao bosque, ao lado dele.

– Qual o problema? Não conseguiu entrar? – ele indagou.

Pollyanna arregalou os olhos.

– Ora, é claro que consegui! Estou *aqui* – respondeu. – Até parece que estaria aqui se não tivesse entrado! E o doutor está vindo o mais depressa possível com os homens e as coisas. Ele disse que sabia exatamente onde o senhor está, por isso não fiquei para mostrar para ele. Eu queria estar com o senhor.

– Queria? – o homem sorriu, melancólico. – Bem, não posso dizer que admiro seu gosto. Acho que poderia encontrar companhias mais agradáveis.

– O senhor diz isso... por causa desse seu jeito bravo?

– Obrigado pela franqueza. Sim.

Pollyanna deu uma risadinha.

– Mas o senhor só é bravo *por fora*... não é nem um pouco por dentro!

– Mesmo? E como sabe disso? – o homem perguntou, tentando mudar a posição da cabeça sem mover o resto do corpo.

– Ah, de muitas maneiras... como... a forma como o senhor trata o cachorro – acrescentou, apontando para a mão longa e fina que pousava sobre a cabeça macia do cachorro ao lado dele. – É engraçado como os cachorros e os gatos conhecem as pessoas por dentro melhor do que outras pessoas, não é? Ei, vou segurar sua cabeça – ela falou de repente.

O homem se contraiu várias vezes, e gemeu baixinho uma vez, enquanto a mudança estava sendo feita; mas, no fim das contas, achou o colo de Pollyanna um substituto muito bem-vindo para a cavidade rochosa onde sua cabeça estava apoiada antes.

– Bem, assim é... melhor – ele murmurou, fraco.

O homem não falou mais nada por um tempo. Pollyanna, observando seu rosto, se perguntou se ele estaria dormindo. Ela achava que não. Parecia estar cerrando os lábios com força para reprimir gemidos de dor. A própria Pollyanna quase gritou ao olhar para esse corpo grande e forte deitado ali de modo tão impotente. Uma das mãos, bem fechada, jazia inerte. A outra, aberta frouxamente, continuava sobre a cabeça do

cachorro. Este, olhando ansioso e melancólico para o rosto do dono, também estava imóvel.

Minuto a minuto, o tempo passou. O sol se pôs devagar e as sombras ficaram maiores debaixo das árvores. Pollyanna estava sentada tão quieta que mal parecia respirar. Um pássaro pousou destemido ao alcance de sua mão, e um esquilo balançou sua cauda peluda no galho de uma árvore, quase debaixo de seu nariz – mas, o tempo todo, manteve seus olhinhos brilhantes no cachorro, que continuava sem se mexer.

Finalmente, o cachorro escutou o barulho dos carros e gemeu baixinho; então, deu um latido breve e agudo. No instante seguinte, Pollyanna ouviu vozes, e em pouco tempo apareceram três homens carregando uma maca e vários outros artigos.

O mais alto deles – um homem bem afeitado e de olhos gentis, que Pollyanna conhecia de vista como "Dr. Chilton" – avançou alegremente.

– E então, mocinha, brincando de enfermeira?

– Oh, não, senhor – Pollyanna sorriu. – Eu só segurei a cabeça dele... não dei nenhum remédio. Mas estou contente porque estava por aqui.

– Eu também – o médico concordou, e então voltou toda sua atenção para o homem ferido.

Capítulo XIV

Só uma questão de geleia

Pollyanna chegou um pouco atrasada para o jantar na noite do acidente de John Pendleton; mas, para sua surpresa, escapou de ser repreendida.

Nancy a encontrou à porta.

– Ora, se não tô contente de pôr os olhos em você! – ela suspirou, nitidamente aliviada. – São seis e meia!

– Eu sei – Pollyanna admitiu, ansiosa –, mas não tenho culpa... de verdade. E acho que nem a tia Polly ia achar isso.

– Ela não vai ter a chance – Nancy retorquiu, com grande satisfação. – Ela se foi.

– Se foi?! – Pollyanna ficou sem ar. – Você não está dizendo que se foi por minha causa! – Pela mente de Pollyanna naquele instante, passaram memórias cheias de remorso, com o cachorro, o gato e o menino indesejados, e as palavras "contente", incômoda, e "papai", proibida, que viviam saindo de sua boquinha avoada. – Foi por minha causa?

– Não – Nancy riu. – O primo dela morreu de repente em Boston, e ela teve que ir. Ela recebeu um desses telegramas depois que você saiu esta tarde, e só volta daqui a três dias. Agora acho que podemos ficar contentes de verdade. Vamos cuidar da casa juntas, só você e eu, o tempo todo. Vamos, sim!

Pollyanna pareceu chocada.

– Contentes?! Ah, Nancy, com um funeral?

– Ah, mas não foi pelo funeral que fiquei contente, srta. Pollyanna. Foi – Nancy se calou de repente. Um brilho sagaz apareceu em seus olhos. – Ora, srta. Pollyanna, se não foi você mesma que me ensinou o jogo – falou, em tom de reprovação.

Pollyanna franziu a testa, perturbada.

– Sinto muito, Nancy – ela falou, balançando a cabeça. – Existem algumas coisas com as quais não é certo jogar esse jogo... e tenho certeza de que funerais são uma delas. Não há nada em um funeral que seja motivo para ficar contente.

Nancy deu uma risadinha.

– Podemos ficar contentes por não ser o nosso – ela observou timidamente. Mas Pollyanna não ouviu. Tinha começado a contar do acidente, e logo Nancy estava escutando, boquiaberta.

Na tarde seguinte, no lugar combinado, Pollyanna encontrou Jimmy Bean. Como seria de se esperar, Jimmy demonstrou uma grande decepção ao saber que a Liga das Senhoras preferia um menino indiano a ele.

– Bom, acho que é natural – ele suspirou. – É claro que as coisas que a gente não conhece são sempre melhores, assim como a grama do vizinho é sempre mais verde. Mas eu só queria ser visto desse jeito por alguém distante. Não seria incrível se alguém lá na Índia me quisesse?

Pollyanna bateu palmas.

– Mas é claro! É isso mesmo, Jimmy. Vou escrever para as senhoras da minha igreja sobre você. Elas não estão na Índia; estão só no oeste... mas já é bem longe; é praticamente a mesma coisa. Acho que ia concordar comigo se tivesse vindo de lá até aqui como eu vim!

O rosto de Jimmy se iluminou.

– Você acha que elas... me adotariam... de verdade? – ele perguntou.

– É claro que sim! Elas não pegam meninos na Índia para criar? Bem, podem simplesmente fingir que você é um menino indiano, desta vez. Acho que você está longe o bastante para entrar num relatório. Espere. Vou escrever para elas. Vou escrever para a sra. White. Não, vou escrever para a sra. Jones. A sra. White tem mais dinheiro, mas a sra. Jones doa mais... o que é meio engraçado, não é?... quando a gente pensa nisso. Mas acho que alguma das senhoras vai adotar você.

– Tá bom, mas não esquece de dizer que vou trabalhar em troca de moradia e comida – Jimmy afirmou. – Eu não sou mendigo, e negócio é negócio, mesmo com as senhoras da igreja. Tô pensando... – Ele hesitou, então acrescentou: – Acho melhor eu ficar onde tô, por enquanto... até você saber.

– Claro – Pollyanna concordou, de modo enfático. – Assim vou saber exatamente onde te encontrar. E alguma delas vai adotar você... tenho certeza de que está longe o bastante para isso. A tia Polly não me... Ei! – ela exclamou, de repente. – Você acha que eu fui a menina indiana da tia Polly?

– Nossa, você é a menina mais esquisita que já vi – Jimmy riu e foi embora.

Foi cerca de uma semana depois do acidente no bosque de Pendleton que Pollyanna disse para a tia, certa manhã:

– Tia Polly, por favor, a senhora se importaria muito se esta semana eu levasse a geleia de mocotó da sra. Snow para outra pessoa? Tenho certeza de que a sra. Snow não se importaria... só desta vez.

– Céus, Pollyanna, o que está aprontando, agora? – a tia suspirou. – Você é mesmo uma criança extraordinária.

Pollyanna franziu a testa, um pouco ansiosa.

– Tia Polly, o que é extraordinária? Se você é *extra*ordinária, não pode ser ordinária, pode?

– Certamente, não.

– Ah, então, tudo bem. Fico contente de ser *extra*ordinária – Pollyanna suspirou, aliviada. – Sabe, a sra. White costumava dizer que a sra. Rawson era uma mulher muito ordinária... e ela não gostava nem um pouco da sra. Rawson. Elas estavam sempre brigand... quero dizer, o papai... isto é, *nós* tínhamos mais trabalho tratando de manter a paz entre as duas do que entre todo o resto das senhoras da igreja – Pollyanna corrigiu, um pouco tensa, tentando não desobedecer as antigas ordens do pai, de não falar sobre as intrigas na igreja, nem as ordens atuais da tia, de não falar sobre seu pai.

– Sim, sim; bem, esqueça – a tia Polly interveio, meio impaciente. – Você fala sem parar, Pollyanna, e não importa do que estamos falando, sempre menciona essas senhoras da igreja!

– Sim, senhora – Pollyanna sorriu, alegremente, – acho que faço isso, mesmo. Mas é que elas me criaram, e...

– Já chega, Pollyanna – interrompeu uma voz fria. – Agora, o que tem essa geleia?

– Nada que a senhora fosse se importar, tia Polly, de verdade... tenho certeza. A senhora me deixa levar geleia para *ela*, então pensei que me deixaria levar para *ele*, só desta vez. Sabe, pernas quebradas não são como... como invalidez permanente, então a dele não vai durar para sempre, como a da sra. Snow, e ela pode ter todo o resto das coisas depois de apenas uma ou duas vezes.

– "Ele"? "Perna quebrada"? Do que está falando, Pollyanna?

Pollyanna a fitou; então seu rosto relaxou.

– Ah, esqueci. Acho que a senhora não ficou sabendo. Aconteceu enquanto estava fora. No mesmo dia em que a senhora viajou, eu o encontrei no bosque, sabe; e precisei destrancar a casa dele e telefonar para os homens e o médico, e segurar a cabeça dele, e tudo. E é claro que então voltei para casa e não o vi desde então. Mas quando a Nancy fez a geleia para a sra. Snow esta semana, pensei em como seria bom se eu pudesse levar para ele em vez de levar para ela, só desta vez. Tia Polly, posso?

– Sim, sim, suponho que sim – a srta. Polly aquiesceu, um pouco cansada. – Quem você disse que era?

– O Homem. Quer dizer, o sr. John Pendleton.

A srta. Polly quase caiu da cadeira.

– *John Pendleton*?!

– É. A Nancy me falou o nome dele. A senhora o conhece?

A srta. Polly não respondeu. Em vez disso, perguntou:

– *Você* o conhece?

Pollyanna fez que sim.

– Conheço. Ele sempre fala comigo e sorri... agora. Ele só é bravo *por fora*, sabe? Vou levar a geleia. Nancy estava quase terminando quando cheguei – Pollyanna concluiu, já tendo atravessado metade da sala.

– Pollyanna, espere! – de repente, a voz da srta. Polly ficou muito séria. – Eu mudei de ideia. Prefiro que a sra. Snow receba a geleia hoje... como de costume. Isso é tudo. Pode ir agora.

Pollyanna ficou desapontada.

– Ah, tia Polly, a *dela* vai durar. Ela sempre pode estar doente e ganhar coisas, sabe; mas a dele é só uma perna quebrada, e as pernas não duram... quero dizer, as quebradas. Já está quebrada há uma semana.

– É, eu me lembro. Fiquei sabendo que o sr. John Pendleton tinha sofrido um acidente – a srta. Polly falou, friamente –, mas... não quero mandar geleia para John Pendleton, Pollyanna.

– Eu sei, ele é bravo... por fora – Pollyanna admitiu tristemente –, então imagino que a senhora não goste dele. Mas eu não vou dizer que foi a senhora que mandou. Vou dizer que fui eu. Eu gosto dele. Vou ficar contente de levar geleia para ele.

A srta. Polly começou a balançar a cabeça outra vez. Então, de súbito, ela parou e perguntou, com uma voz estranhamente calma:

– Ele sabe quem você é, Pollyanna?

A menina suspirou.

– Acho que não. Eu me apresentei, um dia, mas ele nunca me chama pelo nome... nunca.

– Sabe onde você mora?

– Ah, não. Eu nunca contei para ele.

– Então não sabe que você é minha sobrinha?

– Acho que não.

Por um instante, houve silêncio. A srta. Polly estava olhando para Pollyanna com olhos que não pareciam vê-la. A menina, mexendo-se de modo impaciente, deu um suspiro bem alto. Então a srta. Polly se levantou.

– Muito bem, Pollyanna – ela falou, finalmente, ainda com aquela voz estranha, tão diferente de sua voz habitual –, pode levar a geleia para o sr. Pendleton como um presente seu. Mas entenda: eu não mandei geleia nenhuma. Não o deixe pensar que mandei!

– Sim, senh... não, senhora... obrigada, tia Polly – Pollyanna falou, exultante, e saiu correndo pela porta.

Capítulo XV

O dr. Chilton

A grande construção de pedra cinza pareceu bem diferente para Pollyanna quando ela fez sua segunda visita à casa do sr. John Pendleton. As janelas estavam abertas, uma senhora estava pendurando roupas no quintal dos fundos e a charrete do médico estava sob o *porte-cochère*.

Como antes, Pollyanna foi até a porta lateral. Desta vez, tocou a campainha – seus dedos não estavam rígidos por segurar com força um molho de chaves.

Um cachorrinho de aparência familiar subiu a escada para cumprimentá-la, mas se passou algum tempo até que a senhora que estava pendurando roupas viesse abrir a porta.

– Olá, eu trouxe geleia de mocotó para o sr. Pendleton – Pollyanna sorriu.

– Obrigada – a mulher respondeu, estendendo as mãos para o pote que a menina trazia. – Devo dizer que é da parte de quem? E é geleia de mocotó?

O médico, que veio até o corredor naquele instante, ouviu as palavras da mulher e viu o olhar de decepção no rosto de Pollyanna. Rapidamente, foi até ela.

– Ah! Geleia de mocotó? – ele perguntou, num tom cordial. – Isso será ótimo! Talvez você queira ver nosso paciente, não?

– Ah, sim, senhor! – Pollyanna abriu um largo sorriso, e a mulher, em obediência a um aceno do médico, a conduziu pelo corredor imediatamente, embora com uma nítida expressão de surpresa.

Atrás do médico, um homem jovem (um enfermeiro vindo da cidade vizinha) exclamou, perturbado:

– Mas, doutor, o sr. Pendleton não deu ordens de não admitir... ninguém?

– Ah, sim – o médico concordou, impassível –, mas agora sou eu que dou as ordens. Vou assumir o risco. – Então acrescentou, enigmático: – Você obviamente não sabe disso, mas aquela menina é melhor do que um frasco de tônico por dia. E se existe alguém ou alguma coisa capaz de tirar o mau humor de Pendleton esta tarde, é ela. Foi por isso que a mandei entrar.

– Quem é ela?

Por um breve instante, o médico hesitou.

– É sobrinha de uma das habitantes mais ilustres da cidade. Seu nome é Pollyanna

Whittier. Eu ainda não tive o prazer de conhecê-la melhor; mas muitos dos meus pacientes, sim... felizmente!

O enfermeiro sorriu.

– Mesmo? E quais são os ingredientes especiais desse... tônico milagroso?

O médico balançou a cabeça.

– Eu não sei. Até onde pude descobrir, é um contentamento irresistível e irrestrito por tudo que tenha acontecido ou venha a acontecer. De todo modo, seus discursos extraordinários são repetidos para mim o tempo todo e, pelo que ouvi, "simplesmente ficar contente" dá o tom à maioria deles. Isso é tudo – acrescentou, com mais um sorriso enigmático, e então saiu para a varanda. – Eu gostaria de poder receitá-la... e comprá-la... como faria com um frasco de comprimidos; mas, se houvesse muitas dela no mundo, você e eu poderíamos muito bem vender faixas ou cavar fossos, pois não ganharíamos muito dinheiro como médico e enfermeiro – ele riu, pegando as rédeas e entrando na charrete.

Enquanto isso, Pollyanna, conforme as ordens do médico, era escoltada até o quarto de John Pendleton.

No caminho ficava a grande biblioteca no fim do corredor, e, em sua rápida passagem por ela, Pollyanna notou imediatamente que grandes mudanças haviam acontecido. As paredes cobertas de livros e as cortinas carmesim eram as mesmas; mas não havia bagunça no chão, nem sobre a mesa, e nem um grão de poeira em vista. A agenda telefônica estava em seu lugar, e os suportes de bronze da lareira haviam sido polidos. Uma das portas misteriosas estava aberta, e foi em direção a essa porta que a criada a conduziu. Logo depois, Pollyanna se viu num quarto suntuosamente decorado, enquanto a criada dizia, com uma voz receosa:

– Com licença, senhor, aqui... aqui está uma menina, ela trouxe geleia. O médico me mandou... trazê-la até o senhor.

No instante seguinte, Pollyanna se viu sozinha com um homem aparentemente muito bravo, deitado na cama.

– Escute aqui, eu não falei... – ele foi dizendo, com uma voz irritada. – Ah, é você! – o homem interrompeu a fala de modo não muito agradável, enquanto Pollyanna se aproximava da cama.

– Sim, senhor – Pollyanna sorriu. – Ah, estou tão contente por me deixarem entrar! Sabe, no começo a senhora quase pegou a minha geleia, e tive tanto medo de não poder ver o senhor. Então o médico apareceu e disse que eu podia entrar. Ele não foi muito amável por me deixar ver o senhor?

Contra sua vontade, os lábios do homem esboçaram um sorriso, mas tudo que ele disse foi "Hum!"

– E eu trouxe um pouco de geleia – Pollyanna prosseguiu – de mocotó. Espero que goste? – houve uma entonação de pergunta em sua voz.

– Nunca comi. – O sorriso efêmero havia desaparecido, e a expressão severa estava de volta a seu rosto.

Por um breve instante, o rosto de Pollyanna mostrou decepção; mas esta se dissipou quando ela apoiou a geleia sobre um móvel.

– Nunca? Bem, se nunca comeu, então não tem como saber que *não* gosta, não é mesmo? Então acho que posso ficar contente que nunca tenha comido, afinal. Agora, se soubesse...

– Sim, sim; ora, existe uma coisa que sei muito bem, e é que, neste minuto, estou aqui deitado, e é bem provável que continue aqui... até o fim dos tempos, acho.

Pollyanna pareceu chocada.

– Ah, não! Não pode ser até o fim dos tempos, sabe, quando o anjo Gabriel toca sua trombeta, a não ser que esse dia chegue mais depressa do que imaginamos... ah, sim, eu sei que a Bíblia diz que pode chegar mais depressa do que imaginamos, mas não acho que chegue... isto é, é claro que eu acredito na Bíblia; mas quero dizer que não acho que chegue tão depressa assim, e...

De súbito, John Pendleton riu – e bem alto. O enfermeiro, que entrava naquele momento, ouviu a risada e, depressa e sem fazer barulho, bateu em retirada. Parecia um cozinheiro assustado que, vendo o perigo de um golpe de ar frio atingindo um bolo parcialmente assado, corre para fechar a porta do forno.

– Você não está ficando um pouco confusa? – John Pendleton perguntou a Pollyanna.

A menina riu.

– Talvez. Mas o que eu quero dizer é que pernas não duram... as pernas quebradas, sabe... não são como invalidez permanente, como é o caso da sra. Snow. Então a sua não vai durar até o fim dos tempos. Acho que o senhor poderia ficar contente por isso.

– Ah, eu estou – o homem retrucou, melancólico.

– E o senhor só quebrou uma. Pode ficar contente porque não foram as duas. – Pollyanna estava se animando.

– É claro! Sou tão felizardo! – o homem falou, irônico, com as sobrancelhas erguidas. – Vendo por esse lado, acho que posso ficar contente porque não sou uma centopeia e não quebrei cinquenta!

Pollyanna riu.

– Ah, esta foi a melhor até agora – falou. – Eu sei o que é uma centopeia; elas têm um monte de pernas. E o senhor pode ficar contente...

– Ah, claro – o homem interrompeu bruscamente, toda a amargura usual voltando à

sua voz. – Suponho que também posso ficar contente por todo o resto... o enfermeiro, e o médico, e aquela maldita mulher na cozinha!

– Bem, sim... pense em como seria ruim se o senhor *não* tivesse essas pessoas aqui!

– Bem, eu... hein? – ele indagou abruptamente.

– Ora, estou dizendo, apenas pense em como seria sem eles... e o senhor aqui, deitado desse jeito!

– Como se não fosse exatamente essa a origem de todo o problema – o homem retrucou, impaciente –, o fato de estar aqui, deitado desse jeito! E ainda você espera que eu diga que estou contente por causa de uma mulher estúpida que bagunça a casa inteira e chama isso de "arrumação", e um homem que a ajuda e a incentiva nisso, e chama isso de "enfermagem", para não falar do médico que encoraja os dois; e todos eles esperando que eu pague por isso, e pague muito bem!

Pollyanna franziu a testa, solidária.

– É, eu sei. *Essa* parte é muito ruim... sobre o dinheiro... sendo que o senhor vinha guardando esse tempo todo.

– Sendo que... o quê?

– Guardando... comprando feijão e bolinho de peixe, sabe. Ei, o senhor gosta de feijão? Ou prefere peru, mas é só por causa do preço?

– Escute aqui, criança, do que você está falando?

Pollyanna sorriu, radiante.

– Do dinheiro, sabe... da abnegação, guardando para os pobres da Índia. Eu fiquei sabendo. Ora, sr. Pendleton, esta foi uma das coisas que me fizeram perceber que o senhor não era bravo por dentro. A Nancy me contou.

O homem ficou de queixo caído.

– A Nancy contou que eu estava guardando dinheiro para os... Bem, posso saber quem é Nancy?

– A *nossa* Nancy. Ela trabalha para a tia Polly.

– Tia Polly! Bem, e quem é a tia Polly?

– A srta. Polly Harrington. Eu moro com ela.

O homem fez um movimento súbito.

– A senhorita... Polly... Harrington! – ele murmurou. – Você mora com... *ela*!

– Sim; sou sobrinha dela. Ela me pegou para criar... por causa da minha mãe, sabe – Pollyanna hesitou, em voz baixa. – Elas eram irmãs. E depois que o meu pai... foi ficar com ela e com o resto de nós no céu, não tinha mais ninguém para cuidar de mim aqui embaixo além das senhoras da igreja; então ela me adotou.

O homem não respondeu. Seu rosto, quando ele se deitou no travesseiro, estava muito pálido, tão pálido que Pollyanna ficou assustada. Ela se levantou, hesitante.

– Acho que agora é melhor eu ir andando – propôs. – Espero que goste... da geleia.

O homem virou a cabeça de repente e abriu os olhos. Havia, no fundo daqueles olhos escuros, um estranho anseio que até Pollyanna percebeu, e que a deixou atônita.

– Então você é... sobrinha da srta. Polly Harrington – ele falou gentilmente.

– Sim, senhor.

Os olhos escuros do homem se demoraram sobre o rosto de Pollyanna, até que, sentindo-se um pouco desconfortável, ela murmurou:

– Eu... eu imagino que o senhor... a conheça.

Os lábios de John Pendleton esboçaram um sorriso estranho.

– Ah, sim; conheço. – Ele hesitou; então prosseguiu, ainda com aquele sorriso estranho. – Mas... você não quer dizer... não pode querer dizer que foi a srta. Polly Harrington que me mandou essa geleia... foi? – ele falou, devagar.

Pollyanna pareceu perturbada.

– N... não, senhor: ela não mandou. Ela disse que eu não deveria deixar o senhor pensar que foi ela que mandou. Mas eu...

– Imaginei – o homem falou laconicamente e virou a cabeça para o outro lado. E Pollyanna, ainda mais perturbada, saiu do quarto na ponta dos pés.

Sob o *porte-cochère*, ela encontrou o médico esperando na charrete. O enfermeiro estava parado na escada.

– Bem, srta. Pollyanna, posso ter o prazer de levá-la para casa? – o médico perguntou, sorridente. – Eu estava saindo, há alguns minutos; então pensei em esperar por você.

– Obrigada, senhor. Fico contente que tenha esperado. Adoro andar de charrete! – Pollyanna sorriu, enquanto ele estendia a mão para ajudá-la a subir.

– É mesmo? – sorriu o médico, acenando um adeus ao jovem na escada. – Bem, pelo visto, existem muitas coisas que você "adora" fazer, não? – acrescentou, enquanto eles partiam depressa.

Pollyanna riu.

– Ora, não sei. Acho que sim, talvez – admitiu. – Eu gosto de fazer quase tudo que seja *viver*. É claro que também gosto das outras coisas... costurar, e ler em voz alta, e tudo isso. Mas essas coisas não são *viver*.

– Não? E o que são, então?

– A tia Polly diz que são "aprender a viver" – Pollyanna suspirou, com um sorriso pesaroso.

Desta vez o médico sorriu de modo um tanto estranho.

– Ela diz? Bem, imaginei que ela diria... exatamente isso.

– Sim – Pollyanna respondeu. – Mas eu não vejo dessa maneira, nem um pouco. Não

acho que alguém precise *aprender* a viver. Pelo menos, eu não precisei.

O médico deu um longo suspiro.

– Na verdade, receio que alguns de nós... precisamos, menina – ele falou. Então, por um instante, ficou em silêncio. Pollyanna, ao ver seu rosto de relance, sentiu certa pena dele. Parecia tão triste. Perturbada, ela desejou que pudesse "fazer alguma coisa". Foi isso, talvez, o que a levou a dizer, com uma voz tímida:

– Dr. Chilton, acho que ser médico deve ser o trabalho mais contente de todos.

O médico se virou, surpreso.

– Mais contente!... sendo que sempre vejo tanto sofrimento, aonde quer que eu vá? – ele exclamou.

Ela concordou, acenando com a cabeça.

– Eu sei; mas o senhor está *ajudando*... não é? E é claro que fica contente por ajudar! E, portanto, isso faz com que o senhor seja o mais contente de todos nós, o tempo todo.

De súbito, os olhos do médico se encheram de lágrimas. Sua vida era particularmente solitária. Ele não tinha uma esposa, nem uma casa, apenas um consultório de dois cômodos em uma pensão. Tinha um grande apreço por sua profissão. Vendo os olhos brilhantes de Pollyanna, sentiu como se uma mão amorosa tivesse pousado sobre sua cabeça, abençoando-o. Ele soube, também, que um longo dia de trabalho ou uma longa noite de cansaço jamais seriam os mesmos novamente com aquela exaltação recém-descoberta, que lhe chegara através dos olhos de Pollyanna.

– Deus a abençoe, menina – ele falou, trêmulo. Então, com o sorriso radiante que seus pacientes conheciam tão bem e tanto apreciavam, acrescentou: – E estou pensando, afinal, que era o médico, tanto quanto seus pacientes, que precisava de uma dose desse tônico! – o que deixou Pollyanna muito perplexa; até que um esquilo, atravessando a estrada, a fez esquecer o assunto.

O médico deixou Pollyanna na porta de casa, sorriu para Nancy, que estava varrendo a varanda, e partiu depressa.

– Fiz um belo passeio de charrete com o dr. Chilton – Pollyanna anunciou, pulando os degraus. – Ele é adorável, Nancy!

– É?

– Sim. E eu falei que acho que ele deve ter o trabalho mais contente de todos.

– O quê?!... visitar gente doente... e o que é pior: gente que não está doente, mas acha que está...? – Nancy tinha uma expressão de franco ceticismo.

Pollyanna riu alegremente.

– Sim. Foi quase isso que ele disse; mas existe uma maneira de ficar contente, mesmo assim. Adivinhe!

Nancy franziu a testa, pensativa. Nancy estava começando a ficar boa nesse jogo do

“contente”, pensou. Ela também adorava tentar decifrar as “charadas” de Pollyanna, como chamava algumas das perguntas da menina.

– Ah, eu sei – ela riu. – É exatamente o oposto do que você falou pra sra. Snow.

– Oposto? – Pollyanna repetiu, nitidamente confusa.

– É. Cê disse que ela podia ficar contente porque as outras pessoas não eram como ela... todas doentes...

– Isso – Pollyanna concordou.

– Bom, o médico pode ficar contente porque não é como as outras pessoas... as doentes, quero dizer, as que ele trata – Nancy concluiu, triunfante.

Foi a vez de Pollyanna franzir a testa.

– Bem, s…sim – ela admitiu. – É claro que esse é um motivo, mas não foi o que falei; e, de todo modo, acho que não gosto de como soa. Não é exatamente como se ele dissesse que ficava contente por elas *estarem* doentes, mas... você joga de um jeito tão engraçado, às vezes, Nancy! – ela suspirou e entrou na casa.

Pollyanna encontrou a tia na sala de estar.

– Quem era aquele homem... que a trouxe até o portão, Pollyanna? – a srta. Polly indagou, de modo um tanto ríspido.

– Ah, tia Polly, era o dr. Chilton! A senhora o conhece?

– O dr. Chilton! O que ele estava fazendo aqui?

– Ele me trouxe até em casa. Ah, e eu dei a geleia para o sr. Pendleton, e…

A srta. Polly ergueu a cabeça imediatamente.

– Pollyanna, ele não pensou que fui eu que mandei?

– Ah, não, tia Polly. Eu falei que não foi a senhora.

A srta. Polly ficou vermelha.

– Você falou que não fui eu!

Pollyanna arregalou os olhos diante do tom de reprovação na voz da tia.

– Mas, tia Polly, a senhora disse para eu falar isso!

A srta. Polly suspirou.

– Eu disse, Pollyanna, que não mandei a geleia, e que ele não deveria pensar que fui eu que mandei!... o que é muito diferente de falar para ele diretamente que eu não mandei. – E então se virou e saiu, irritada.

– Minha nossa! Bem, eu não consigo ver a diferença – Pollyanna suspirou, e então foi pendurar o chapéu no cabide específico da casa onde a srta. Polly disse que deveria ser pendurado.

Capítulo XVI

Uma rosa vermelha e um xale de renda

Foi num dia chuvoso, cerca de uma semana depois da visita de Pollyanna ao sr. John Pendleton, que a srta. Polly foi levada por Timothy a uma reunião da Liga das Senhoras no começo da tarde. Quando ela voltou, às três horas, suas bochechas estavam muito coradas, e seu cabelo, por causa do vento úmido, estava despenteado, formando ondas e cachos em cada lugar onde os grampos frouxos permitiram.

Pollyanna nunca tinha visto a tia daquele jeito.

– Oh…oh…oh! Ora, tia Polly, a senhora também tem! – ela exclamou extasiada, rodopiando em volta da tia quando esta entrou na sala de estar.

– Tenho o que, criança impossível?

Pollyanna continuava girando em volta da tia.

– E eu nunca soube! Será que as pessoas podem ter sem saber que têm? A senhora acha que eu poderia ter... quero dizer, antes de ir para o céu? – ela exclamou, puxando, com dedinhos ávidos, as mechas lisas sobre suas próprias orelhas. – Mas nesse caso não seriam pretos. Não dá para esconder a parte preta.

– Pollyanna, o que significa tudo isso? – a srta. Polly indagou, tirando o chapéu às pressas e tentando alisar o cabelo bagunçado.

– Não, não, por favor, tia Polly! – a voz animada de Pollyanna se transformou em uma de súplica. – Não desmanche! É deles que estou falando... desses lindos cachinhos pretos. Ah, tia Polly, são tão bonitos!

– Bobagem! Pollyanna, o que você queria quando foi à Liga das Senhoras no outro dia, falando daquela maneira absurda sobre o menino mendigo?

– Mas não é bobagem – Pollyanna insistiu, respondendo apenas o primeiro dos comentários da tia. – A senhora não sabe como fica bonita com o cabelo assim! Ah, tia Polly, por favor, posso fazer um penteado no seu cabelo, como fiz no da sra. Snow, e colocar uma flor? Eu ia adorar ver a senhora assim! Ia ficar muito mais bonita do que ela!

– Pollyanna! – (A srta. Polly falou de modo um tanto ríspido – ainda mais ríspido porque as palavras de Pollyanna haviam lhe proporcionado uma estranha alegria: quando é que alguém se importou com sua aparência, ou com a de seu cabelo? Quando é que alguém manifestou que ia “adorar” vê-la “bonita”?) – Pollyanna, você não respondeu

minha pergunta. Por que foi até a Liga das Senhoras com aquela história absurda?

– É, eu sei; mas não sabia que era absurda até ir e descobrir que elas preferiam ter seu nome num relatório a ver o Jimmy crescer. Então escrevi para as *minhas* senhoras da igreja... porque o Jimmy está longe delas, sabe; e pensei que talvez ele pudesse ser o mesmo que um menino indiano para elas... tia Polly, eu sou sua menina indiana? E, tia Polly, a senhora vai me deixar pentear seu cabelo, não vai?

A srta. Polly levou a mão à garganta, percebendo que estava sendo tomada por aquele conhecido sentimento de impotência.

– Mas, Pollyanna, quando as senhoras me contaram esta tarde que você foi falar com elas, eu fiquei tão envergonhada! Eu...

Pollyanna começou a dançar nas pontas dos pés.

– A senhora não falou! Não falou que eu *não* posso pentear seu cabelo – ela cantava, triunfante –, então tenho certeza de que isso significa exatamente o contrário, como... como o outro dia com a geleia do sr. Pendleton que a senhora não mandou, mas não queria que eu dissesse que não mandou, sabe. Agora espere bem aí onde está. Vou pegar um pente.

– Mas Pollyanna, Pollyanna... – a tia Polly protestou, seguindo a menina pela porta da sala e subindo a escada atrás dela.

– Ah, a senhora subiu aqui? – Pollyanna falou, à porta do quarto da tia. – Isso é ainda melhor! Já peguei o pente. Agora sente-se, por favor, bem aqui. Ah, estou tão contente que me deixe fazer isso!

– Mas, Pollyanna, eu... eu...

A srta. Polly não terminou a frase. Para sua surpresa impotente, ela se viu sentada na cadeira baixa diante da penteadeira, com o cabelo já caindo sobre as orelhas, sob dez dedinhos ansiosos, mas muito gentis.

– Ah! Que cabelo lindo a senhora tem! – Pollyanna murmurou. – E tem muito mais cabelo do que a sra. Snow! Mas, é claro, a senhora precisa de mais, porque não está doente e vai a lugares onde pode ser vista. Nossa! Acho que as pessoas vão ficar contentes ao ver isso... e surpresas também, porque a senhora escondeu por tanto tempo. Ah, tia Polly, vai ficar tão bonita que todo mundo vai amar olhar para a senhora!

– Pollyanna! – a srta. Polly disse com uma voz sufocada, mas chocada, detrás de um véu de cabelo. – Eu... definitivamente não sei por que estou deixando você fazer essa bobagem.

– Ora, tia Polly, achei que ia ficar contente se as pessoas gostassem de ver a senhora! A senhora não gosta de olhar para coisas bonitas? Eu fico muito mais feliz quando olho para pessoas bonitas, porque quando olho para as do outro tipo, fico muito triste por elas.

– Mas... Mas…

– E simplesmente amo arrumar o cabelo das pessoas – Pollyanna sussurrou, satisfeita. – Eu sempre fazia penteados nas senhoras da igreja..., mas nenhuma delas tinha um cabelo tão bonito como o da senhora. O da sra. White era bem bonito, e ela ficou linda no dia em que arrumei... ah, tia Polly, acabei de pensar uma coisa! Mas é segredo, e não vou contar. Agora o seu cabelo está quase pronto, e logo vou sair por um minutinho, e a senhora tem que prometer... prometer... *prometer* não se mexer e nem espiar, até eu voltar. Agora, lembre do que eu falei! – ela concluiu e saiu correndo do quarto.

Em voz alta, a srta. Polly não disse nada. Para si mesma, disse que é claro que deveria desfazer imediatamente o trabalho absurdo dos dedos da sobrinha e prender seu cabelo outra vez. Quanto a "espiar", como se ela se importasse com...

Naquele instante, inexplicavelmente, a srta. Polly se viu de relance no espelho da penteadeira. E o que viu causou tal rubor em suas bochechas que, ao notá-lo, ela corou ainda mais.

Ela viu um rosto – que não era jovem, é verdade – mas que, naquele momento, estava iluminado de entusiasmo e surpresa. As bochechas tinham um belo rosado. Os olhos brilhavam. O cabelo, escuro, e ainda úmido por causa do vento lá fora, caía em ondas sobre a testa e se curvava atrás das orelhas formando um belo desenho, com cachinhos delicados aqui e ali.

A srta. Polly ficou tão surpresa e tão absorta com o que vira no espelho que quase esqueceu sua determinação de desfazer o penteado, até que ouviu Pollyanna entrar no quarto novamente. Antes que pudesse se mover, ela sentiu alguma coisa ser colocada sobre seus olhos e amarrada atrás da cabeça.

– Pollyanna, Pollyanna! O que você está fazendo? – ela gritou.

Pollyanna deu uma risadinha.

– É exatamente isso que não quero que saiba, tia Polly, e tive medo de que a senhora *espiasse*, por isso amarrei o lenço. Agora fique sentada, quieta. Não vai levar mais do que um minuto, e então eu deixo a senhora ver.

– Mas, Pollyanna – a srta. Polly começou a falar, levantando-se com esforço –, você precisa tirar isso! Você... menina, menina! O que está fazendo? – falou, enquanto sentia algo macio ser colocado sobre seus ombros.

Pollyanna apenas riu, ainda mais animada. Com dedos trêmulos, ela estava acomodando delicadamente sobre os ombros da tia as dobras de um belo xale de renda, amarelado pelos longos anos de guardado e cheirando a lavanda. Pollyanna havia encontrado o xale na semana anterior, quando Nancy estava arrumando o sótão; e, nesse dia, lhe ocorreu que não havia razão para que sua tia, como a sra. White em sua casa no

oeste, não estivesse “bem-vestida”.

Com a tarefa concluída, Pollyanna examinou sua obra com um olhar de aprovação, mas viu que faltava um toque final. Prontamente, portanto, ela empurrou a tia até o jardim de inverno, onde viu uma rosa vermelha tardia florescendo na treliça, ao alcance de sua mão.

– Pollyanna o que você está fazendo? Aonde está me levando? – a tia Polly recuava, tentando resistir inutilmente. – Pollyanna, eu não...

– É só até o jardim de inverno... só um minuto! Já vou terminar, a senhora vai estar pronta num piscar de olhos – Pollyanna falou, ofegante, colhendo a rosa e enfiando-a no cabelo macio sobre a orelha esquerda da srta. Polly. – Pronto! – falou, exultante, desatando o nó do lenço e arremessando para longe o pedaço de tecido. – Ah, tia Polly, agora acho que a senhora vai ficar contente por estar toda arrumada!

Por um minuto de perplexidade, a srta. Polly olhou para si mesma, toda enfeitada, e olhou à sua volta; então soltou um gritinho e saiu correndo para o quarto. Pollyanna, seguindo a direção do último olhar atônito da tia, viu, pelas janelas abertas do jardim de inverno, o cavalo e a charrete se aproximando do portão. Ela reconheceu imediatamente o homem que segurava as rédeas. Com grande alegria, debruçou-se sobre a janela.

– Dr. Chilton, dr. Chilton! O senhor queria me ver? Estou aqui em cima.

– Sim – o médico sorriu, com certa gravidade. – Pode descer, por favor?

No quarto, Pollyanna encontrou uma mulher de rosto vermelho e olhar furioso, arrancando os alfinetes que mantinham um xale de renda no lugar.

– Pollyanna, como pôde? – a mulher reclamou. – Pensar em me enfeitar desse jeito, e então me deixar... *ser vista*!

Pollyanna parou, consternada.

– Mas a senhora ficou linda... simplesmente linda, tia Polly; e...

– Linda?! – a mulher desdenhou, jogando o xale de lado e atacando o cabelo com dedos trêmulos.

– Ah, tia Polly, por favor, deixe o cabelo assim!

– Assim? Desse jeito? Até parece! – a srta. Polly puxou o cabelo para trás, atando-o tão firmemente que o último cachinho desapareceu na ponta de seus dedos.

– Poxa! E pensar que a senhora estava tão bonita – Pollyanna quase chorou, enquanto saía pela porta aos tropeços.

No andar de baixo, Pollyanna encontrou o médico esperando na charrete.

– Receitei você para um paciente, e ele me mandou buscar o remédio – o médico anunciou. – Você vem?

– O senhor quer dizer... até a farmácia? – Pollyanna perguntou, um pouco confusa. – Eu costumava ir, para... para as senhoras da igreja.

O médico balançou a cabeça, com um sorriso.

– Não exatamente. É o sr. John Pendleton. Ele gostaria de vê-la hoje, se você puder. Parou de chover, então eu vim buscá-la. Você vem? Eu a trago de volta antes das seis.

– Eu ia adorar! – Pollyanna exclamou. – Vou perguntar para a tia Polly.

Em alguns instantes, ela voltou, com o chapéu na mão, mas com uma expressão um tanto séria.

– A sua tia não queria que você viesse? – o médico perguntou, um pouco tímido, enquanto eles partiam.

– Queria – Pollyanna suspirou. – Ela queria *muito* que eu viesse, acho.

– Queria *muito*?

Pollyanna suspirou novamente.

– É. Acho que ela quis dizer que não me queria lá. Falou: "Sim, vá, vá! Queria que já tivesse ido".

O médico sorriu – mas apenas com os lábios. Seus olhos continuavam muito sérios. Por algum tempo, ele não disse nada; então, um pouco hesitante, perguntou:

– Não foi... sua tia que eu vi com você há alguns minutos... na janela do jardim de inverno?

Pollyanna respirou fundo.

– Sim; acho que esse foi o problema todo. Eu a vesti com um xale de renda lindo que encontrei no sótão e fiz um penteado e coloquei uma rosa no cabelo dela, e ela ficou tão bonita. O *senhor* não achou que ela estava simplesmente linda?

Por um instante, o médico não respondeu. Quando falou, sua voz era tão baixa que Pollyanna mal conseguiu ouvir as palavras.

– Sim, Pollyanna... eu achei que ela estava... simplesmente linda.

– Achou? Fico tão contente! Vou contar para ela – a menina falou, satisfeita.

Para sua surpresa, o médico exclamou, de repente:

– Nunca! Pollyanna, eu... creio que devo pedir que não conte isso... para ela.

– Ora, dr. Chilton! Por que não? Achei que o senhor ia ficar contente...

– Mas talvez ela não fique – o médico interrompeu.

Pollyanna pensou sobre isso por um instante.

– É verdade... talvez não fique – suspirou. – Agora me lembro; foi porque viu o senhor que ela saiu correndo. E... e depois falou sobre ser vista daquele jeito.

– Foi o que pensei – o médico murmurou.

– Ainda assim, não consigo entender por que – Pollyanna insistiu. – Ela estava tão bonita!

O médico não disse nada. De fato, não disse mais nada até quando eles estavam quase chegando à grande casa de pedra onde John Pendleton jazia com uma perna

quebrada.

Capítulo XVII

“Exatamente como em um livro”

Naquele dia, John Pendleton cumprimentou Pollyanna com um sorriso.

– Bem, srta. Pollyanna, acho que você deve ser uma pessoinha muito tolerante, ou não teria vindo me ver hoje.

– Mas, sr. Pendleton, eu fiquei mesmo muito contente de vir e também não vejo por que não deveria.

– Ah, acho que fui muito rude com você, sabe, tanto no dia em que me trouxe a geleia tão amavelmente, quanto naquele primeiro dia em que me encontrou com a perna quebrada. A propósito, acho que nunca lhe agradeci por isso. Agora tenho certeza de que até você admitiria que foi muito tolerante ao vir me ver, depois de um tratamento tão ingrato!

Pollyanna se mexeu, inquieta.

– Mas eu fiquei contente de encontrar o senhor... isto é, não estou dizendo que fiquei contente porque o senhor quebrou a perna, claro – ela foi logo corrigindo.

John Pendleton sorriu.

– Entendi. Sua língua escapa de vez em quando, não é mesmo, srta. Pollyanna? Mas eu realmente lhe agradeço; e a considero uma menina muito corajosa por ter feito o que fez naquele dia. Agradeço pela geleia, também – acrescentou, com uma voz mais baixa.

– O senhor gostou? – Pollyanna perguntou, com interesse.

– Muito. Imagino... que hoje não tenha mais geleia... que a tia Polly *não* mandou, tem? – ele perguntou, com um sorriso estranho.

Sua visitante pareceu perturbada.

– N... não, senhor. – Ela hesitou, e então prosseguiu, ruborizada. – Por favor, sr. Pendleton, eu não quis ser rude no outro dia quando disse que a tia Polly *não* mandou a geleia.

Não houve resposta. Agora John Pendleton não estava sorrindo. Estava olhando para a frente, com olhos que pareciam atravessar os objetos diante deles. Depois de um tempo, ele respirou fundo e se virou para Pollyanna. Quando falou, sua voz tinha a irritação habitual.

– Bem, bem, isso não vai levar a nada. Não mandei lhe buscar para você ouvir meus lamentos. Escute, lá na biblioteca... a sala grande onde fica o telefone... você vai

encontrar uma caixa esculpida na prateleira inferior da estante grande com portas de vidro, no canto, perto da lareira. Isto é, deve estar lá, se aquela maldita mulher não "arrumou" em outro lugar! Traga para mim. É pesada, mas acho que não a ponto de você não conseguir carregar.

– Ah, eu sou muito forte – Pollyanna declarou alegremente e se levantou de um salto. Em um minuto, ela estava de volta com a caixa.

Seguiram-se trinta minutos muito agradáveis que Pollyanna passou com John Pendleton. A caixa estava cheia de tesouros – objetos que ele colecionara em anos de viagem –, e sobre cada um deles havia alguma história interessante, fosse um conjunto de peças de xadrez belamente esculpidas, vindas da China, ou um pequeno ídolo de jade vindo da Índia.

Foi depois que ouviu a história sobre o ídolo que Pollyanna murmurou, melancólica:

– Bem, imagino que *seria* melhor pegar um menino indiano para criar... um que acha que Deus está nesse boneco... do que pegar o Jimmy Bean, um menino que sabe que Deus está lá no céu. Mesmo assim, não consigo deixar de querer que elas tivessem aceitado criar o Jimmy Bean também, além dos meninos indianos.

John Pendleton não parecia ouvir. Mais uma vez, seus olhos estavam olhando fixo à sua frente, para o nada. Mas logo ele havia se recomposto e pego outro objeto sobre o qual falar.

A visita certamente estava muito agradável, mas, antes de terminar, Pollyanna percebeu que eles estavam falando de outras coisas além dos objetos maravilhosos na bela caixa esculpida. Estavam falando dela, de Nancy, da tia Polly, e de sua vida cotidiana. Estavam falando, também, até mesmo de sua vida e de sua casa na longínqua cidade do oeste, há muito tempo.

Foi só quando já era quase hora de ela ir embora que o homem falou, com uma voz que Pollyanna nunca tinha ouvido de John Pendleton, sempre tão severo:

– Menina, quero que venha me ver com frequência. Você vem? Eu sou sozinho e preciso de você. Tem outro motivo... e vou lhe contar. No começo, depois que descobri quem você era, no outro dia, pensei que não queria mais que viesse. Você me fez lembrar de... de algo que, por muitos anos, tentei esquecer. Então eu disse para mim mesmo que não queria vê-la novamente; e todos os dias, quando o médico perguntava se poderia trazer você para me ver, eu dizia que não. Mas, depois de um tempo, percebi que estava querendo tanto ver você que... que o fato de *não estar* vendo você me fazia lembrar ainda mais vividamente daquilo que eu tanto queria esquecer. Então agora quero que venha. Você vem, menina?

– Ora, sim, sr. Pendleton – Pollyanna murmurou, os olhos iluminados de compaixão pelo homem de rosto triste deitado no travesseiro à sua frente. – Vou adorar vir!

– Obrigado – disse John Pendleton, gentilmente.

Depois do jantar, naquela noite, Pollyanna, sentada na varanda dos fundos, contou a Nancy tudo sobre a maravilhosa caixa esculpida do sr. John Pendleton, e sobre as coisas ainda mais maravilhosas que ela continha.

– E pensar que ele *mostrou* todas essas coisas pra você – Nancy suspirou –, e contou sobre elas desse jeito... ele, que é tão bravo e que nunca fala com ninguém... ninguém!

– Ah, mas ele não é bravo, Nancy... só por fora – Pollyanna protestou, numa pronta demonstração de lealdade. – E não sei por que todo mundo pensa que ele é tão mau. Não pensariam isso se o conhecessem. Mas mesmo a tia Polly não gosta muito dele. Ela não queria mandar geleia para ele, sabe, e ficou com tanto medo que ele pensasse que foi ela que mandou!

– Provavelmente ela não considera seu dever – Nancy encolheu os ombros. – Mas o que me intriga é como ele gostou de você, srta. Pollyanna... sem querer ofender, claro..., mas ele não é o tipo de homem que tende a gostar de criança; não é, mesmo.

Pollyanna sorriu, feliz.

– Mas gostou, Nancy – ela concordou –, só acho que não... o tempo *todo*. Pois hoje ele confessou que um dia pensou que nunca mais ia querer me ver, porque eu o fazia lembrar de uma coisa que ele queria esquecer. Mas depois...

– Como é? – Nancy interrompeu, entusiasmada. – Ele falou que você o fazia lembrar de uma coisa que ele queria esquecer?

– É. Mas depois...

– O que era? – Nancy insistiu, ansiosa.

– Ele não me contou. Só disse que era uma coisa.

– *Mistério*! – Nancy suspirou, com uma voz abismada. – Foi por isso que ele gostou de você. Ah, srta. Pollyanna! Ora, é exatamente como num livro... eu li muitos: *O segredo da sra. Maud*, *O herdeiro perdido* e *Escondido por anos*. Todos eles tinham mistérios e coisas desse tipo. Minha nossa! Só de pensar em ter um livro acontecendo bem debaixo do meu nariz e eu sem saber disso esse tempo todo! Agora me conte tudo... tudo que ele falou, srta. Pollyanna! Não é de admirar que ele foi falar com você!

– Mas ele não veio – Pollyanna exclamou –, não até *eu* falar com *ele* primeiro. E ele nem sabia quem eu era até o dia em que levei a geleia de mocotó, e precisei fazê-lo entender que a tia Polly não tinha mandado, e...

Nancy se levantou de um salto e subitamente bateu palmas.

– Ah, srta. Pollyanna, eu sei, eu sei... *eu sei*, eu sei! – ela falou, extasiada. No minuto seguinte, estava sentada outra vez ao lado de Pollyanna. – Diga... agora pense e responda sem rodeios e com sinceridade – ela instou, entusiasmada. – Foi depois que descobriu que você era sobrinha da srta. Polly que ele disse que não queria mais te ver, não foi?

– Ah, sim. Eu contei para ele na minha última visita, e ele me falou isso hoje.

– Imaginei – disse Nancy, triunfante. – E a srta. Polly não queria mandar a geleia, queria?

– Não.

– E cê falou pra ele que ela não tinha mandado?

– Ora, sim; eu...

– E ele começou a agir estranho e a gritar de repente depois que descobriu que cê era sobrinha dela. Ele fez isso, não fez?

– É... s...sim; ele realmente agiu um pouco estranho... com relação à geleia – Pollyanna admitiu, com uma expressão pensativa.

Nancy deu um longo suspiro.

– Então descobri, certeza! Agora escuta: *o sr. John Pendleton foi namorado da srta. Polly Harrington!* – ela anunciou pomposamente, mas com um olhar furtivo por sobre o ombro.

– Mas Nancy, não pode ser! Ela não gosta dele – Pollyanna objetou.

Nancy a olhou de modo desdenhoso.

– É claro que não gosta! Eles *brigaram*!

Pollyanna ainda parecia incrédula, e, com outro longo suspiro, Nancy se acomodou alegremente para contar a história.

– É o seguinte. Pouco antes de você vir pra cá, o sr. Tom me contou que a srta. Polly teve um namorado. Eu não acreditei. Era impossível... ela e um namorado! Mas o sr. Tom disse que teve, e que ele mora bem aqui nesta cidade. E *agora* eu sei, é claro. É John Pendleton. Ele não tem um mistério na vida? Não se tranca naquela casa enorme sozinho e nunca fala com ninguém? Não agiu estranho quando descobriu que você é sobrinha da srta. Polly? E agora não confessou que cê fazia ele lembrar de uma coisa que ele quer esquecer? Como se *alguém* pudesse não perceber que era a srta. Polly!... e também ela dizendo que não queria mandar geleia pra ele. Ora, srta. Pollyanna, mais óbvio, impossível!

– Oh! – Pollyanna suspirou, com os olhos arregalados de espanto. – Mas Nancy, acho que se eles se amassem fariam as pazes em algum momento. Os dois, sozinhos, todos esses anos. Acho que ficariam contentes de fazer as pazes!

Nancy desdenhou novamente.

– Imagino que cê não entende muito de namorados, srta. Pollyanna. Afinal, ainda não tem idade pra isso. Mas se *tem* gente no mundo que não ia querer saber daquele seu "jogo do contente" é um casal de namorados brigados; e é isso que eles são. Ele não tá sempre tão bravo?... e ela não é...

Nancy parou abruptamente, lembrando-se, bem a tempo, para quem, e de quem,

estava falando. De repente, no entanto, riu.

– Não tô dizendo pra fazer isso, srta. Pollyanna, mas ia ser muito legal se você conseguisse *fazer* os dois jogarem... pra *ficarem* contentes de fazer as pazes. Mas, minha nossa! As pessoas não iam olhar meio... a srta. Polly e ele! Mas acho que não tem muita chance, não!

Pollyanna não disse nada; mas, quando entrou em casa, um pouco mais tarde, seu rosto estava muito pensativo.

Capítulo XVIII

Prismas

Passados os dias quentes de agosto, Pollyanna passou a ir com frequência à casa enorme na colina de Pendleton. Ela, no entanto, não sentia que suas visitas tivessem muito sucesso. O homem parecia querer que ela fosse – de fato, frequentemente mandava buscá-la, mas então, quando ela estava lá, ele não parecia tão feliz com sua presença – pelo menos, é o que Pollyanna achava.

John Pendleton falava com ela, é verdade, e lhe mostrava muitas coisas estranhas e bonitas – livros, gravuras e raridades. Mas ainda se afligia com sua própria impotência, e estava visivelmente irritado com as regras e "regulações" das pessoas indesejadas em seu lar. Ele, no entanto, realmente parecia gostar de ouvir Pollyanna falar, e Pollyanna falava. Pollyanna gostava de falar, mas nunca sabia se, ao erguer os olhos, não o encontraria deitado no travesseiro com aquele olhar perdido e magoado que sempre a machucava; e nunca sabia quais – se é que alguma – de suas palavras haviam provocado isso. Quanto a contar sobre o "jogo do contente" e tentar fazê-lo jogar, Pollyanna ainda não havia encontrado uma ocasião em que ele parecesse disposto a ouvir sobre isso. Por duas vezes, ela tentou lhe dizer; mas não foi além do começo, sobre o que seu pai dissera, pois John Pendleton, em ambas as ocasiões, mudou bruscamente de assunto.

Pollyanna já não tinha dúvidas de que John Pendleton havia sido o namorado da srta. Polly; e, com toda a força de seu coração leal e amoroso, ela desejava que, de alguma maneira, pudesse trazer felicidade às vidas de ambos – em sua visão, miseravelmente solitárias.

Exatamente como faria isso, no entanto, é algo que ela não sabia. Ela falava com o sr. Pendleton sobre a tia; e ele ouvia, às vezes educadamente, às vezes com irritação, quase sempre com um sorriso enigmático nos lábios normalmente sérios. Ela falava com a tia sobre o sr. Pendleton – ou, pelo menos, tentava falar sobre ele. Mas, em geral, a srta. Polly não ouvia por muito tempo. Sempre encontrava outro assunto sobre o qual falar. Frequentemente fazia isso, no entanto, quando Pollyanna estava falando de outras pessoas – do dr. Chilton, por exemplo. Mas Pollyanna associava isso ao fato de que o dr. Chilton a tinha visto no jardim de inverno com a rosa no cabelo e o xale de renda sobre os ombros. A srta. Polly, de fato, parecia particularmente amargurada com relação ao dr. Chilton, como Pollyanna descobriu um dia quando um resfriado forte a obrigou a ficar

em casa.

– Se você não estiver melhor até a noite, vou mandar buscar o médico – a srta. Polly falou.

– Vai? Então vou piorar – Pollyanna riu. – Eu adoraria que o dr. Chilton viesse me ver!

A expressão no rosto da tia a deixou confusa.

– Não será o dr. Chilton, Pollyanna – a srta. Polly falou, com uma voz severa. – O dr. Chilton não é o médico da nossa família. Mandarei buscar o dr. Warren... se você piorar.

Mas Pollyanna não piorou, e o dr. Warren não foi chamado.

– E também fico muito contente – Pollyanna falou para a tia naquela noite. – É claro que gosto do dr. Warren, e tudo isso; mas gosto mais do dr. Chilton, e acho que ele se sentiria ofendido se não fosse chamado. Afinal, ele não tem culpa de ter visto a senhora quando eu a deixei tão bonita naquele dia, tia Polly – ela concluiu, chorosa.

– Já chega, Pollyanna. Eu realmente não quero discutir sobre o dr. Chilton... ou seus sentimentos – a srta. Polly falou, decidida, em tom de reprovação.

Pollyanna fitou a tia por um instante, com um olhar ao mesmo tempo interessado e pesaroso; então suspirou:

– Eu adoro quando suas bochechas estão assim rosadas, tia Polly; mas queria tanto arrumar seu cabelo! Se... ah, tia Polly! – mas a srta. Polly já estava no corredor, fora do alcance da vista da sobrinha.

Foi perto do fim de agosto que Pollyanna, ao visitar John Pendleton no início da manhã, encontrou, sobre seu travesseiro, uma faixa luminosa de azul e dourado e verde, com bordas vermelha e violeta. Ela parou imediatamente, encantada.

– Veja, sr. Pendleton, é um arco-íris mirim! Um arco-íris de verdade veio lhe fazer uma visita! – ela exclamou, batendo palminhas. – Oh, oh, oh, é tão bonito! Mas *como* entrou aqui? – exclamou.

O homem deu uma risada um pouco sombria: John Pendleton estava particularmente de mal com o mundo esta manhã.

– Bem, imagino que tenha entrado através da ponta biselada daquele termômetro de vidro na janela – falou, cansado. – O sol não deveria bater aí, mas bate, de manhã.

– Ah, mas é tão bonito, sr. Pendleton! E é só o sol que faz isso? Nossa! Se fosse meu, eu deixaria no sol o dia todo!

– Assim o termômetro seria muito útil – o homem riu. – Como acha que poderia saber a temperatura, se ficasse no sol o dia todo?

– Eu não me importaria – Pollyanna suspirou, olhando fascinada para a faixa brilhante de cores sobre o travesseiro. – Como se alguém fosse se importar com isso, se

vivesse o tempo todo em um arco-íris!

O homem riu. Ele estava observando, com certa curiosidade, o rosto fascinado de Pollyanna. De repente, um novo pensamento lhe ocorreu. Ele tocou a campainha a seu lado.

– Nora – ele falou, quando a criada idosa apareceu à porta –, traga um dos castiçais grandes de bronze que ficam sobre a lareira na sala de estar.

– Sim, senhor – a senhora murmurou, com um olhar um pouco confuso.

Em um minuto, ela estava de volta. Um tilintar musical a acompanhou pelo quarto quando ela, atônita, avançou em direção à cama. Vinha dos pingentes de prisma que circundavam o antigo candelabro que ela trazia.

– Obrigado. Pode deixar aqui na mesa – o homem instruiu. – Agora pegue uma corda e amarre-a no suporte da cortina daquela janela, ali. Abra a cortina e deixe a corda atravessar a janela de um lado a outro. Isso é tudo. Obrigado – falou, depois que ela tinha executado todas as instruções.

Quando ela saiu do quarto, ele olhou sorridente para Pollyanna, que observava, curiosa.

– Por favor, Pollyanna, agora me traga o castiçal.

Com as duas mãos, ela o trouxe; e logo ele estava soltando os pingentes, um por um, até que havia uma dúzia deles dispostos lado a lado sobre a cama.

– Agora, querida, pegue os pingentes e pendure naquela cordinha que a Nora amarrou na janela. Se você realmente *quer* viver num arco-íris... vai precisar de um!

Pollyanna mal havia pendurado três dos pingentes na janela ensolarada quando viu um pouco do que estava prestes a acontecer. Ela ficou tão entusiasmada que mal conseguia controlar os dedos trêmulos para pendurar o resto. Mas, finalmente, sua tarefa estava concluída, e ela deu um passo para trás, soltando um gritinho de alegria.

Aquele quarto suntuoso, mas deprimente, havia se tornado uma terra encantada. Em toda parte, viam-se partículas dançantes de verde e vermelho, violeta e laranja, dourado e azul. A parede, o piso, os móveis, até mesmo a própria cama, estavam iluminados com pedaços cintilantes de cor.

– Oh, oh, oh, que lindo! – Pollyanna se admirou; então riu de repente. – Acho que o próprio sol está tentando jogar o jogo agora, não acha? – ela exclamou, esquecendo, por um instante, que o sr. Pendleton não tinha como saber do que ela estava falando. – Ah, como eu gostaria de ter um monte dessas coisas! Adoraria poder dar para a tia Polly e para a sra. Snow e... para um monte de gente. Acho que *assim* elas ficariam contentes! Acho até que a tia Polly ficaria tão contente que ia acabar batendo alguma porta se vivesse num arco-íris como esse. Não acha?

O sr. Pendleton riu.

– Bem, pelo que me lembro da sua tia, srta. Pollyanna, devo dizer que acho que seria preciso algo mais do que alguns prismas à luz do sol para... para fazê-la bater portas... por contentamento. Mas, agora, realmente, o que quer dizer com isso?

Pollyanna o fitou por um instante; então deu um longo suspiro.

– Ah, esqueci. O senhor não sabe do jogo.

– Imagino que vá me contar, não?

E, desta vez, Pollyanna contou. Contou tudo, desde o início – das muletas que deveriam ter sido uma boneca. Enquanto falava, ela não olhava para o rosto dele. Seus olhos continuavam observando, fascinados, as manchas dançantes e coloridas vindas dos pingentes de prisma que balançavam na janela ensolarada.

– E isso é tudo – ela suspirou, ao terminar. – E agora o senhor sabe por que falei que o sol estava tentando jogar... esse jogo.

Por um instante, houve silêncio. Então, uma voz baixa vinda da cama falou, trêmula:

– Talvez; mas estou achando que o prisma mais perfeito de todos é você, Pollyanna.

– Ah, mas eu não mostro belos tons de vermelho e verde e violeta quando o sol bate em mim, sr. Pendleton!

– Não? – o homem sorriu. E Pollyanna, olhando para ele, se perguntou por que ele tinha lágrimas nos olhos.

– Não – ela falou. E, depois de um minuto, acrescentou, pesarosa: – Acho que a única coisa que o sol faz aparecer em mim, sr. Pendleton, são as sardas. A tia Polly diz que realmente *faz* isso!

O homem riu; e mais uma vez Pollyanna olhou para ele: a risada havia soado quase como um soluço.

Capítulo XIX

Um tanto surpreendente

Pollyanna entrou na escola em setembro. Os exames preliminares mostraram que ela era bem avançada para sua idade, e logo ela estava feliz por ser parte de uma turma de meninas e meninos de sua própria faixa etária.

A escola, em alguns aspectos, foi uma surpresa para Pollyanna; e Pollyanna, certamente, em muitos aspectos, foi uma grande surpresa para a escola. No entanto, logo ambas as partes estavam se dando muito bem e, para a tia, Pollyanna confessou que ir para a escola *era* viver, afinal – embora antes ela tivesse tido suas dúvidas.

Apesar do prazer que encontrou em sua nova atividade, Pollyanna não se esqueceu dos velhos amigos. É verdade que ela agora não podia mais dedicar tanto tempo a eles; mas dedicava todo o tempo que conseguia. Mas, de todos eles, o mais insatisfeito possivelmente era John Pendleton.

Um sábado à tarde ele falou com ela sobre isso.

– Ouça, Pollyanna, o que acha de vir morar comigo? – ele perguntou, um pouco impaciente. – Eu quase não a vejo, ultimamente.

Pollyanna riu – o sr. Pendleton era um homem tão engraçado!

– Achei que o senhor não gostasse de ter pessoas por perto – ela falou.

Ele fez uma careta.

– Ah, mas isso foi antes de você me ensinar aquele seu jogo incrível. Agora fico contente de que façam tudo por mim! Esqueça, logo estarei de pé outra vez; e aí quero só ver quem vai aparecer por aqui – ele concluiu, pegando uma das muletas ao seu lado e brandindo-a contra a menina, de modo brincalhão. Nesse dia, eles estavam sentados na grande biblioteca.

– Ah, mas o senhor não está contente de verdade por todas essas coisas; só *diz* que está – Pollyanna falou, com os olhos no cachorro, que cochilava diante da lareira. – O senhor sabe que *nunca* joga direito, sr. Pendleton... sabe que não!

Subitamente, o rosto do homem ficou muito sério.

– É por isso que quero você aqui, menina... para me ajudar a jogar. Você vem?

Pollyanna se virou, surpresa.

– Sr. Pendleton, o senhor não está falando sério... está?

– Estou, sim. Quero que more comigo. Você vem?

Pollyanna pareceu perturbada.

– Mas, sr. Pendleton, eu não posso... o senhor sabe que não posso. Eu sou... da tia Polly!

Por um segundo, o rosto do homem adquiriu uma expressão que Pollyanna não conseguiu decifrar. Ele levantou a cabeça, de modo quase agressivo.

– Você não é mais dela do que... talvez ela deixe você vir morar comigo – ele concluiu, com uma voz mais suave. – Você viria... se ela deixasse?

Pollyanna franziu a testa, pensativa.

– Mas a tia Polly tem sido tão... boa para mim – ela começou a falar, lentamente – e me adotou quando eu não tinha ninguém além das senhoras da igreja, e...

Novamente, aquele espasmo se fez notar no rosto do homem; mas, desta vez, quando ele falou, sua voz era baixa e muito triste.

– Pollyanna, há muitos anos eu amei muito uma pessoa. Eu esperava trazê-la, um dia, para esta casa. Imaginei como seríamos felizes juntos em nosso lar, pelo resto da vida.

– Sim – Pollyanna se solidarizou, com os olhos cheios de compaixão.

– Mas... bem, eu não a trouxe para cá. Não importa o motivo. Eu simplesmente não trouxe, isso é tudo. E desde então, esta grande construção de pedra é uma casa, mas nunca um lar. É preciso a mão e o coração de uma mulher, ou a presença de uma criança, para fazer de uma casa um lar, Pollyanna; e eu não tive nenhum dos dois. Então, minha querida, você vem?

Pollyanna se levantou de um salto. Seu rosto estava iluminado.

– Sr. Pendleton, o senhor... o senhor está dizendo que queria... ter tido a mão e o coração dessa mulher esse tempo todo?

– S…sim, Pollyanna.

– Ah, estou tão contente! Então está tudo certo – a menina suspirou. – Agora o senhor pode trazer nós duas, e tudo vai ser maravilhoso!

– Trazer... vocês... duas? – o homem repetiu, perplexo.

Uma sombra de dúvida atravessou o rosto de Pollyanna.

– Bem, é claro, a tia Polly ainda precisa querer; mas tenho certeza de que vai querer, se o senhor disser para ela exatamente o que disse para mim, e então nós duas viríamos, é claro.

Uma expressão de verdadeiro horror apareceu nos olhos dele.

– A tia Polly vir... *morar aqui*?!

Pollyanna arregalou os olhos.

– O senhor ia preferir morar *lá*? – ela perguntou. – É claro que a casa não é tão bonita, mas é mais perto...

– Pollyanna, *do que* você está falando? – o homem perguntou, agora com uma voz muito gentil.

– Ora, sobre onde vamos morar, é claro – Pollyanna respondeu, obviamente surpresa. – No começo, achei que fosse *aqui*. O senhor falou que quis a mão e o coração da tia Polly todos esses anos para fazer *desta* casa um lar, e...

Um grito inarticulado saiu da garganta do homem. Ele ergueu a mão e começou a falar; mas em seguida a soltou ao lado do corpo, prostrado.

– O médico, senhor – a criada anunciou, à porta.

Pollyanna se levantou imediatamente.

John Pendleton, exaltado, se dirigiu a ela:

– Pollyanna, pelo amor de Deus, não diga nada do que eu lhe falei... ainda – ele implorou, com uma voz grave. Pollyanna abriu um sorriso radiante.

– É claro que não! Como se eu não soubesse que o senhor prefere dizer em pessoa! – ela respondeu alegremente por sobre o ombro.

John Pendleton recostou na poltrona, impotente.

– Ei, o que aconteceu? – indagou o médico, um minuto depois, com os dedos no pulso acelerado do paciente.

Um sorriso enigmático tremia nos lábios de John Pendleton.

– Overdose do seu... tônico, acho – ele riu, enquanto observava os olhos do médico acompanharem a pequena silhueta de Pollyanna até o portão.

Capítulo XX

Ainda mais surpreendente

Nas manhãs de domingo, Pollyanna geralmente ia à igreja e à escola dominical. Na parte da tarde, quase sempre saía para caminhar com Nancy. Ela havia planejado uma caminhada para o dia seguinte ao de sua visita ao sr. John Pendleton no sábado à tarde; mas, a caminho de casa, quando voltava da escola dominical, o dr. Chilton a alcançou com sua charrete e fez os cavalos pararem.

– Permita-me levá-la até sua casa, Pollyanna – o médico propôs. – Quero falar com você por um minuto. Eu estava mesmo indo para lá – ele prosseguiu, enquanto Pollyanna se sentava a seu lado. – O sr. Pendleton fez um pedido especial para que você vá vê-lo esta tarde, *sem falta*. Ele diz que é muito importante.

Pollyanna concordou, feliz.

– É, sim, eu sei. Eu vou.

O médico a olhou com certa surpresa.

– Não sei se devo deixar você ir, afinal – ele declarou, dando uma piscadela. – Ontem, ao que parece, você, em vez de acalmá-lo, o deixou ainda mais agitado, minha jovem.

Pollyanna riu.

– Ah, não fui eu, de verdade... não mesmo, sabe; foi a tia Polly.

O médico parou bruscamente.

– Sua tia?! – ele exclamou.

Pollyanna deu um pulinho de alegria em seu assento.

– Sim. E é tão emocionante e encantador, exatamente como num livro, sabe? Eu... eu vou contar para o senhor – ela decidiu de repente. – Ele me pediu para não contar; mas é claro que não vai se importar se o senhor souber. Ele se referia a não contar para *ela*.

– *Ela*?

– É; a tia Polly. É claro que ele ia querer contar para ela pessoalmente, em vez de pedir para eu fazer isso... afinal, foram namorados!

– Namorados?! – quando o médico disse essa palavra, o cavalo arrancou violentamente, como se a mão que segurava as rédeas as tivesse sacudido com força.

– Sim – Pollyanna confirmou, feliz. – Essa é a parte do enredo, sabe. Eu não sabia,

até que a Nancy me contou. Ela disse que a tia Polly teve um namorado há muitos anos, e que eles brigaram. No começo, ela não sabia quem era. Mas agora descobrimos. É o sr. Pendleton!

O médico relaxou de repente; a mão que segurava as rédeas caiu, impotente, sobre seu colo.

– Ah! Não; eu... eu não sabia – ele falou, calmamente.

Pollyanna contou tudo depressa – eles estavam se aproximando da propriedade dos Harrington.

– É; e agora estou muito contente. Tudo vai dar certo. O sr. Pendleton me pediu para morar com ele, mas é claro que eu não ia deixar a tia Polly assim... depois de ela ter sido tão boa para mim. Então ele me contou tudo sobre a mão e o coração da mulher que ele queria, e descobri que ele ainda quer; e fiquei tão contente! Pois é claro que ele quer fazer as pazes, e tudo vai ficar bem agora, e a tia Polly e eu vamos morar lá, ou então ele vem morar conosco. É claro que a tia Polly ainda não sabe, e nós não resolvemos tudo; então imagino que seja por isso que ele quer me ver esta tarde, sem falta.

Subitamente, o médico endireitou a postura. Havia um sorriso estranho em seus lábios.

– Sim; posso imaginar por que o sr. John Pendleton quer... ver você, Pollyanna – ele concordou, enquanto parou seu cavalo à porta.

– Lá está a tia Polly, na janela! – Pollyanna exclamou; então, um segundo depois: – Ué... não, não está..., mas achei que a tinha visto!

– Não; ela não está lá... agora – o médico falou. De repente, o sorriso havia desaparecido de seus lábios.

Naquela tarde, Pollyanna encontrou John Pendleton muito nervoso à sua espera.

– Pollyanna – ele começou a falar imediatamente. – Passei a noite toda tentando entender o que significou tudo aquilo, ontem... sobre eu querer a mão e o coração da tia Polly aqui todos esses anos. O que você quis dizer?

– Ora, porque vocês foram namorados, um dia; e fiquei tão contente de saber que o senhor ainda sente isso.

– Namorados?!... a sua tia Polly e eu?

Diante da óbvia surpresa na voz do homem, Pollyanna arregalou os olhos.

– Ué, sr. Pendleton, a Nancy me contou!

O homem deu uma risadinha.

– Claro! Bem, acho que devo dizer que a Nancy... está enganada.

– Então vocês... não foram namorados? – a voz de Pollyanna tinha um tom trágico.

– Nunca!

– E *não* vai acontecer tudo como num livro?

Não houve resposta. O homem olhava fixamente pela janela.

– Poxa! E ia ser tão maravilhoso – Pollyanna quase chorou. – Eu ia ficar tão contente de vir morar aqui... com a tia Polly.

– E agora... você não vem? – o homem perguntou, sem olhar para ela.

– É claro que não! Eu sou da tia Polly.

Então ele se virou, de modo quase agressivo.

– Antes de ser dela, Pollyanna, você era... da sua mãe. E... e foram a mão e o coração da sua mãe que eu quis há muitos anos.

– Da minha mãe?!

– Sim. Eu não pretendia lhe contar, mas talvez seja melhor, afinal, eu fazer isso agora. – O rosto de John Pendleton estava muito pálido. Nitidamente, ele falava com dificuldade. Pollyanna, assustada, com os olhos arregalados e os lábios semiabertos, olhava para ele fixamente. – Eu amava a sua mãe, mas ela não me amava. E, depois de um tempo, ela foi embora com o seu pai. Foi só então que eu percebi o quanto... me importava. De repente, o mundo inteiro pareceu ficar sombrio, e... mas esqueça. Há muitos anos eu sou um velho rabugento, mal-humorado, antipático e detestado... embora ainda não tenha nem sessenta anos, Pollyanna. Então, um dia, como um dos prismas que tanto adora, menina, você entrou dançando na minha vida e tingiu meu mundo sombrio com traços do violeta e dourado e escarlate da sua própria alegria luminosa. Depois de um tempo, descobri quem você era, e... e então pensei que jamais ia querer vê-la novamente. Eu não queria ser lembrado da... sua mãe. Mas... você sabe o que aconteceu depois. Eu simplesmente precisava ver você. E agora a quero sempre. Pollyanna, você vem morar comigo?

– Mas, sr. Pendleton, eu... tem a tia Polly! – os olhos de Pollyanna estavam marejados de lágrimas.

O homem fez um gesto impaciente.

– E quanto a mim? Como acha que vou ficar "contente" por alguma coisa... sem você? Pollyanna, foi só depois que você apareceu que consegui ficar um pouco contente por viver! Mas, se você fosse minha, eu ficaria contente por... qualquer coisa, e tentaria deixar você contente também, minha querida. Não haveria nada que eu não faria por você. Todo meu dinheiro, até o último centavo, seria para fazer você feliz.

Pollyanna pareceu chocada.

– Ora, sr. Pendleton, como se eu fosse deixar o senhor gastar seu dinheiro comigo! Todo o dinheiro que guardou para os pobres da Índia!

O rosto do homem ficou vermelho. Ele começou a falar, mas Pollyanna continuava falando.

– Além do mais, qualquer pessoa com tanto dinheiro como o senhor não precisa de

mim para ficar contente. O senhor deixa outras pessoas tão contentes com as coisas que dá que simplesmente não tem como não ficar contente também! Ora, veja aqueles prismas que o senhor deu para a sra. Snow e para mim, e a moeda de ouro que deu para a Nancy no aniversário dela, e...

– Sim, sim... deixe isso para lá – o homem interrompeu. O rosto dele estava muito, muito vermelho agora, e não é de admirar: não foi por "dar coisas" que John Pendleton ficou conhecido no passado. – Isso tudo é uma bobagem. De todo modo, não foi muito... Mas, o que houve, foi por causa de você. *Você* deu essas coisas, não eu! Sim, você – ele repetiu, em resposta à negação chocada no rosto dela. – E isso só serve para provar ainda mais o quanto preciso de você, menina – ele acrescentou; sua voz, mais uma vez, adquiriu um tom de súplica suave. – Para eu jogar o "jogo do contente", Pollyanna, você precisa vir jogar comigo.

A menina franziu a testa, angustiada.

– A tia Polly tem sido tão boa para mim – ela começou a falar; mas o homem a interrompeu bruscamente. A irritabilidade habitual tinha voltado a seu rosto. A impaciência que não tolerava oposição havia sido parte da natureza de John Pendleton durante tanto tempo que agora não seria tão fácil controlá-la.

– É claro que ela tem sido boa para você! Mas posso lhe garantir, ela não quer você nem a metade do que eu quero – ele protestou.

– Mas, sr. Pendleton, eu sei que ela está contente de ter...

– Contente?! – o homem interrompeu outra vez, perdendo totalmente a paciência. – Aposto que a srta. Polly não sabe ficar contente... por nada! Ah, eu sei, ela cumpre seu dever. É uma mulher muito *responsável*. Já presenciei seu compromisso com o "dever". Reconheço que não fomos grandes amigos nos últimos quinze ou vinte anos. Mas eu a conheço. Todo mundo a conhece... e ela não é do tipo "contente", Pollyanna. Não sabe ser. Quanto a você vir morar comigo... simplesmente pergunte e veja se ela não deixa você vir. E, ah, menina, menina, quero tanto você! – ele concluiu, desesperado.

Pollyanna se levantou, com um longo suspiro.

– Tudo bem. Vou perguntar para ela – ela falou, tristemente. – É claro que não estou dizendo que não ia gostar de morar com o senhor, sr. Pendleton, mas... – a menina não concluiu a frase. Houve um momento de silêncio, então ela acrescentou: – Bem, de todo modo, fico contente por não ter contado para ela ontem; pois ontem eu achava que o senhor também a quisesse!

John Pendleton deu um sorriso sombrio.

– Sim, Pollyanna; ainda bem que você não falou nada.

– É... só para o médico..., mas é claro que ele não conta.

– O médico! – John Pendleton exclamou, virando-se depressa. – Não... o dr. Chilton?

– Sim; quando ele veio me contar que o senhor queria me ver hoje, sabe.

– Ora, de todas as... – o homem balbuciou, deixando-se cair sobre a poltrona. Então ele se endireitou, com súbito interesse. – E o que o dr. Chilton falou? – perguntou.

Pollyanna franziu a testa, pensativa.

– Bem, eu não me lembro. Não muita coisa, acho. Ah, falou que podia imaginar por que o senhor queria me ver.

– Ah, ele falou isso? – John Pendleton exclamou. E Pollyanna se perguntou por que ele havia dado aquela risadinha estranha e repentina.

Capítulo XXI

Uma pergunta respondida

O céu estava escurecendo depressa com o que parecia ser uma tempestade se aproximando, enquanto Pollyanna descia correndo a colina de Pendleton. A meio caminho de casa, ela encontrou Nancy com um guarda-chuva. Àquela altura, no entanto, as nuvens tinham mudado de posição, e a tempestade já não era tão iminente.

– Acho que tá indo pro norte – Nancy anunciou, examinando o céu. – Eu bem que tinha falado, mas a srta. Polly quis que eu viesse com isto. Ela tava *preocupada* com você!

– Ah, é? – Pollyanna murmurou, distraída, observando as nuvens.

Nancy soltou um resmungo.

– Parece que cê não prestou atenção no que eu disse – ela observou, incomodada. – Eu disse que sua tia tava *preocupada* com você!

– Oh – Pollyanna suspirou, lembrando subitamente da pergunta que logo faria à tia. – Sinto muito. Eu não quis preocupá-la.

– Pois eu fico contente – Nancy retorquiu, de modo inesperado. – Fico mesmo!

Pollyanna a fitou.

– *Contente* porque a tia Polly ficou preocupada comigo?! Ora, Nancy, não é assim que se joga... ficar contente por uma coisa dessas! – ela objetou.

– Eu não tava jogando – Nancy retrucou. – Nem pensei nisso. *Você* é que parece não entender o que significa a srta. Polly estar *preocupada* com você, menina!

– Ué, significa *preocupada*... e preocupação é um sentimento horrível – Pollyanna insistiu. – O que mais pode significar?

Nancy balançou a cabeça.

– Bom, vou dizer o que significa. Significa que ela finalmente tá ficando mais humana; e que não tá só cumprindo seu dever o tempo todo.

– Ora, Nancy – Pollyanna protestou, escandalizada –, a tia Polly sempre cumpre seu dever. Ela... ela é uma pessoa muito *responsável*! – inconscientemente, Pollyanna repetiu as palavras que John Pendleton dissera meia hora antes.

Nancy riu.

– Tem razão... ela é, sim; e sempre foi, acho! Mas é mais que isso, agora, desde que você chegou.

A expressão de Pollyanna mudou. Ela franziu a testa, perturbada.

– Era isso que eu queria perguntar para você, Nancy – ela suspirou. – Acha que a tia Polly gosta que eu fique aqui? Ela se importaria... se eu não estivesse mais aqui?

Nancy lançou um rápido olhar para o rosto absorto da menina. Durante muito tempo ela esperou que Pollyanna lhe fizesse esta pergunta, e teve medo desse momento. Ela se perguntara como poderia responder de maneira honesta sem magoar cruelmente a menina. Mas agora, *agora*, diante das novas suspeitas que se tornaram convicções, na tarde em que foi mandada ao encontro dela com um guarda-chuva, Nancy recebeu a pergunta de braços abertos. Ela tinha certeza de que, com a consciência limpa, poderia tranquilizar o coração da criança, sedento de amor.

– Se gosta de ter você aqui? Se ia sentir sua falta se você não estivesse aqui? – Nancy gritou, indignada. – Como se não fosse exatamente isso que eu tava falando! Ela não me mandou correr com um guarda-chuva só porque viu uma nuvenzinha no céu? Não me fez descer com as suas coisas pro quarto de baixo, pra você ter o quarto bonito que queria? Ora, srta. Pollyanna, quando a gente se lembra de como no começo ela odiava ter...

Com uma tosse, Nancy se conteve bem a tempo.

– E não é só dessas coisas que eu tô falando – Nancy prosseguiu, ofegante. – São pequenos gestos que mostram como você foi amolecendo o coração dela... o gato, e o cachorro, e o modo como ela fala com você, e ah, um monte de coisas. Ora, srta. Pollyanna, nem sei como dizer o quanto ela ia sentir sua falta se você não estivesse aqui – Nancy concluiu, falando com uma certeza entusiástica que tinha a intenção de ocultar a perigosa confissão que quase fizera. Ainda assim, ela não estava preparada para a alegria repentina que iluminou o rosto de Pollyanna.

– Ah, Nancy, estou tão contente... tão contente! Você não imagina como estou contente de saber que a tia Polly... me quer aqui!

"Até parece que eu a deixaria agora!", Pollyanna pensou enquanto subia a escada para seu quarto, um pouco depois. "Eu sempre soube que queria morar com a tia Polly... mas acho que talvez não soubesse o quanto eu queria que a tia Polly... quisesse morar *comigo*!"

Informar John Pendleton de sua decisão não seria uma tarefa fácil; Pollyanna sabia disso e temia esse momento. Ela gostava muito de John Pendleton e sentia muita pena dele – porque ele parecia sentir muita pena de si mesmo. Ela também tinha pena da longa vida solitária que o tornou tão infeliz; e lhe entristecia pensar que foi por causa de sua mãe que ele passou todos aqueles anos deprimentes. Ela tentou imaginar como seria a grande casa cinza depois que seu dono estivesse bem outra vez, com seus aposentos silenciosos, seus pisos entulhados de coisas, sua mesa desordenada; e seu coração doía pela solidão do homem. Desejava que, em algum lugar, fosse possível encontrar alguém

que – e foi nesse momento que ela se levantou de um salto com um gritinho de alegria, diante da ideia que lhe ocorrera.

Assim que pôde, depois disso, Pollyanna subiu a colina correndo até a casa de John Pendleton; e em pouco tempo ela se viu na grande biblioteca mal iluminada, com o próprio John Pendleton sentado ao lado dela, as mãos finas e compridas pousadas nos braços da poltrona, e o cachorrinho fiel a seus pés.

– E então, Pollyanna, vai ser o "jogo do contente" comigo, pelo resto da vida? – o homem perguntou, gentilmente.

– Vai, sim – Pollyanna exclamou. – Eu pensei numa coisa que o senhor pode fazer para ficar mais contente que nunca, e...

– Com... *você*? – John Pendleton perguntou, o sorriso desaparecendo dos lábios.

– N... não, mas...

– Pollyanna, você não vai me dizer que não! – interrompeu uma voz profundamente abalada.

– Eu preciso, sr. Pendleton; de verdade. A tia Polly...

– Ela se *recusou* a deixar você vir?

– Eu... eu não perguntei para ela – a menina balbuciou, tristemente.

– Pollyanna!

Pollyanna desviou os olhos. Ela não conseguia encarar o olhar triste e magoado do amigo.

– Então você nem perguntou!

– Eu não pude, senhor... de verdade – Pollyanna hesitou. – Sabe, eu descobri... sem perguntar. A tia Polly *quer* que eu fique com ela... e eu também quero ficar – ela confessou, bravamente. – O senhor não sabe o quanto ela tem sido boa para mim; e... e acho que, realmente, ela está começando a ficar contente com as coisas... muitas coisas. E o senhor sabe que ela nunca ficava assim. O senhor mesmo disse. Ah, sr. Pendleton, eu *não poderia* deixar a tia Polly agora!

Houve uma longa pausa. Só o crepitar da lenha no fogo quebrava o silêncio. Por fim, o homem falou:

– Não, Pollyanna; eu entendo. Você não poderia deixá-la... agora – ele falou. – Eu não vou perguntar novamente. – A última palavra foi quase inaudível; mas Pollyanna ouviu.

– Ah, mas o senhor não sabe do resto – ela o lembrou, ansiosa. – Tem uma coisa que o senhor pode fazer para ficar mais contente do que nunca... juro que tem!

– Não para mim, Pollyanna.

– Sim! Foi o senhor mesmo que disse. Disse que só a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança poderiam fazer de uma casa um lar. E eu posso

conseguir para o senhor... a presença de uma criança; não a minha, sabe, mas de *outra* criança.

– Como se eu tivesse outra além de você! – ele se ressentiu, com uma voz indignada.

– Mas vai ter... quando souber; o senhor é tão bom e generoso! Ora, pense nos prismas e nas moedas de ouro, e em todo o dinheiro que o senhor guarda para os pobres da Índia, e...

– Pollyanna! – o homem interrompeu, de modo grosseiro. – De uma vez por todas, vamos parar com essa conversa absurda! Eu já tentei lhe dizer muitas vezes. Não existe dinheiro para os pobres da Índia. Eu nunca na vida mandei um centavo sequer para eles. Pronto!

Ele ergueu o queixo e se preparou para encontrar o que esperava: a triste decepção nos olhos de Pollyanna. Para sua surpresa, no entanto, não havia tristeza nem decepção nos olhos da menina. Havia apenas alegria e surpresa.

– Oh, oh! – ela exclamou, batendo palmas. – Fico tão contente! Isto é – ela logo corrigiu, envergonhada –, não estou dizendo que não fico triste pelos pobres da Índia, é só que agora não consigo deixar de ficar contente de saber que o senhor não quer os meninos indianos quando todo mundo quis. E fico contente porque o senhor vai preferir adotar o Jimmy Bean. Agora sei que vai querer!

– Querer... *o quê*?

– O Jimmy Bean. Ele é a "presença de uma criança", sabe; e vai ficar tão contente de ser isso. Eu precisei dizer para ele na semana passada que nem mesmo as senhoras da igreja lá da minha cidade no oeste aceitaram ficar com ele, e ele ficou tão decepcionado. Mas agora... quando ele souber disso... vai ficar tão contente!

– Vai? Bem, eu não vou – o homem respondeu, decidido. – Pollyanna, isso é completamente absurdo!

– O senhor está dizendo... que não vai adotar o Jimmy?

– É exatamente isso que estou dizendo.

– Mas ele seria a adorável presença de uma criança... – Pollyanna balbuciou. Ela estava quase chorando, agora. – E o senhor *não teria como* ser solitário... com o Jimmy por perto.

– Não duvido disso – disse o homem –, mas... acho que prefiro a solidão.

Foi então que Pollyanna, pela primeira vez em semanas, subitamente se lembrou de algo que Nancy lhe havia dito. Ela ergueu o queixo, ofendida.

– Vai ver o senhor pensa que um bom menino vivo não seria melhor do que o esqueleto morto que o senhor guarda em algum lugar; mas eu acho que seria, sim!

– *Esqueleto*?

– É. A Nancy disse que o senhor tinha um no armário, em algum lugar.

– Ora, que... – de repente, o homem jogou a cabeça para trás e riu. Ele riu realmente com vontade; com tanta vontade, que Pollyanna começou a chorar de puro nervosismo. Ao ver isso, John Pendleton se endireitou prontamente na poltrona. Seu rosto ficou sério no mesmo instante.

– Pollyanna, acho que você tem razão... mais razão do que imagina – ele disse, gentilmente. – De fato, eu sei que um "bom menino vivo" seria muito melhor do que... meu esqueleto no armário; só que... nem sempre estamos dispostos a fazer a troca. Tendemos a continuar agarrados... aos nossos esqueletos, Pollyanna. Mas talvez você possa me contar um pouco mais sobre esse bom menino. – E Pollyanna lhe contou.

Talvez a risada tenha aliviado a tensão; ou talvez a história sofrida de Jimmy Bean, tal como contada pela boquinha ansiosa de Pollyanna, tenha tocado um coração já estranhamente abrandado. O fato é que, quando Pollyanna foi para casa naquela noite, levou consigo um convite para que o próprio Jimmy Bean fizesse uma visita à casa de John Pendleton junto com ela no sábado seguinte.

– Estou tão contente! E tenho certeza de que o senhor vai gostar dele – Pollyanna suspirou, ao se despedir. – Quero tanto que o Jimmy Bean tenha um lar... e pessoas que se importem com ele, sabe.

Capítulo XXII

Sermões e caixas de lenha

Na tarde em que Pollyanna falou para John Pendleton sobre Jimmy Bean, o reverendo Paul Ford subiu a colina e entrou no bosque de Pendleton, esperando que a beleza silenciosa da natureza de Deus acalmasse o tumulto que os homens, Seus filhos, haviam causado.

O reverendo Paul Ford estava desconsolado. Mês a mês, durante o último ano, a situação em sua paróquia ficara cada vez pior; até que agora, para qualquer lado que olhasse, ele parecia encontrar apenas brigas, intrigas, escândalo e inveja. Ele já tinha argumentado, suplicado, censurado e até mesmo ignorado; e sempre, o tempo todo, orado com muita convicção e esperança. Mas, nesse dia, infelizmente era obrigado a admitir que as coisas não haviam melhorado, mas piorado.

Dois de seus subordinados estavam brigando por alguma coisa à toa que só ganhou importância por causa do mal-estar interminável que isso gerou. Três das mulheres mais enérgicas haviam se retirado da Liga das Senhoras porque um pequeno boato fora espalhado por más-línguas, transformando-se num escândalo desolador. O coro havia entrado em desacordo por causa da quantidade de obras atribuídas a um cantor preferido em detrimento de outros. Até mesmo a Sociedade do Empenho Cristão estava em crescente agitação por causa das críticas abertas a dois de seus membros. Quanto à escola dominical, a renúncia de seu superintendente e de dois de seus professores fora a gota d'água e o que levou o pastor a procurar a quietude do bosque para orar e meditar.

Sob a abóbada verde das árvores, o reverendo Paul Ford encarou o assunto de frente. Para ele, a crise havia chegado. Algo precisava ser feito – e imediatamente. Todo o trabalho da igreja estava parado. Os serviços dominicais, os encontros de oração durante a semana, os chás dos missionários, até mesmo os jantares e eventos sociais eram cada vez menos frequentados. É verdade, ainda restavam alguns fiéis dedicados. Mas eles geralmente não se entendiam, e sempre se mostravam extremamente atentos aos olhares críticos de que eram alvo e às más-línguas que não tinham outra coisa a fazer além de falar do que os olhos viam.

E, por causa de tudo isso, o reverendo Paul Ford entendia muito bem que ele (ministro de Deus), a igreja, a cidade e até mesmo a própria cristandade estavam sofrendo; e sofreriam ainda mais, a não ser...

Claramente, algo deveria ser feito, e sem demora. Mas o quê?

Devagar, o pastor tirou do bolso as anotações que fizera para o sermão do sábado seguinte. Franzindo a testa, olhou para elas. Sua expressão era séria, enquanto, em voz alta, de modo imponente, ele lia os versículos sobre os quais estava determinado a falar:

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós mesmos não entrais, nem deixais entrar os que o querem!"

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que devorais os bens das viúvas, com o pretexto de fazer longas orações; por isso mesmo sofrereis condenação mais severa."

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas."

Era uma denúncia amarga. Nos corredores verdes da floresta, a voz grave do pastor soava bastante severa. Até mesmo os pássaros e os esquilos pareciam se calar em reverência. Isso levou o pastor a perceber vividamente o efeito que essas palavras causariam no domingo seguinte, quando ele as pronunciaria diante de seu povo no silêncio sagrado da igreja.

Seu povo! – eles *eram* seu povo. Ele poderia fazer isso? Ousaria fazê-lo? Ousaria não o fazer? Era uma denúncia temerosa, mesmo sem as palavras que se seguiriam – suas próprias palavras. Ele orava e orava. Implorava por ajuda, por orientação. Ansiava – ah, como ansiava – dar agora, em meio a essa crise, o passo correto. Mas era este o passo correto?

Devagar, o pastor dobrou os papéis e os enfiou de volta no bolso. Então, com um suspiro que foi quase um lamento, sentou-se ao pé de uma árvore e cobriu o rosto com as mãos.

Foi lá que Pollyanna, voltando da casa de John Pendleton, o encontrou. Com um gritinho, ela correu em seu encontro.

– Ah, sr. Ford! O senhor... o senhor não quebrou a perna... ou alguma coisa, quebrou? – ela falou, quase sem ar.

O pastor baixou as mãos e ergueu os olhos. Ele tentou sorrir.

– Não, querida... não! Eu só estou... descansando.

– Ah – Pollyanna suspirou, recostando-se um pouco. – Então tudo bem. Sabe, o sr. Pendleton tinha quebrado a perna quando o encontrei..., mas ele estava deitado. E o senhor está sentado.

– Sim, estou sentado; e não quebrei nada... que os médicos possam curar.

As últimas palavras foram quase inaudíveis, mas Pollyanna as ouviu. Sua expressão mudou bruscamente. Seus olhos se encheram de ternura e compaixão.

– Eu sei o que quer dizer... alguma coisa o está atormentando. Meu pai costumava

se sentir assim, muitas vezes. Acho que os pastores sentem isso... com frequência. Tanta coisa depende deles, de algum modo.

O reverendo Paul Ford olhou para ela, um pouco surpreso.

– O *seu* pai era pastor, Pollyanna?

– Sim, senhor. Não sabia? Achei que todo mundo soubesse disso. Ele se casou com a irmã da tia Polly, e ela era minha mãe.

– Ah, entendi. Mas, sabe, não faz muitos anos que estou na cidade, por isso não conheço todas as histórias familiares.

– Sim, senhor... quero dizer, não, senhor – Pollyanna sorriu.

Houve um longo silêncio. O pastor, ainda sentado ao pé da árvore, pareceu ter se esquecido da presença de Pollyanna. Ele havia tirado alguns papéis do bolso e desdobrado; mas não estava olhando para eles. Em vez disso, estava observando uma folha no chão, a certa distância – e não era nem mesmo uma folha bonita. Estava marrom e seca. Pollyanna, olhando para ele, sentiu certa pena.

– O dia está bonito – ela puxou assunto, esperançosa.

Por um instante, não houve resposta; então o pastor ergueu os olhos de súbito.

– O quê? Ah!... sim, o dia está muito bonito.

– E também não está nem um pouco frio, mesmo sendo quase inverno – Pollyanna observou, ainda mais esperançosa. – O sr. Pendleton tinha a lareira acesa, mas disse que não precisava dela. Era só para olhar para o fogo. Eu gosto de olhar para o fogo, o senhor não gosta?

Não houve resposta desta vez, embora Pollyanna tivesse esperado pacientemente antes de tentar de novo... por outro caminho.

– O senhor gosta de ser pastor?

O reverendo Paul Ford agora levantou os olhos, muito depressa.

– Se eu gosto... ora, que pergunta estranha! Por que pergunta isso, minha querida?

– Por nada... só o modo como o senhor olhava. Me fez lembrar do meu pai. Ele costumava olhar desse jeito... às vezes.

– Ah, é? – a voz do pastor era educada, mas seus olhos haviam voltado para a folha seca no chão.

– É, e eu costumava perguntar para ele, exatamente como perguntei para o senhor, se ele estava contente por ser pastor.

O homem debaixo da árvore sorriu com certa tristeza.

– Bem, e o que ele dizia?

– Ah, ele sempre dizia que sim, é claro, mas quase sempre também dizia que não *continuaria* sendo pastor por mais nem um minuto se não fosse pelos textos de alegria.

– Os... *o quê*? – os olhos do reverendo Paul Ford abandonaram a folha e fitaram,

curiosos, o rostinho alegre de Pollyanna.

– Bem, é assim que o papai costumava chamar esses textos – ela riu. – É claro que a Bíblia não os chamava assim. Mas são todos aqueles que começam com "Alegrai-vos no Senhor" ou "Exultai" ou "Dai gritos de alegria", e tudo isso, sabe... tem muitos deles. Uma vez, quando o papai estava muito triste, ele contou. Encontrou oitocentos.

– Oitocentos!

– É... que diziam para a gente se alegrar e ficar contente, sabe; foi por isso que o papai os chamou de "textos de alegria".

– Ah! – havia um olhar estranho no rosto do pastor. Seus olhos tinham pousado nas palavras escritas no papel que ele tinha em mãos: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!". – Então o seu pai gostava desses "textos de alegria" – ele murmurou.

– Ah, sim – Pollyanna concordou, enfaticamente. – Ele disse que se sentiu bem no mesmo instante, naquele primeiro dia em que se pôs a contar. Disse que se Deus se deu ao trabalho de dizer oitocentas vezes para a gente se alegrar e ficar contente, Ele deve querer que a gente faça isso... pelo menos *um pouco*. E o papai sentiu vergonha de não ter feito isso mais vezes. Depois desse dia, esses textos passaram a ser um conforto tão grande para ele, sabe, quando as coisas davam errado; quando as senhoras da igreja começavam a brigar... quero dizer, quando elas *não concordavam* sobre alguma coisa – Pollyanna corrigiu depressa. – Ah, e o papai também me contou que foram esses textos que o fizeram pensar no jogo... o jogo que ele começou *comigo* por causa das muletas..., mas disse que foram os textos de alegria que o fizeram começar a jogar.

– E que jogo seria esse? – o pastor perguntou.

– Sobre encontrar em tudo um motivo para ficar contente, sabe. Como falei, ele começou o jogo comigo por causa das muletas. – E, novamente, Pollyanna contou sua história... desta vez, para um homem que ouviu com um olhar amoroso e ouvidos compreensivos.

Um pouco depois, Pollyanna e o pastor desceram a colina de mãos dadas. O rosto de Pollyanna estava radiante. Ela amava falar, e vinha falando havia um bom tempo: parecia haver tantas, tantas coisas sobre o jogo, sobre seu pai e sobre a vida no oeste que o pastor queria saber.

Ao pé da colina, eles se despediram e seguiram sozinhos, cada um por seu caminho.

Naquela noite, em seu escritório, o reverendo Paul Ford se sentou pensativo. Perto dele, sobre a mesa, havia algumas folhas soltas de papel – as anotações de seu sermão. Sob o lápis suspenso em sua mão, havia outras folhas de papel em branco – o sermão que ele escreveria. Mas o pastor não estava pensando nem no que havia escrito, nem no que pretendia escrever. Em sua imaginação, ele estava longe, numa cidadezinha do oeste, com um pastor missionário que era pobre, doente, cheio de preocupações e quase

sozinho no mundo – mas que estava estudando a Bíblia para descobrir quantas vezes seu Amo e Senhor lhe dissera para "alegrar-se e ficar contente".

Depois de um tempo, com um longo suspiro, o reverendo Paul Ford se levantou, voltou da longínqua cidade do oeste e ajeitou as folhas de papel sob sua mão.

"Mateus 23; 13-14 e 23", escreveu; então, num gesto de impaciência, soltou o lápis e pegou uma revista que sua esposa havia deixado sobre a mesa alguns minutos antes. Desanimados, seus olhos cansados iam de um parágrafo a outro, até que estas palavras prenderam sua atenção:

Certo dia, um pai disse a seu filho, Tom, que, como ele sabia, havia se recusado a encher a caixa de lenha para a mãe naquela manhã: "Tom, tenho certeza de que você vai ficar contente de buscar lenha para a sua mãe". E, sem dizer uma palavra, Tom foi. Por quê? Simplesmente porque o pai lhe mostrou, de maneira tão simples, que esperava que ele fizesse a coisa certa. Suponhamos que ele tivesse dito: "Tom, ouvi o que você falou para a sua mãe esta manhã e tive vergonha de você. Vá imediatamente encher essa caixa!". Garanto que a caixa ainda estaria vazia, no que dependesse de Tom!

O pastor continuou lendo – uma palavra aqui, uma linha ali, um parágrafo acolá:

O que homens e mulheres precisam é de encorajamento. Sua resistência natural deve ser fortalecida, e não enfraquecida... em vez de sempre falar dos defeitos de um homem, fale de suas virtudes. Tente tirá-lo de sua rotina de maus hábitos. Mostre-lhe a melhor versão de si mesmo, a versão real de si mesmo, que pode ousar, fazer e acontecer!... A influência de um caráter belo, prestativo e esperançoso é contagiosa, e pode revolucionar uma cidade inteira... as pessoas irradiam o que está em sua mente e em seu coração. Se um homem se sente amável e gentil, em pouco tempo seus vizinhos se sentirão da mesma forma. Mas, se ele repreende, faz cara feia e critica, seus vizinhos retribuirão na mesma moeda, e com juros! Quando você procura o que é ruim, esperando encontrar, é isso que encontra. Quando sabe que encontrará o que é bom... encontra. Diga ao seu filho Tom que você sabe que ele ficará contente de encher aquela caixa... e então veja-o começar, atento e interessado!

O pastor soltou o papel e levantou a cabeça. No instante seguinte, ele estava de pé, andando pela sala estreita de um lado para outro, de um lado para outro. Mais tarde, um pouco mais tarde, ele respirou fundo e se deixou cair na cadeira, diante da mesa de trabalho.

– Com a ajuda de Deus, vou conseguir! – exclamou, baixinho. – Vou dizer a todos os meus Toms que *sei* que eles vão ficar contentes de encher aquela caixa de lenha! Vou dar a eles trabalho para fazer, e vou deixá-los tão cheios da alegria de fazer, que não terão *tempo* de olhar para a caixa de lenha do vizinho! – e, pegando as anotações de seu sermão, rasgou as folhas e as jogou, de modo que de um lado de sua cadeira estavam "Ai

de vós” e do outro lado “escribas e fariseus, hipócritas!”, enquanto, no papel branco e liso à sua frente, seu lápis fluiu depressa, depois de ter feito um risco preto sobre “Mateus 23; 13-14 e 23”.

E foi assim que o sermão do reverendo Paul Ford no domingo seguinte foi um verdadeiro chamado ao melhor que havia em cada homem e mulher e criança que o ouviu; e nele estava um dos oitocentos “textos de alegria” de que Pollyanna falou: “Alegrai-vos no Senhor, ó justos, e exultai, dai gritos de alegria, todos os de coração reto”.

Capítulo XXIII

Um acidente

Por solicitação da sra. Snow, Pollyanna foi um dia ao consultório do dr. Chilton para obter o nome de um remédio que a mulher doente tinha esquecido. Era a primeira vez que Pollyanna entrava no consultório do dr. Chilton.

– Eu nunca estive na sua casa antes! Esta é sua casa, não é? – ela falou, olhando interessada à sua volta.

O médico sorriu com certa tristeza.

– Sim, é sim – ele respondeu, enquanto escrevia alguma coisa num bloco de papel –, mas não é um bom exemplo de casa, Pollyanna. São apenas cômodos... não um lar.

Pollyanna assentiu com a cabeça, sabiamente. Seus olhos, solidários, mostravam compreensão.

– Eu sei. É preciso a mão e o coração de uma mulher, ou a presença de uma criança, para fazer de uma casa um lar – ela falou.

– Hein? – o médico se virou abruptamente.

– O sr. Pendleton me explicou – Pollyanna acenou com a cabeça novamente – sobre a mão e o coração de uma mulher, ou a presença de uma criança, sabe. Por que o senhor não arruma a mão e o coração de uma mulher, dr. Chilton? Ou talvez possa adotar o Jimmy Bean... se o sr. Pendleton não quiser.

O dr. Chilton riu, um pouco constrangido.

– Então o sr. Pendleton disse que é preciso a mão e o coração de uma mulher para fazer de uma casa um lar, é? – ele perguntou, de modo evasivo.

– É. Ele diz que a dele também é só uma casa. E o senhor, dr. Chilton, por que não?

– Por que não, o quê? – o médico tinha se voltado para sua mesa.

– Por que não arruma a mão e o coração de uma mulher? Ah... já ia me esquecendo. – De súbito, o rosto de Pollyanna corou de vergonha. – Acho que preciso esclarecer: não foi a tia Polly que o sr. Pendleton amou há muitos anos; e então nós... nós não vamos morar lá. Eu disse para o senhor que tinha sido..., mas me enganei. Espero que não tenha contado a ninguém – ela concluiu, ansiosa.

– Não, não contei a ninguém, Pollyanna – o médico respondeu, de modo um pouco estranho.

– Ah, então está tudo certo – Pollyanna suspirou, aliviada. – Sabe, o senhor é a

única pessoa para quem contei, e achei que o sr. Pendleton fez uma cara engraçada quando falei que contei para *o senhor*.

– Fez, é? – seus lábios se contraíram.

– Sim. E é claro que ele não queria que muitas pessoas soubessem disso... sendo que não era verdade. Mas por que o senhor não arruma a mão e o coração de uma mulher, dr. Chilton?

Houve um momento de silêncio; então, de modo muito sério, o médico falou:

– Nem sempre estão à nossa disposição, menina.

Pollyanna franziu a testa, pensativa.

– Mas acho que *o senhor* poderia arrumar, se quisesse – ela argumentou. A ênfase no elogio era inequívoca.

– Obrigado – o médico riu, com as sobrancelhas erguidas. Então, sério outra vez: – Receio que algumas de suas irmãs mais velhas não estariam tão seguras disso. Pelo menos, não se mostraram tão... complacentes – ele observou.

Pollyanna franziu a testa novamente. Então arregalou os olhos, surpresa.

– Ora, dr. Chilton, o senhor não está dizendo... o senhor não tentou conquistar a mão e o coração de uma mulher, alguma vez, como o sr. Pendleton, e... e também não conseguiu, tentou?

O médico se levantou de modo um tanto abrupto.

– Bem, Pollyanna, esqueça isso agora. Não deixe os problemas das outras pessoas preocuparem sua cabecinha. É melhor você voltar logo para a casa da sra. Snow. Escrevi o nome do remédio e as orientações sobre como ela deve tomá-lo. Mais alguma coisa?

Pollyanna balançou a cabeça.

– Não, senhor, obrigada – ela murmurou, séria, enquanto se dirigia à porta. Do corredor, gritou, com o rosto subitamente iluminado: – De todo modo, fico contente porque não foram a mão e o coração da minha mãe que o senhor quis e não conseguiu, dr. Chilton. Até mais!

Foi no último dia de outubro que o acidente aconteceu. Pollyanna, voltando correndo da escola, atravessou a estrada a uma distância aparentemente segura na frente de um carro que se aproximava depressa.

Exatamente o que aconteceu, ninguém parecia ser capaz de dizer. Também não houve ninguém capaz de dizer por que aconteceu, ou quem foi o culpado. Pollyanna, no entanto, às cinco da tarde, foi transportada, inerte e inconsciente, para o quartinho de que tanto gostava. Lá, ao lado de uma tia Polly pálida e uma Nancy aos prantos, ela foi cuidadosamente despida e colocada para dormir, enquanto, da cidade, convocado às pressas por telefone, o dr. Warren vinha o mais rápido que um carro podia trazê-lo.

– E só de olhar pro rosto da tia dela – Nancy contava, aos soluços, para o Velho Tom

no jardim, depois que o médico chegou e se fechou no quarto quieto –, só de olhar pro rosto da tia dela já dava pra ver que não era o dever que tava consumindo aquela mulher. A gente não fica com as mãos tremendo e com os olhos de quem tá tentando deter o próprio Anjo da Morte quando tá só cumprindo o *dever*, sr. Tom; não, mesmo!

– Ela tá... muito ferida? – o velho perguntou, com a voz trêmula.

– Ninguém sabe – Nancy chorava. – Ela deitada, branca daquele jeito, bem podia estar morta; mas a srta. Polly disse que ela não tava morta... e, se tem alguém que tem como saber isso, é ela... ficou lá, na maior atenção, ouvindo e sentindo os batimentos e a respiração da menina!

– Mas cê não sabe dizer o que ele fez com ela?... aquele... aquele – o rosto do Velho Tom se contorceu.

Os lábios de Nancy relaxaram um pouco.

– Queria que o senhor desse um nome bem feio pra ele, sr. Tom! Pensar que atropelou nossa menina! Eu sempre odiei esses carros fedorentos!

– Mas onde ela tá ferida?

– Eu não sei, eu não sei – Nancy gemeu. – Tem um pequeno corte na cabecinha abençoada dela, mas não é grave... foi o que a srta. Polly falou. Ela falou que tem medo de a menina estar ferida infernalmente.

Notou-se um pequeno lampejo nos olhos de Tom.

– Acho que cê quis dizer *internamente*, Nancy – ele falou, seco. – Tá certo, ela tá ferida infernalmente, praga de automóvel!... mas não acho que a srta. Polly usaria esta palavra.

– Hein? Bom, eu não sei, eu não sei – Nancy gemeu, balançando a cabeça enquanto virava as costas. – Parece que não vou aguentar até esse médico sair de lá. Eu queria ter uma bacia bem grande de roupa pra lavar... a maior bacia de roupa suja que já vi... queria mesmo! – ela falou, chorosa, apertando as mãos num gesto de impotência.

Mas, mesmo depois que o médico saiu, parecia haver pouco que Nancy pudesse contar ao sr. Tom. Aparentemente, não havia ossos quebrados, e o corte não teve maiores consequências; mas o médico tinha uma expressão muito séria; balançou a cabeça devagar e falou que só o tempo iria dizer. Depois que ele foi embora, a srta. Polly estava ainda mais pálida e mais abatida do que antes. A paciente ainda não tinha recobrado totalmente a consciência, mas, no momento, parecia estar descansando o mais confortavelmente que se podia esperar. Uma enfermeira havia sido chamada e ficaria aquela noite. Isso era tudo. Nancy se virou chorando e voltou para a cozinha.

Foi em algum momento da manhã seguinte que Pollyanna abriu os olhos consciente e percebeu onde estava.

– Ei, tia Polly, o que aconteceu? Não é de dia? Por que eu não me levanto? – ela

gritou. – Tia Polly, não consigo me levantar! – ela gemeu, recostando no travesseiro depois de uma tentativa frustrada de se erguer.

– Não, querida, eu não tentaria... ainda – a tia foi logo tratando de acalmá-la.

– Mas qual é o problema? Por que não consigo me levantar?

Aflitos, os olhos da srta. Polly indagaram a jovem de uniforme branco que estava de pé ao lado da janela, fora do alcance da vista de Pollyanna.

A mulher assentiu com um aceno de cabeça.

– Conte a ela – os lábios disseram.

A srta. Polly limpou a garganta e tentou engolir o nó que mal a deixava falar.

– Você foi atropelada por um automóvel, querida, na noite passada. Mas não se preocupe com isso agora. A titia quer que você descanse e durma de novo.

– Atropelada? Ah, é; eu... eu corri. – Os olhos de Pollyanna estavam assustados. Ela levou a mão à testa. – Ei, está... enfaixada, e está doendo!

– Sim, querida; mas não pense nisso. Apenas... apenas descanse.

– Mas, tia Polly, estou me sentindo tão estranha e tão mal! Minhas pernas parecem tão... tão esquisitas... eu não *sinto* minhas pernas!

Com um olhar de súplica para a enfermeira, a srta. Polly se levantou com esforço e virou as costas. A enfermeira veio depressa.

– Posso falar com você agora? – ela começou, num tom alegre. – Acho que já é hora de nos conhecermos, e vou me apresentar. Sou a srta. Hunt e vim ajudar sua tia a cuidar de você. A primeira coisa que vou fazer é pedir para você engolir esses comprimidinhos brancos para mim.

Os olhos de Pollyanna ficaram um pouco inquietos.

– Mas eu não quero ser cuidada... isto é, não por muito tempo! Quero me levantar. Eu tenho aula. Não vou poder ir pra escola amanhã?

Da janela, onde agora estava a srta. Polly, veio um choro abafado.

– Amanhã? – a enfermeira sorriu. – Bem, não posso deixar você sair assim tão depressa, srta. Pollyanna. Mas só engula estes comprimidos, por favor, e vamos ver o que eles vão fazer.

– Está bem – Pollyanna concordou, não muito convencida –, mas *preciso* ir pra escola depois de amanhã... vai ter prova, sabe?

Um minuto depois, ela falou novamente. Falou da escola, e do automóvel, e de como sua cabeça doía; mas logo sua voz deu lugar ao silêncio, sob a influência abençoada dos comprimidinhos brancos que havia engolido.

Capítulo XXIV

John Pendleton

Pollyanna não foi para a escola “amanhã”, nem “depois de amanhã”. Pollyanna, no entanto, não percebeu isso, exceto momentaneamente, quando um breve período de consciência mandou perguntas insistentes para seus lábios. Na verdade, Pollyanna não percebeu nada muito claramente até que se havia passado uma semana; então a febre cedeu, a dor diminuiu um pouco, e sua mente recuperou a consciência por completo. Então, foi preciso lhe contar repetidas vezes o que havia acontecido.

– Então estou ferida, e não doente – ela suspirou, por fim. – Bem, fico contente por isso.

– Con... contente, Pollyanna? – perguntou a tia, que estava sentada ao lado da cama.

– Sim. Sabe, eu prefiro pernas quebradas, como a do sr. Pendleton, a invalidez permanente, como a da sra. Snow. Pernas quebradas se recuperam, mas invalidez permanente, não.

A srta. Polly – que não tinha falado nada sobre pernas quebradas – levantou-se de repente e caminhou até a pequena penteadeira do outro lado do quarto. Ela estava agora pegando e soltando um objeto atrás de outro, meio confusa, de modo bem diferente de sua determinação habitual. Mas a expressão em seu rosto não era confusa; era pálida e abatida.

Deitada na cama, Pollyanna observava a faixa dançante de cores no teto, que vinha de um dos prismas na janela.

– Também estou contente que não seja varíola – ela murmurou, satisfeita. – Isso seria pior do que sardas. E estou contente que não seja tosse comprida... eu já tive isso, e é horrível... e estou contente que não seja apendicite, nem sarampo, porque é contagioso... o sarampo, digo... e não iam deixar a senhora ficar aqui.

– Você parece estar... contente por muitas coisas, minha querida – a tia Polly hesitou, levando a mão à garganta como se o colarinho de sua camisa a sufocasse.

Pollyanna deu uma risadinha.

– É. Tenho pensado nisso... em todas essas coisas... todo esse tempo em que estive observando o arco-íris. Eu amo arco-íris. Estou tão contente que o sr. Pendleton tenha me dado esses prismas! E estou contente por algumas coisas que ainda não falei. Não sei, mas estou quase contente por ter sido atropelada.

– Pollyanna!

Pollyanna riu outra vez. Ela olhou para a tia com um brilho nos olhos.

– Bem, vê, desde que fui atropelada, a senhora me chama de "querida" um monte de vezes... e não fazia isso antes. Adoro ser chamada de "querida"... quero dizer, por pessoas que são minha família. Algumas das senhoras da igreja me chamavam assim; e é claro que era bom, mas não tão bom quanto se elas fossem minha família, como a senhora. Ah, tia Polly, fico tão contente por a senhora ser minha família!

A tia Polly não respondeu. Ela tinha a mão sobre a garganta outra vez. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela havia virado as costas e estava saindo apressada do quarto através da mesma porta pela qual a enfermeira acabara de entrar.

Foi naquela tarde que Nancy correu para falar com o Velho Tom, que estava limpando arreios no estábulo. Havia inquietação em seus olhos.

– Ei, sr. Tom, adivinhe o que aconteceu – ela falou, ofegante. – O senhor não ia conseguir adivinhar nem em mil anos... não, mesmo!

– Então acho que não vou nem tentar – o homem retorquiu, sério –, até porque, de todo modo, acho que não tenho mais do que *dez* pra viver. É melhor me contar de uma vez, Nancy.

– Bom, então escuta. Quem o senhor acha que tá na sala agora com a patroa? Quem?

O Velho Tom balançou a cabeça.

– Não tenho como saber – declarou.

– Tem, sim. Eu vou contar. É... John Pendleton!

– Não! Tá brincando, moça.

– Não tô, não. Eu mesma o recebi... com muletas e tudo! E, neste minuto, a comitiva que veio com ele tá esperando na porta, como se ele não fosse esse velho ranzinza que nunca fala com ninguém! Pensa só, sr. Tom... *ele* fazendo uma visita pra *ela*!

– Ué, e por que não? – o velho indagou, de modo um pouco agressivo.

Nancy o fitou com desdém.

– Como se o senhor não soubesse melhor do que eu! – ela zombou.

– Hein?

– Ah, não precisa se fazer de inocente – ela retorquiu, fingindo indignação –, foi o senhor que me fez perder tempo com isso primeiro.

– Do que cê está falando?

Através da porta aberta do estábulo, Nancy lançou um olhar para a casa e então se aproximou do velho.

– Ouça! Foi o senhor que me contou primeiro que a srta. Polly teve um namorado, não foi? Bom, um dia acho que somei dois mais dois e deu quatro. Mas acontece que são

cinco... e não quatro... não, mesmo!

Com um gesto de indiferença, o Velho Tom virou as costas e retomou o trabalho.

– Se quiser falar comigo, é melhor falar direito – declarou, irritado. – Nunca fui bom de conta.

Nancy riu.

– Bom, é o seguinte – ela explicou. – Eu ouvi uma coisa que me fez pensar que ele e a srta. Polly foram namorados.

– *O sr. Pendleton*! – o Velho Tom se endireitou.

– Sim. Ah, agora eu sei; não era ele. Foi a mãe dessa criança abençoada que ele amou; e é por isso que ele queria... mas vamos pular essa parte – ela foi logo dizendo, lembrando bem a tempo da promessa que fizera a Pollyanna de não contar que o sr. Pendleton queria que ela fosse morar com ele. – Bom, desde então eu ando conversando com as pessoas sobre ele e descobri que ele e a srta. Polly não se dão bem há anos, e que ela odeia esse homem por causa de um boato idiota que associou o nome dos dois quando ela tinha dezoito ou vinte anos.

– É, eu me lembro – o Velho Tom acenou com a cabeça. – Isso foi três ou quatro anos depois que a srta. Jennie deu um fora nele e foi embora com o outro rapaz. A srta. Polly sabia disso, é claro, e sentiu pena dele. Então tentou ser gentil com ele. Talvez tenha tentado ser gentil demais... ela odiava o pastor que tinha levado a irmã dela embora. De todo modo, alguém começou a criar caso. Disseram que ela tava correndo atrás dele.

– Correndo atrás de um homem... ela! – Nancy exclamou.

– Eu sei; mas foi o que disseram – o Velho Tom declarou –, e é claro que nenhuma moça com alguma honra ia tolerar isso. Então, mais ou menos nessa época, veio o namorado dela e o problema com *ele*. Depois disso, ela se fechou como uma ostra e não quis mais saber de ninguém. O coração dela parece ter ficado amargo.

– É, eu sei. Também ouvi falar disso – Nancy respondeu –, e é por isso que cê podia ter me derrubado com uma pena quando vi esse homem na porta... *ele*, que não fala com a srta. Polly há anos! Mas eu deixei o homem entrar e fui avisar pra ela.

– O que ela falou? – o Velho Tom tinha a respiração suspensa.

– Nada... no começo. Ficou tão imóvel que achei que não tivesse ouvido; e eu já ia repetir quando ela falou mais ou menos isso: "Diga ao sr. Pendleton que vou descer em um minuto". Então eu desci e falei pra ele. E depois vim até aqui contar pro senhor – Nancy concluiu, lançando mais um olhar em direção à casa.

– Hum! – o Velho Tom grunhiu e retomou o trabalho.

No cerimonioso "salão" da casa dos Harrington, o sr. John Pendleton não precisou esperar muito até que passos ligeiros o informaram que a srta. Polly estava vindo.

Quando ele tentou se levantar, ela fez um gesto para que permanecesse sentado. Ela, no entanto, não lhe estendeu a mão, e sua expressão era friamente reservada.

– Eu vim saber da... Pollyanna – ele começou a falar imediatamente, de modo um pouco brusco.

– Obrigada. Ela está praticamente na mesma – a srta. Polly falou.

– E isto é... não vai me dizer *como* ela está? – sua voz não foi muito firme, desta vez.

Um breve espasmo de dor atravessou o rosto da mulher.

– Não posso... bem que gostaria!

– Quer dizer que... não sabe?

– Isso.

– Mas... o médico?

– O próprio dr. Warren parece perdido. Ele está se correspondendo com um especialista de Nova York. Eles planejaram uma consulta imediatamente.

– Mas... o que vocês já sabem?

– Houve um pequeno corte na cabeça, um ou dois hematomas, e... e uma lesão na coluna que parece causar... paralisia da cintura para baixo.

Um pequeno grito saiu da boca do homem. Houve um breve silêncio; então, com a voz rouca, ele perguntou:

– E Pollyanna... como está... encarando?

– Ela não entende exatamente o que está acontecendo. E eu *não consigo* contar para ela.

– Mas ela precisa saber... alguma coisa!

A srta. Polly levou a mão ao colarinho sobre a garganta, no gesto que se tornou tão habitual ultimamente.

– Ah, sim. Ela sabe que não pode se mover; mas acha que suas pernas estão... quebradas. Diz que está contente por estarem quebradas como as suas, em vez de inválidas para sempre como as da sra. Snow; porque pernas quebradas se recuperam, mas as outras... não. Ela fala assim o tempo todo, até... até parecer que eu vou... morrer!

Através das lágrimas em seus próprios olhos, o homem viu o rosto abatido à sua frente, contorcido de emoção. Involuntariamente, seus pensamentos se voltaram para o que Pollyanna falou quando ele implorou por sua presença pela última vez: “Ah, eu não poderia deixar a tia Polly... agora!”.

Foi esse pensamento que o fez perguntar muito gentilmente, assim que conseguiu controlar a voz:

– Não sei se sabe, srta. Harrington, o quanto tentei convencer Pollyanna a ir morar comigo.

– Com *o senhor*... Pollyanna?!

O homem encolheu um pouco diante do tom da voz dela; mas sua própria voz continuava calma e impessoal quando ele voltou a falar.

– Sim. Eu queria adotá-la... legalmente, entende; tornando-a minha herdeira, é claro.

A mulher, sentada na poltrona à sua frente, relaxou um pouco. De repente, lhe ocorreu que essa adoção teria significado um futuro brilhante para Pollyanna; e se perguntou se Pollyanna tinha idade suficiente e era ambiciosa o bastante... para se sentir tentada pelo status e pela fortuna desse homem.

– Eu gosto muito da Pollyanna – o homem continuou. – Gosto dela por si mesma, e também por causa da mãe dela. Eu estava pronto para dar a Pollyanna o amor que ficou guardado durante 25 anos.

– *Amor*. – A srta. Polly se lembrou de repente do motivo por que *ela* havia adotado essa criança... e, com a lembrança, veio também a memória das palavras da própria Pollyanna, pronunciadas naquela mesma manhã: "Adoro ser chamada de querida por pessoas que são minha família!". E foi a essa criança sedenta de amor que ele oferecera a afeição guardada durante 25 anos; e ela tinha idade suficiente para se sentir tentada pelo amor! Com o coração apertado, a srta. Polly percebeu isso. E, também com o coração apertado, percebeu algo mais: a tristeza de seu próprio futuro, agora, sem Pollyanna.

– E? – ela falou.

E o homem, reconhecendo o autocontrole que a dureza em seu tom de voz transmitia, sorriu tristemente.

– Ela não quis vir – ele respondeu.

– Por quê?

– Não quer deixá-la. Disse que tem sido tão boa para ela. Queria ficar com a senhora... e disse que *achava* que a senhora queria que ela ficasse – ele concluiu e se levantou.

Ele não olhou para a srta. Polly. Dirigiu-se à porta com um ar resoluto. Mas, instantaneamente, ouviu um passo rápido a seu lado e sentiu uma mão trêmula alcançá-lo.

– Quando o especialista vier, e eu souber de alguma coisa... definitiva... sobre Pollyanna, mando notícias – a srta. Polly falou, com uma voz trêmula. – Até logo, e obrigada por ter vindo. Pollyanna vai ficar feliz.

Capítulo XXV

Um jogo de espera

No dia seguinte à visita de John Pendleton, a srta. Polly encarou a tarefa de preparar Pollyanna para a vinda do médico especialista.

– Pollyanna, minha querida – ela começou a falar, gentilmente –, decidimos que queremos outro médico além do dr. Warren para examinar você. Ele talvez nos recomende alguma coisa nova... para ajudá-la a se recuperar mais depressa.

O rosto de Pollyanna se iluminou.

– O dr. Chilton! Ah, tia Polly, eu ia adorar ter o dr. Chilton aqui! O tempo todo eu queria que fosse ele, mas tive receio de que a senhora não quisesse, porque ele viu a senhora no jardim de inverno aquele dia, sabe; então preferi não dizer nada. Mas estou tão contente por ele vir!

O rosto da tia Polly ficou branco, depois vermelho, e depois branco de novo. Mas, quando respondeu, ela mostrou claramente que estava tentando falar de modo alegre e gentil.

– Ah, não, querida! Não era do dr. Chilton que eu estava falando. É um médico novo... um médico muito famoso de Nova York... que sabe muito sobre casos como o seu.

Pollyanna ficou decepcionada.

– Não acredito que ele saiba nem a metade do que o dr. Chilton sabe.

– Ah, sabe, sim, querida; tenho certeza!

– Mas foi o dr. Chilton que cuidou da perna quebrada do sr. Pendleton, tia Polly. Se... se a senhora não se importar *muito*, eu *queria* que fosse o dr. Chilton... queria, mesmo!

O rosto da srta. Polly foi tomado de angústia. Por um instante, ela não disse nada; então, falou gentilmente, embora sua voz ainda tivesse um quê de sua antiga determinação severa:

– Mas eu me importo, Pollyanna. E muito. Eu faria qualquer coisa... quase qualquer coisa por você, minha querida; mas... por razões que não vêm ao caso agora, não quero que o dr. Chilton seja chamado. E acredite em mim, ele *não* tem como saber tanto sobre... sobre o seu problema, quanto este médico excelente, que chega de Nova York amanhã.

Pollyanna ainda não parecia convencida.

– Mas, tia Polly, se a senhora *amasse* o dr. Chilton...

– *O que,* Pollyanna? – agora a voz da srta. Polly era muito ríspida, e suas bochechas estavam muito vermelhas.

– Estou dizendo que se a senhora amasse o dr. Chilton e não amasse o outro – Pollyanna suspirou –, acho que isso faria alguma diferença no bem que ele faria; e eu *amo* o dr. Chilton.

A enfermeira entrou no quarto naquele momento, e a srta. Polly se levantou abruptamente, com uma expressão de alívio no rosto.

– Sinto muito, Pollyanna – ela falou, de modo um pouco rígido –, mas acho que você vai ter que me deixar decidir, desta vez. Além do mais, já está combinado. O médico de Nova York chega amanhã.

No entanto, o médico de Nova York não chegou "amanhã". No último instante, um telegrama informou de um atraso inevitável devido ao adoecimento repentino do próprio especialista. Isso levou Pollyanna a suplicar novamente para que ele fosse substituído pelo dr. Chilton, "o que seria tão fácil agora...".

Mas, como antes, a srta. Polly balançou a cabeça e disse "não, querida", de maneira muito decidida, garantindo, com ainda mais veemência, que faria qualquer coisa, qualquer coisa menos isso, para agradar sua querida Pollyanna.

Conforme os dias de espera se passavam, um a um, realmente parecia que a srta. Polly estava fazendo tudo (menos isso) para agradar a sobrinha.

– Eu não ia acreditar... o senhor não ia me fazer acreditar – Nancy disse ao Velho Tom, certa manhã. – Parece que não tem um minuto do dia que a srta. Polly não esteja por perto esperando pra fazer alguma coisa por aquela criança abençoada, mesmo que seja só deixar o gato entrar... ela, que uma semana atrás não deixava o Fluffy nem o Buffy subirem a escada por nada nesse mundo; e agora deixa os dois passearem por toda a cama, só porque isso agrada a srta. Pollyanna!

– E quando não tá fazendo outra coisa – Nancy prosseguiu –, tá mudando aqueles pingentinhos de vidro de uma janela pra outra no quarto, pro sol fazer a "dança dos arcos-íris", como diz a menina. Ela mandou o Timothy três vezes até o viveiro de plantas dos Cobb pra comprar flores frescas... e isso além de todas as que ela usa no cabelo. E outro dia, não encontrei a patroa sentada na frente da cama com a enfermeira arrumando o cabelo dela? E a srta. Pollyanna observando e dando instruções da cama, com os olhos brilhando de alegria. E pode apostar, a srta. Polly vai usar aquele penteado todo dia agora... só pra agradar essa criança abençoada!

O Velho Tom riu.

– Bom, eu acho que a srta. Polly também não fica nada mal com aqueles cachos

soltos – observou, rindo.

– É claro que não – Nancy retrucou, indignada. – Agora ela parece *gente*. Na verdade, tá quase...

– Olha o que cê vai falar, Nancy! – o velho interrompeu, com um sorriso irônico. – Lembra do que falou quando eu disse que ela era bonita?!

Nancy encolheu os ombros.

– Ah, claro que não é bonita; mas tenho que admitir que não parece a mesma, com as fitas e os xales de renda que a srta. Pollyanna faz ela usar em volta do pescoço.

– Eu falei – o homem acenou com a cabeça. – Falei pra você que ela não era... velha.

Nancy riu.

– Bom, admito que *não é mais* uma imitação tão boa quanto costumava ser, antes da srta. Pollyanna chegar. Mas me conta, sr. Tom, quem *foi* o namorado dela? Ainda não descobri!

– Ah, não? – o velho perguntou, com um olhar estranho no rosto. – Bom, acho que não vai descobrir por mim!

– Ah, sr. Tom, por favor – a moça insistiu. – Aqui não tem muitas pessoas pra quem eu possa perguntar.

– Pode ser. Mas tem uma, e que não vai responder – o Velho Tom abriu um sorriso. Então, abruptamente, o brilho sumiu de seus olhos. – Como ela tá hoje... a menina?

Nancy balançou a cabeça. Seu rosto também tinha ficado sério.

– Tá na mesma, sr. Tom. Não consigo ver nenhuma diferença... acho que ninguém consegue. Ela só fica lá deitada e dorme e fala um pouco, e tenta sorrir e "ficar contente" porque o sol se põe ou porque a lua aparece, ou por alguma outra coisa do tipo, até o coração da gente partir de dor.

– Eu sei, é o "jogo"... Abençoado seja esse doce coraçãozinho! – o Velho Tom acenou com a cabeça, piscando os olhos algumas vezes.

– Então ela também contou pro *senhor* sobre o jogo?

– Ah, sim. Ela me contou já faz muito tempo. – O velho hesitou, então prosseguiu, contraindo um pouco os lábios. – Eu tava reclamando um dia, porque andava tão curvado; e o que cê acha que a menininha falou?

– Não faço ideia. Não ia imaginar que ela encontraria *algum motivo* nisso pra ficar contente!

– Encontrou, sim. Ela disse que eu podia ficar contente por não precisava *me abaixar tanto pra arrancar as ervas daninhas*, porque eu já tava a meio caminho do chão.

Nancy deu uma risada melancólica.

– Bom, na verdade, eu não fico surpresa. Era de se esperar que ela ia encontrar alguma coisa. Nós jogamos esse jogo quase que desde o começo, porque não tinha mais

ninguém pra jogar com ela... apesar de ela ter falado da... tia.

– *A srta. Polly*!

Nancy riu.

– Acho que o senhor não tem uma opinião tão diferente da minha sobre a patroa – ela provocou.

O Velho Tom ficou sério.

– Eu só tava pensando que ia ser meio surpreendente... pra ela – ele explicou, com dignidade.

– Ah, é, acho que ia... *antes* – Nancy respondeu. – Não sei como ia ser *agora*. Hoje eu acreditava em qualquer coisa que me dissessem da patroa... até que ela mesma tá jogando!

– Mas a menina nunca contou pra ela? Ela contou pra todo mundo, acho. Estão falando disso em toda parte, agora, desde o acidente – disse Tom.

– Bom, ela não contou pra srta. Polly – Nancy respondeu. – A srta. Pollyanna me disse, já faz muito tempo, que não podia contar porque a tia não queria que ela falasse do pai; e o jogo era do pai dela, e ela precisava falar dele se fosse contar do jogo. E foi por isso que nunca contou pra tia.

– Ah, eu entendo. – O velho acenou com a cabeça devagar. – Eles sempre tiveram raiva do pastor... todos eles, porque ele levou a srta. Jennie embora. E a srta. Polly, que era jovenzinha, nunca o perdoou; ela gostava tanto da srta. Jennie, naquela época. Eu entendo, entendo, sim. Foi horrível – ele suspirou e virou as costas.

– É, imagino – Nancy suspirou, por sua vez, e voltou para a cozinha.

Aqueles dias de espera não foram fáceis para ninguém. A enfermeira tentava parecer animada, mas seus olhos estavam aflitos. O médico estava nitidamente nervoso e impaciente. A srta. Polly falava pouco; mas nem mesmo o cabelo ondulado descendo por seu rosto, ou as rendas em volta de seu pescoço, eram capazes de esconder o fato de que ela estava cada vez mais magra e abatida. Quanto a Pollyanna, ela acariciava o cachorro, alisava a cabeça sedosa do gato, admirava as flores e comia as frutas e geleias que recebia; e mandava inúmeras respostas animadas às muitas perguntas e mensagens de carinho que eram trazidas à sua cama. Mas ela também estava cada vez mais magra e abatida; e a atividade agitada de seus bracinhos e mãozinhas só enfatizava a triste imobilidade de suas perninhas e pezinhos, um dia tão ativos, e agora tão dolorosamente quietos sob os lençóis.

Quanto ao jogo, Pollyanna contou a Nancy, um dia desses, o quanto ficaria contente quando pudesse voltar a ir para a escola, ver a sra. Snow, visitar o sr. Pendleton e passear de charrete com o dr. Chilton, sem parecer perceber que todo esse "contentamento" estava no futuro, e não no presente. Nancy, no entanto, percebeu – e

chorava por isso quando estava sozinha.

Capítulo XXVI

Uma porta entreaberta

Apenas uma semana depois do dia em que o médico especialista era inicialmente esperado, ele veio. O dr. Mead era um homem alto, de ombros largos, com olhos cinzentos e gentis, e um sorriso alegre. Pollyanna gostou dele imediatamente e lhe disse isso.

– O senhor se parece muito com o *meu* médico, sabe – ela acrescentou, amavelmente.

– O *seu* médico? – o dr. Mead olhou nitidamente surpreso para o dr. Warren, que conversava com a enfermeira a alguns metros. O dr. Warren era um homem pequeno, de cavanhaque e olhos castanhos.

– Oh, *aquele* não é o meu médico – Pollyanna sorriu, adivinhando o pensamento dele. – O dr. Warren é o médico da tia Polly. O meu médico é o dr. Chilton.

– Ah! – o dr. Mead falou, com certo estranhamento, os olhos sobre a srta. Polly, que, com as bochechas um tanto vermelhas, tinha se afastado às pressas.

– Sim – Pollyanna hesitou, então prosseguiu com sua franqueza habitual. – Sabe, o tempo todo eu queria o dr. Chilton, mas a tia Polly queria o senhor. Ela disse que o senhor sabe mais do que o dr. Chilton sobre... sobre pernas quebradas como as minhas. E é claro que, se sabe mais, posso ficar contente por isso. O senhor sabe?

Por um instante, o rosto do médico denotou alguma coisa que Pollyanna foi incapaz de traduzir.

– Só o tempo vai dizer, menina – ele falou gentilmente; então, com uma expressão muito séria, olhou para o dr. Warren, que tinha acabado de se aproximar.

Todo mundo falou, depois, que foi o gato que fez aquilo. Certamente, se Fluffy não tivesse insistido em empurrar com a pata e o focinho a porta destrancada do quarto de Pollyanna, esta não teria se aberto sem fazer barulho até parar entreaberta, talvez uns quinze centímetros; e, se a porta não tivesse sido aberta, Pollyanna não teria ouvido as palavras da tia.

No corredor, os dois médicos, a enfermeira e a srta. Polly estavam de pé conversando. No quarto de Pollyanna, Fluffy tinha acabado de pular na cama, ronronando de alegria, quando, pela porta entreaberta, soou, alta e clara, uma exclamação aflita da srta. Polly.

– Isso, não! Doutor, isso, não! O senhor não está me dizendo que a menina... *nunca mais vai andar*!

Depois disso, foi uma confusão. Primeiro, do quarto, veio o grito assustado de Pollyanna: "Tia Polly, tia Polly!". Então, a srta. Polly, vendo a porta aberta e percebendo que suas palavras foram ouvidas, soltou um pequeno gemido e – pela primeira vez na vida – desmaiou.

A enfermeira, com um grito abafado: "Ela ouviu!", correu afobada até a porta. Os dois médicos ficaram com a srta. Polly. O dr. Mead teve que ficar: ele tinha segurado a srta. Polly quando ela caiu desmaiada. O dr. Warren permaneceu a seu lado, impotente. Foi só quando Pollyanna gritou novamente, e a enfermeira fechou a porta, que os dois homens, trocando olhares desesperados, despertaram para a tarefa imediata de trazer a mulher nos braços do dr. Mead de volta ao estado de infeliz consciência.

No quarto de Pollyanna, a enfermeira havia encontrado um gato cinza ronronando sobre a cama, tentando, sem sucesso, atrair a atenção da menina, que estava pálida e com os olhos arregalados.

– Srta. Hunt, por favor, eu quero a tia Polly. Quero que ela venha aqui agora, depressa, por favor!

A enfermeira correu para perto da cama. Seu rosto estava muito pálido.

– Ela... ela não pode vir neste momento, querida. Vem daqui a pouquinho. O que é? Não posso ajudar?

Pollyanna balançou a cabeça.

– Quero saber o que ela acabou de falar. A senhora ouviu? Quero a tia Polly... ela disse alguma coisa. Quero que ela me diga que não é verdade... não é verdade!

A enfermeira tentou falar, mas lhe faltaram palavras. Alguma coisa em seu rosto deixou Pollyanna ainda mais aterrorizada.

– Srta. Hunt, a senhora ouviu! É verdade! Ah... não pode ser verdade! Então quer dizer que eu nunca mais vou andar?

– Calma, calma, querida... não, não! – a enfermeira ficou sem ar. – Talvez ele não saiba. Talvez tenha se enganado. Muita coisa pode acontecer.

– Mas a tia Polly disse que ele sabia! Disse que ele sabia mais do que todo mundo sobre... sobre pernas quebradas como as minhas!

– É, eu sei, querida; mas todos os médicos erram, às vezes. Apenas... apenas não pense mais nisso agora... por favor, querida.

Pollyanna abriu os braços, agitada.

– Mas não consigo *não* pensar nisso – ela chorava. – É tudo que tenho para pensar agora. Ora, srta. Hunt, como vou poder ir para a escola, ou visitar o sr. Pendleton, ou a sra. Snow, ou... ou qualquer pessoa? – ela respirou fundo e chorou compulsivamente por

um instante. De súbito, parou e olhou para cima, com um novo terror nos olhos. – Mas, srta. Hunt, se eu não puder mais andar, como vou conseguir encontrar *algum motivo* para ficar contente?

A srta. Hunt não sabia do "jogo", mas sabia que sua paciente precisava ser acalmada, e o quanto antes. Apesar de sua própria perturbação e sofrimento, suas mãos não tiveram descanso, e ela agora estava de pé ao lado da cama com o calmante preparado.

– Aqui, querida, só tome isto – ela falou –, e logo estaremos mais descansados e veremos o que pode ser feito. Na maioria das vezes, as coisas não são tão ruins quanto parecem, querida.

Obedientemente, Pollyanna tomou o remédio e bebeu um gole d'água do copo que a srta. Hunt lhe serviu.

– Eu sei; o papai costumava falar assim – Pollyanna hesitou, enxugando as lágrimas. – Ele dizia que sempre tinha alguma coisa em tudo que poderia ser pior, mas acho que nunca ouviu alguém dizer que ele não ia poder mais andar. Não consigo imaginar como pode haver alguma coisa nisso que poderia ser pior... a senhora consegue?

A srta. Hunt não respondeu. Ela era incapaz de falar qualquer coisa naquele momento.

Capítulo XXVII

Duas visitas

Foi Nancy que foi enviada para informar o sr. John Pendleton do veredito do dr. Mead. A srta. Polly se lembrava de sua promessa de mantê-lo informado. Para ela, ir pessoalmente ou escrever uma carta estavam fora de cogitação. Então ela teve a ideia de mandar Nancy.

Houve uma época em que Nancy teria se alegrado com essa oportunidade extraordinária de ver alguma coisa da Casa dos Mistérios e seu dono. Mas, nesse dia, seu coração estava pesado demais para se alegrar com o que quer que fosse. De fato, ela mal olhou à sua volta durante os poucos minutos em que esperou que John Pendleton aparecesse.

– Sou a Nancy, senhor – ela disse, respeitosamente, em resposta ao questionamento surpreso nos olhos dele, quando entrou na sala. – A srta. Harrington me mandou até aqui com notícias da srta. Pollyanna.

– E?

Apesar do laconismo do homem, Nancy compreendeu muito bem a ansiedade por trás daquele breve "E?".

– Nada boas, sr. Pendleton – ela ficou sem ar.

– Você não está dizendo – ele fez uma pausa, e ela abaixou a cabeça tristemente.

– Sim, senhor. Ele disse... que ela não vai mais poder andar... nunca mais.

Por um instante, houve silêncio absoluto na sala; então o homem falou, com uma voz tomada de emoção.

– Pobre menina! Pobre menina!

Nancy olhou para ele, mas baixou os olhos imediatamente. Ela não imaginava que John Pendleton, aquele homem severo, amargo e mal-humorado, pudesse ficar daquele jeito. Em seguida, ele falou novamente, com a mesma voz baixa e trêmula.

– Parece tão cruel... ela nunca mais dançar sob a luz do sol! Minha menininha-prisma!

Houve outro silêncio; então, abruptamente, o homem perguntou:

– Ela ainda não sabe, é claro... sabe?

– Sabe, sim, senhor – Nancy respondeu, aos soluços –, e é isso que torna tudo ainda mais difícil. Ela descobriu... por causa do maldito gato! Perdão, senhor – a moça foi logo

pedindo desculpas. – É que o gato abriu a porta, e a srta. Pollyanna ouviu a conversa. Foi assim que ela descobriu.

– Pobre menina! – o homem suspirou novamente.

– Sim, o senhor precisava ver... – Nancy falou. – Eu não vi a menina mais do que duas vezes desde que ela ficou sabendo, e das duas vezes fiquei arrasada. É tudo tão novo pra ela, e ela fica o tempo todo pensando nas coisas que não pode mais fazer. E também fica preocupada porque parece não conseguir ficar contente... ah, mas o senhor não deve saber do jogo – Nancy interrompeu, arrependida.

– O "jogo do contente"? – o homem perguntou. – Sei, sim; ela me contou.

– Ah, contou?! Bom, acho que ela contou pra quase todo mundo. Mas, vê, agora ela... não consegue jogar e fica preocupada com isso. Ela diz que não consegue encontrar nenhum motivo... nenhum motivo para ficar contente de não poder mais andar.

– Bem, e por que deveria? – o homem retrucou, de modo quase agressivo.

Nancy mexeu os pés, irrequieta.

– Eu também pensei isso…, mas depois pensei que *seria* mais fácil se ela pudesse encontrar um motivo, sabe. Então tentei fazer a menina lembrar.

– Lembrar?! Do quê? – a voz de John Pendleton continuava irritada e impaciente.

– Ah, de como ela ensinou outras pessoas a jogarem, a sra. Snow, e o resto, sabe... o que ela dizia pra elas fazerem. Mas a pobrezinha só chora e diz que agora é diferente. Ela diz que é fácil *dizer* aos inválidos como ficarem contentes, mas que não é a mesma coisa quando o inválido é você, e você precisa tentar fazer. Ela diz que já falou pra si mesma um monte de vezes o quanto fica contente porque as outras pessoas não estão na mesma situação que ela; mas que o tempo todo, enquanto repete isso, ela na verdade não tá *pensando* em outra coisa, só que nunca mais vai poder andar.

Nancy fez uma pausa, mas o homem não falou nada. Ele estava sentado, com a mão sobre os olhos.

– Então tentei lembrar de como ela costumava dizer que era muito mais divertido jogar quando o jogo era difícil – Nancy retomou, com uma voz abatida. – Mas ela diz que isso também é diferente... quando é difícil de verdade. E agora preciso ir, senhor – ela parou abruptamente.

À porta, ela hesitou, virou e perguntou, timidamente:

– Acho que não posso dizer pra srta. Pollyanna que o senhor viu o Jimmy Bean de novo, posso, senhor?

– Não vejo como poderia dizer isso... se eu não o vi – o homem observou, de modo um pouco ríspido. – Por quê?

– Nada, senhor, é só que... bom, esta é uma das coisas que deixam Pollyanna aflita, que agora ela não pode trazer o menino pra ver o senhor. Ela disse que trouxe o Jimmy

uma vez, mas acha que ele não causou uma boa impressão naquele dia, e ficou com medo de o senhor achar que ele não ia ser uma boa presença de uma criança, afinal. Vai ver o senhor sabe o que ela quis dizer com isso; mas eu não sei, senhor.

– Sim, eu sei... o que ela quis dizer.

– Tá bem, senhor. Era só que ela tinha falado que queria ter trazido o Jimmy outra vez, pra mostrar pro senhor que ele realmente é uma adorável presença de uma criança. E agora ela não pode... por causa daquele maldito automóvel! Perdão, senhor. Até logo. – E Nancy saiu precipitadamente.

Não tardou muito para que toda a cidade de Beldingsville ficasse sabendo que o excelente médico de Nova York havia dito que Pollyanna Whittier nunca mais voltaria a andar; e certamente a cidade nunca esteve tão agitada. Todos conheciam de vista o rostinho sardento que sempre cumprimentava com um sorriso; e quase todos sabiam do "jogo" que Pollyanna estava jogando. Pensar que agora aquele rosto sorridente nunca mais seria visto nas ruas – nunca mais aquela vozinha animada proclamaria a alegria de alguma experiência cotidiana! Parecia inacreditável, impossível, cruel.

Nas cozinhas e salas de estar, e sobre as cercas dos quintais dos fundos, as mulheres falavam disso e choravam abertamente. Nas esquinas e nos bares, os homens também falavam e choravam – embora não tão abertamente. E nem as conversas, nem os choros diminuíram quando, logo depois da notícia, veio a triste história de Nancy, que Pollyanna, diante do que havia lhe acontecido, estava lamentando, acima de tudo, o fato de que não conseguia jogar o jogo; de que agora não conseguia ficar contente por nada.

Foi então que, de alguma forma, a mesma ideia parece ter ocorrido a todos os amigos de Pollyanna. Quase imediatamente, a dona da propriedade dos Harrington, para sua grande surpresa, começou a receber visitas: visitas de pessoas que ela conhecia e de pessoas que não conhecia; visitas de homens, mulheres e crianças – muitas das quais a srta. Polly não imaginava que conhecessem sua sobrinha.

Algumas vinham e se sentavam por tensos cinco ou dez minutos. Algumas ficavam paradas nos degraus da varanda, meio sem jeito, mexendo no chapéu ou na bolsa. Algumas traziam um livro, um ramo de flores ou uma delícia para agradar o paladar. Algumas choravam abertamente. Algumas se viravam de costas e assoavam o nariz com grande furor. Mas todas perguntavam, muito ansiosas, pela menina acidentada; e todas mandavam alguma mensagem para ela – e foram essas mensagens que, depois de um tempo, levaram a srta. Polly a agir.

Primeiro veio o sr. John Pendleton. Nesse dia, ele veio sem as muletas.

– Não preciso dizer o quanto estou chocado – ele começou, de modo quase rude. – Mas... nada pode ser feito?

A srta. Polly fez um gesto de desespero.

– Ah, estamos fazendo de tudo, é claro, o tempo todo. O dr. Mead receitou certos tratamentos e remédios que talvez ajudem, e o dr. Warren os está seguindo à risca, é claro. Mas... o dr. Mead quase não deu esperanças.

John Pendleton se levantou de maneira abrupta – embora tivesse acabado de chegar. Seu rosto estava pálido e sua expressão era séria. A srta. Polly, olhando para ele, sabia muito bem por que ele sentia que não podia ficar por mais tempo em sua presença. À porta, ele se virou.

– Tenho uma mensagem para Pollyanna – falou. – Diga a ela, por favor, que tenho visto o Jimmy Bean e... ele vai ser minha criança de agora em diante. Diga a ela que achei que ela ficaria *contente* de saber. Eu vou adotá-lo, provavelmente.

Por um breve instante, a srta. Polly perdeu seu autocontrole habitual.

– O senhor vai adotar o Jimmy Bean?! – ela falou, ofegante.

O homem levantou um pouco a cabeça.

– Vou. Acho que Pollyanna vai entender. Diga a ela que achei que ela ficaria... *contente*!

– Sim, é... é claro – a srta. Polly balbuciou.

– Obrigado – John Pendleton falou, enquanto se virava para ir embora.

A srta. Polly permaneceu parada no meio da sala, em silêncio e atônita, ainda olhando para o homem que tinha acabado de sair. Ainda mal podia acreditar no que ouvira. John Pendleton, *adotar* Jimmy Bean? John Pendleton, rico, independente, taciturno, com fama de ser sovina e extremamente egoísta, adotar um menino... e *esse* menino?

Um pouco atordoada, a srta. Polly subiu até o quarto de Pollyanna.

– Pollyanna, tenho uma mensagem para você, do sr. John Pendleton. Ele acabou de sair daqui e me pediu para dizer que aceitou o Jimmy Bean como sua criança. Ele disse que achava que você ficaria contente de saber.

De repente, o rostinho triste de Pollyanna se encheu de alegria.

– Contente? *Contente*? Bem, acho que estou contente! Ah, tia Polly, eu queria tanto encontrar um lugar para o Jimmy... e aquele é um lugar adorável! Além disso, também estou tão contente pelo sr. Pendleton. Vê, agora ele vai ter a presença de uma criança!

– A... o quê?

Pollyanna enrubesceu. Ela tinha esquecido que nunca havia contado para a tia que o sr. Pendleton desejava adotá-la – e certamente não ia querer contar agora que, por um minuto, pensou em deixá-la... a querida tia Polly!

– A presença de uma criança – Pollyanna repetiu depressa. – O sr. Pendleton me disse uma vez, sabe, que só a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança podem fazer de uma casa um lar. E agora ele tem isso... a presença de uma

criança.

– Ah, entendo – a srta. Polly respondeu gentilmente; e realmente entendia, mais do que Pollyanna podia imaginar. Ela compreendeu parte da pressão que provavelmente a própria Pollyanna sofreu quando John Pendleton pediu que *ela* fosse a "presença de uma criança" que transformaria aquela grande construção de pedra cinza num lar. – Entendo – ela concluiu, com os olhos se enchendo de lágrimas.

Pollyanna, temendo que a tia fizesse mais perguntas embaraçosas, se apressou em mudar o rumo da conversa.

– O dr. Chilton também diz isso... que é preciso a mão e o coração de uma mulher, ou a presença de uma criança, para fazer de uma casa um lar, sabe – ela observou.

A srta. Polly se virou de repente.

– *O dr. Chilton*?! Como você sabe disso?

– Ele me disse. Isso foi quando ele falou que a casa dele eram apenas cômodos, sabe... e não um lar.

A srta. Polly não respondeu. Seus olhos estavam lá fora, do outro lado da janela.

– Então eu perguntei por que ele não conquistava... a mão e o coração de uma mulher, e tinha um lar.

– Pollyanna! – a srta. Polly tinha se virado de modo abrupto. Suas bochechas ficaram subitamente vermelhas.

– Ué, perguntei. Ele parecia tão... tão triste.

– E o que ele falou? – a srta. Polly fez a pergunta, embora parecesse haver alguma força dentro dela que a instava a não perguntar.

– Ele não disse nada por um minuto; depois falou, muito baixinho, que elas nem sempre estão à disposição.

Houve um breve silêncio. Os olhos da srta. Polly tinham se voltado para a janela novamente. Suas bochechas continuavam atipicamente rosadas.

Pollyanna suspirou.

– Ele quer uma, de todo modo; eu sei disso, e queria que ele tivesse uma.

– Ora, Pollyanna, como você sabe?

– Porque depois, no outro dia, ele disse mais uma coisa. Ele disse baixinho, também, mas eu ouvi. Disse que daria o mundo inteiro se tivesse a mão e o coração de uma mulher. Ei, tia Polly, o que foi? – a tia Polly tinha se levantado às pressas e ido até a janela.

– Nada, querida. Eu estava mudando a posição deste prisma – respondeu a srta. Polly, com o rosto inteiro agora em chamas.

Capítulo XXVIII

O jogo e seus jogadores

Foi não muito tempo depois da segunda visita de John Pendleton que Milly Snow apareceu, certa tarde. Milly Snow nunca havia estado na propriedade dos Harrington. Ela enrubesceu e parecia muito envergonhada quando a srta. Polly entrou na sala.

– Eu... vim perguntar da menina – ela gaguejou.

– É muita gentileza sua. Ela está praticamente na mesma. Como está sua mãe? – a srta. Polly respondeu, exausta.

– É isso que vim dizer... isto é, pedir para a senhora dizer à srta. Pollyanna – a moça prosseguiu, quase sem fôlego e de modo incoerente. – Nós achamos tão horrível... tão absurdamente horrível a menina nunca mais poder andar; e depois de tudo que ela fez por nós, pela minha mãe, sabe, ensinando o jogo para ela, e tudo mais. E quando ficamos sabendo que agora ela não conseguia jogar... pobrezinha! Realmente não vejo como poderia, nessa situação! Mas quando nos lembramos de todas as coisas que ela falou para nós, pensamos que se ao menos ela soubesse o que *fez* por nós, isso a *ajudaria*, sabe, em seu próprio caso, com o jogo, porque ela poderia ficar contente... isto é, um pouco contente – Milly parou, impotente, e parecia estar esperando a srta. Polly falar.

A srta. Polly havia se sentado e estava escutando educadamente, mas com uma interrogação desconcertante no olhar. Ela só tinha entendido metade do que foi falado. Estava pensando agora que sempre soube que Milly Snow era "estranha", mas nunca imaginou que fosse louca. Mas não conseguia encontrar outra explicação para essa torrente de palavras ilógicas, incoerentes e sem sentido. Quando a pausa veio, ela a preencheu calmamente:

– Acho que não entendi muito bem, Milly. O que, exatamente, você quer que eu diga à minha sobrinha?

– Sim, é isso: quero que diga a ela... – respondeu a moça, agitada. – Que faça a menina ver o que ela fez por nós. É claro que que ela *viu* algumas coisas, pois esteve lá, e viu que a mamãe está diferente; mas quero que ela sabia *o quanto* está diferente... e eu, também. Eu estou diferente. Estou tentando jogar o jogo... um pouco.

A srta. Polly franziu a testa. Ela teria perguntado a que Milly se referia ao falar desse "jogo", mas não houve oportunidade. Milly estava falando outra vez, depressa e sem parar.

– A senhora sabe que antes nada estava certo para a mamãe. Ela estava sempre querendo que as coisas fossem diferentes. E, realmente, não sei se alguém poderia culpá-la por isso... dadas as circunstâncias. Mas agora ela me deixa abrir as cortinas e se interessa pelas coisas... por sua aparência, e sua camisola, e coisas assim. E inclusive começou a tricotar algumas coisinhas... rédeas e cobertores de bebê para feiras e hospitais. E está tão interessada e tão *contente* de pensar que consegue fazer isso! E foi tudo graças à srta. Pollyanna, sabe, porque ela disse para a mamãe ficar contente por ter mãos e braços; e isso fez a mamãe se perguntar por que não *fazer* alguma coisa com as mãos e os braços. E então ela começou a fazer alguma coisa... começou a tricotar. E a senhora não pode imaginar como o quarto dela está diferente agora, com as lãs vermelhas e azuis e amarelas, e os prismas na janela que *ela* deu para a mamãe... nossa, só de entrar lá a gente já se sente *melhor*; e antes eu tinha tanto pavor de entrar, era tão escuro e sombrio, e a mamãe era tão... tão infeliz, sabe. Então, queremos que a senhora diga à srta. Pollyanna, por favor, que sabemos que é tudo por causa dela. E, por favor, diga que ficamos tão contentes por tê-la conhecido, que pensamos que, talvez, se ela soubesse disso, ficaria um pouco contente por nos ter conhecido. E... e isso é tudo – Milly suspirou, levantando-se às presas. – A senhora vai dizer para ela?

– Sim, é claro – a srta. Polly murmurou, perguntando-se quanto desse discurso extraordinário ela conseguiria se lembrar para contar.

Essas visitas de John Pendleton e de Milly Snow foram só as primeiras de muitas; e sempre havia as mensagens – mensagens que, em alguns aspectos, eram tão curiosas que deixavam a srta. Polly cada vez mais intrigada.

Um dia, foi a viuvinha Benton. A srta. Polly a conhecia bem, ainda que nunca tivessem visitado uma à outra. Por reputação, ela a conhecia como a mulher mais triste da cidade, sempre vestida de preto. Nesse dia, no entanto, a sra. Benton estava usando um lenço azul-claro no pescoço, embora tivesse lágrimas nos olhos. Ela falou da tristeza e horror que sentiu ao ficar sabendo do acidente; então perguntou timidamente se poderia ver Pollyanna.

A srta. Polly balançou a cabeça.

– Sinto muito, mas ela ainda não pode receber ninguém. Daqui a algum tempo, talvez.

A sra. Benton enxugou os olhos, levantou e se virou para ir embora. Mas, quando estava quase na porta do corredor, voltou, apressada.

– Srta. Harrington, talvez possa lhe transmitir... uma mensagem – ela gaguejou.

– Certamente, sra. Benton. Com todo o prazer.

A mulher ainda hesitou um pouco; depois falou.

– Diga a ela que... que estou usando *isto* – falou, tocando o laço azul no pescoço. E

então, diante do olhar de surpresa que a srta. Polly não conseguiu dissimular, acrescentou: – A menina vinha tentando há tanto tempo me fazer usar alguma cor, e achei que ela ficaria... contente de saber que comecei a usar. Ela disse que o Freddy também ficaria muito contente de ver isso. A senhora sabe que o Freddy é *tudo* que tenho agora. Todos os outros... – a sra. Benton balançou a cabeça e se virou. – Por favor, só diga isso à Pollyanna. Ela *vai* entender. – E a porta se fechou atrás dela.

Um pouco mais tarde, naquele mesmo dia, veio outra viúva – pelo menos, ela se vestia como uma. A srta. Polly não fazia ideia de quem era, e se perguntou vagamente como Pollyanna poderia tê-la conhecido. A mulher se apresentou como "sra. Tarbell".

– Certamente sou uma estranha para a senhora – ela foi logo falando. – Mas não sou uma estranha para sua sobrinha, Pollyanna. Estou no hotel desde o começo do verão, e todos os dias preciso fazer longas caminhadas por causa da minha saúde. Foi numa dessas caminhadas que conheci sua sobrinha... ela é uma menina tão querida! Eu gostaria que a senhora soubesse por que a quero tanto! Eu estava muito triste quando vim para cá; e o rosto alegre e o jeito animado dela me fizeram lembrar da... da minha própria filha que perdi, anos atrás. Fiquei tão chocada quando soube do acidente; e depois, quando eu soube que a pobrezinha nunca mais vai poder andar e que estava tão infeliz porque já não conseguia ficar contente... essa criança querida!... eu simplesmente precisei vir até aqui.

– É muita gentileza sua – a srta. Polly murmurou.

– Mas é da *sua* gentileza que eu preciso – a outra objetou. – Quero que a senhora leve uma mensagem para ela. Pode fazer isso?

– Certamente.

– Então, por favor, diga a ela que a sra. Tarbell está contente agora. Sim, eu sei que soa estranho, e que a senhora não entende. Mas... se me perdoa... prefiro não explicar. – Os lábios da mulher expressavam tristeza, e o sorriso desapareceu de seus olhos. – Sua sobrinha saberá o que eu quis dizer; e sinto que preciso dizer a ela. Obrigada; e me perdoe, por favor, se algo pareceu rude em minha visita – ela pediu, quando se preparava para sair.

Totalmente confusa, a srta. Polly subiu a escada depressa até o quarto de Pollyanna.

– Pollyanna, você conhece uma sra. Tarbell?

– Ah, sim. Eu adoro a sra. Tarbell. Ela está doente e muito triste; e está hospedada no hotel e faz longas caminhadas. Nós vamos juntas. Quero dizer... costumávamos ir. – A voz de Pollyanna ficou mais grave, e duas grandes lágrimas rolaram sobre suas bochechas.

A srta. Polly limpou a garganta.

– Bem, querida, ela acabou de sair daqui. Deixou uma mensagem para você..., mas

não quis me dizer o que significa. Pediu para dizer a você que a sra. Tarbell está contente agora.

Pollyanna bateu palminhas.

– Ela disse isso mesmo? Ah, estou tão contente!

– Mas, Pollyanna, o que ela quis dizer?

– Ora, é o jogo, e – Pollyanna parou bruscamente, levando os dedos sobre os lábios.

– Que jogo?

– Nada de mais, tia Polly; isto é... não posso contar a não ser que eu fale de outras coisas... que não devo falar.

A srta. Polly tinha mais perguntas para a sobrinha, mas a nítida perturbação no rosto da menina conteve as palavras da tia antes de serem pronunciadas.

Não muito tempo depois da visita da sra. Tarbell, veio o clímax. Veio na forma de uma visita de uma certa jovem com bochechas artificialmente rosadas e cabelo atipicamente amarelo; uma jovem que usava salto alto e bijuteria barata; uma jovem que a srta. Polly conhecia muito bem por sua reputação e, por isso, ficou irritadamente surpresa de encontrar sob o teto de sua casa.

A srta. Polly não estendeu a mão. De fato, ao entrar na sala, ela recuou.

A mulher se levantou imediatamente. Seus olhos estavam muito vermelhos, como se ela tivesse chorado. Num tom meio desafiador, ela perguntou se poderia, por um minuto, ver a menina, Pollyanna.

A srta. Polly disse que não. Começou dizendo de modo muito ríspido; mas algo no olhar de súplica da mulher a fez acrescentar a explicação educada de que Pollyanna ainda não estava recebendo ninguém.

A mulher hesitou; então, um pouco bruscamente, falou. Seu queixo ainda estava um pouco erguido, numa atitude levemente hostil.

– Eu sou a sra. Payson... sra. Tom Payson. Imagino que tenha ouvido falar de mim... quase todas as pessoas de bem na cidade já ouviram, e possivelmente algumas das coisas que a senhora ouviu não são verdade. Mas isso não importa. Foi por causa da menina que eu vim. Eu soube do acidente e... e fiquei arrasada. Na semana passada, soube que ela nunca mais vai poder andar e... e queria poder dar para ela as minhas duas pernas saudáveis e inúteis. Ela faria mais bem caminhando por aí em uma hora do que eu poderia fazer em cem anos. Mas isso também não importa. Percebo que nem sempre as pernas são dadas àqueles que podem fazer o melhor uso delas.

Ela fez uma pausa e limpou a garganta; mas, quando retomou, sua voz continuava rouca.

– Talvez a senhora não saiba, mas eu vi sua sobrinha muitas vezes. Nós moramos na estrada que leva à colina de Pendleton, e ela costumava passar por lá com frequência...

só que nem sempre só *passava*. Ela entrava e brincava com as crianças e conversava comigo... e com meu marido, quando ele estava em casa. Ela parecia gostar disso e gostar de nós. Desconfio que ela não sabia que pessoas do seu tipo geralmente não visitam pessoas do meu tipo. Talvez, se *visitassem* mais, srta. Harrington, não haveria tantas... do meu tipo – ela acrescentou, com repentina amargura. – Seja como for, ela vinha; e isso não lhe fazia mal algum, e fazia um bem danado para nós. Ela não sabe quanto; e nem pode saber, espero; porque, se soubesse, saberia outras coisas... que não quero que saiba. Mas é só isso. Tivemos momentos difíceis este ano, em mais de um aspecto. Estávamos tristes e desencorajados... meu marido e eu... e prontos para... quase tudo. Estávamos pensando em nos divorciar, sem saber o que fazer com as crianças. Então veio o acidente, e ficamos sabendo que a menina não vai mais poder andar. E começamos a pensar em como ela costumava vir e se sentar à porta da nossa casa e brincar com as crianças, e rir, e... e simplesmente ficar contente. Ela estava sempre contente por alguma coisa; e então, um dia, ela contou por que, e contou sobre o jogo, sabe; e tentou nos convencer a jogar. Bom, agora soubemos que ela está sofrendo porque não consegue mais jogar... que não tem mais motivo para ficar contente. E foi isso que eu vim dizer para ela hoje... que talvez ela possa ficar um pouco contente por nós, porque decidimos ficar juntos e jogar o jogo. Eu sabia que ela ficaria contente, porque ela costumava se sentir meio mal pelas coisas que dizíamos, às vezes. Exatamente como o jogo vai nos ajudar, ainda não sei; mas pode ser que ajude. De todo modo, nós vamos tentar... porque ela espera isso de nós. A senhora vai dizer para ela?

– Sim, vou dizer para ela – a srta. Polly prometeu, debilmente. Então, num impulso repentino, deu um passo à frente e estendeu a mão. – E muito obrigada por ter vindo, sra. Payson – ela disse, apenas.

A postura desafiadora se desfez. Os lábios tremiam visivelmente. Balbuciando alguma coisa incoerente, a sra. Payson apertou, sem olhar, a mão estendida; depois virou as costas e foi embora.

A porta mal tinha se fechado atrás dela e a srta. Polly já estava confrontando Nancy na cozinha.

– Nancy! – a srta. Polly falou, num tom ríspido. A série de visitas desconcertantes dos últimos dias, culminando na experiência extraordinária daquela tarde, deixaram seus nervos à flor da pele. Desde o acidente da srta. Pollyanna, Nancy não tinha ouvido a patroa falar de modo tão severo. – Nancy, *vai* me contar que "jogo" absurdo é esse do qual a cidade inteira parece estar falando? E o que, por favor, minha sobrinha tem a ver com isso? *Por que* é que todo mundo, de Milly Snow à sra. Tom Payson, manda dizer para ela que está "jogando"? Até onde posso entender, metade da cidade está usando lenços azuis, ou pondo um fim às brigas familiares, ou aprendendo a gostar de alguma

coisa que nunca gostou antes, e tudo por causa de Pollyanna. Tentei perguntar para ela uma vez, mas não consegui avançar muito, e é claro que não quero preocupá-la agora. Mas, pelo que ouvi Pollyanna falar com você ontem à noite, imagino que você também esteja jogando. Agora, *vai* me contar o que tudo isso significa?

Para surpresa e espanto da srta. Polly, Nancy começou a chorar.

– Significa que desde junho essa criança abençoada tá deixando a cidade inteira contente, e agora eles tão vindo pra tentar deixar a menina um pouco contente também.

– Contente por quê?

– Só contente! Este é o jogo.

A srta. Polly bateu o pé.

– Agora você está falando como todo o resto, Nancy. Que jogo?

Nancy ergueu o queixo. Ela encarou a patroa e a olhou diretamente nos olhos.

– Eu vou contar, senhora. É um jogo que a srta. Pollyanna aprendeu com o pai. Ela ganhou um par de muletas uma vez, num barril dos missionários, quando tava querendo uma boneca; e ela chorou, claro, como qualquer criança faria. Parece que foi então que o pai falou pra ela que em tudo tinha um motivo para ficar contente e que ela podia ficar contente pelas muletas.

– Contente por... *muletas*?! – a srta. Polly conteve o choro... ela estava pensando nas perninhas inertes sobre a cama, no andar de cima.

– Sim, senhora. Foi essa a minha reação, e a srta. Pollyanna disse que foi a reação dela, também. Mas ele disse que ela podia ficar contente... porque *não precisava delas.*

– Oh... – a srta. Polly exclamou.

– E depois disso ela disse que o jogo virou uma coisa habitual... encontrar em tudo um motivo pra ficar contente. E disse que também conseguiu jogar e que não parecia se importar tanto com não ter a boneca, porque tava tão contente por *não* precisar das muletas. E eles chamaram de "jogo do contente". Este é o jogo, senhora. Ela joga desde esse dia.

– Mas, como... como – a srta. Polly fez uma pausa, impotente.

– E a senhora ia ficar surpresa de ver que realmente funciona – Nancy afirmou, quase com o mesmo entusiasmo de Pollyanna. – A senhora precisava ver o bem que ela fez pra mamãe e pras pessoas lá de casa. Ela foi visitar minha família, sabe, duas vezes, junto comigo. E ela também me fez ficar contente por um monte de coisas... coisas pequenas e grandes; e tornou tudo tão mais fácil. Por exemplo, eu não já não me incomodo tanto de me chamar "Nancy" desde que ela me falou que eu podia ficar contente por não me chamar "Hephzibah". E também tem as segundas-feiras de manhã, que eu costumava odiar tanto. Ela me fez ficar contente pelas segundas-feiras de manhã.

– Contente... pelas segundas-feiras de manhã?!

Nancy riu.

– Eu sei que parece loucura, senhora. Mas vou explicar. Aquela menina abençoada descobriu que eu odiava as segundas-feiras de manhã; e o que ela faz, um dia? Ela me diz: "Bem, de todo modo, Nancy, acho que você pode ficar mais contente na segunda-feira de manhã do que em qualquer outro dia da semana, porque é quando falta uma *semana inteira* para a próxima segunda-feira!". E me diz se agora não penso nisso toda segunda-feira de manhã? E *ajuda*, senhora. De algum modo, me faz rir toda vez que penso nisso; e a risada ajuda, sabe... ajuda, sim!

– Mas por que ela não me contou sobre o jogo? – a srta. Polly perguntou. – Por que fez tanto mistério, quando perguntei?

Nancy hesitou.

– Perdão, senhora, mas a senhora disse pra ela não falar... do pai dela; então ela não podia contar. Era o jogo do pai dela, entende?

A srta. Polly mordeu o lábio.

– Ela queria contar pra senhora, primeiro de tudo – Nancy continuou, sem muita firmeza. – Ela queria alguém com quem jogar, sabe? Foi por isso que eu comecei, pra que ela pudesse ter alguém.

– E... e esses outros? – agora a voz da srta. Polly tremia.

– Ah, acho que agora quase todo mundo conhece. Pelo menos, eu acho que sim, porque ouço falar nisso em todo lugar que vou. É claro que ela contou pra muita gente, e uns foram contando pros outros. E então, as coisas vão acontecendo..., sabe, depois que começam. E ela era sempre tão sorridente e amável com todo mundo, e tão... ela mesma tão contente o tempo todo, que as pessoas não tinham como não conhecer o jogo. Agora, desde o acidente, todo mundo se sente tão mal, principalmente quando souberam o quanto *ela* se sente mal porque não consegue encontrar nenhum motivo pra ficar contente. E por isso eles estão vindo todos os dias pra dizer pra ela o quanto ficaram contentes por causa dela e do jogo, na esperança de que isso ajude. Vê, ela sempre quis que todo mundo jogasse com ela.

– Bem, sei de alguém que vai jogar agora – a srta. Polly falou, ofegante; então, virou as costas e saiu depressa da cozinha.

Atrás dela, Nancy ficou parada, olhando surpresa.

– Bom, depois disso eu acredito em qualquer coisa... qualquer coisa – ela murmurou para si mesma. – Não tem nada que eu não ia acreditar sobre a srta. Polly!

Um pouco mais tarde, no quarto de Pollyanna, a enfermeira deixou tia e sobrinha a sós.

– E você teve mais uma visita hoje, minha querida – a srta. Polly anunciou, com uma voz que ela tentava inutilmente fazer soar firme. – Lembra da sra. Payson?

– A sra. Payson? Ah, lembro, sim! Ela mora no caminho da casa do sr. Pendleton e tem uma menininha de três anos que é a coisa mais linda e um menino de quase cinco. Ela é muito legal, e o marido também... só que eles parecem não saber o quanto cada um é legal. Às vezes eles brigam... quero dizer, não concordam muito. Eles são pobres, também, segundo me disseram, e é claro que não recebem barris, porque ele não é um pastor missionário, sabe, como... bem, ele não é.

Nas bochechas de Pollyanna apareceu um leve rubor, que logo se fez notar nas da tia também.

– Mas ela usa roupas muito bonitas, às vezes, apesar de eles serem pobres – Pollyanna voltou a falar, com certa pressa. – E ela tem anéis muito bonitos, com diamantes e rubis e esmeraldas; e diz que tem um anel sobrando, e que vai jogar fora esse anel e pedir um divórcio no lugar. O que é um divórcio, tia Polly? Acho que não é uma coisa boa, porque ela não parecia feliz quando falou sobre isso. E disse que, se isso acontecesse, eles não iam mais morar lá, e que o sr. Payson ia embora, e talvez as crianças, também. Mas acho que eles deveriam ficar com o anel, mesmo que ela tenha muitos. A senhora não acha? Tia Polly, o que é um divórcio?

– Mas eles não vão embora, querida – a tia Polly se esquivou de responder. – Eles vão ficar juntos, bem ali onde estão.

– Vão? Ah, estou tão contente! Então vão estar lá quando eu for visitar... Minha nossa! – a menina interrompeu a frase, dolorosamente. – Tia Polly, por que eu *não consigo* lembrar que minhas pernas não vão mais a lugar nenhum e que eu nunca mais vou visitar o sr. Pendleton novamente?

– Calma, calma, não... – a tia ficou sem ar. – Talvez você vá de carro até lá, em algum momento. Mas ouça! Eu ainda não contei tudo que a sra. Payson falou. Ela queria que eu contasse para você que eles... que eles vão ficar juntos e jogar o jogo, exatamente como você queria que eles fizessem.

Pollyanna sorriu através das lágrimas.

– Eles vão? Vão mesmo? Ah, fico tão contente por isso!

– Sim, ela falou que esperava que você ficasse contente. Foi por isso que ela veio contar para você... para que fique *contente*, Pollyanna.

Pollyanna ergueu os olhos imediatamente.

– Ora, tia Polly, a senhora... a senhora falou como se soubesse... a senhora *sabe* do jogo, tia Polly?

– Sim, querida. – A srta. Polly se esforçou para que sua voz soasse naturalmente animada. – Nancy me contou. Acho que é um belo jogo. Agora vou jogar... com você.

– Ah, tia Polly... A *senhora*? Estou tão contente! Sabe, o tempo todo eu queria a senhora mais do que qualquer pessoa.

A tia Polly respirou fundo, de modo um pouco brusco. Desta vez, foi ainda mais difícil manter a voz firme, mas ela conseguiu.

– Sim, querida; e tem também todas essas pessoas... Ora, Pollyanna, acho que a cidade inteira está jogando com você... até o pastor! Eu não tive chance de lhe contar ainda, mas esta manhã encontrei o sr. Ford quando fui até a cidade, e ele me pediu para lhe dizer que ele não parou de ficar contente desde que você contou para ele sobre aqueles oitocentos textos de alegria. Então, vê, querida, foi você que fez tudo isso. A cidade inteira está jogando o jogo, e a cidade inteira está incrivelmente mais feliz... e tudo por causa de uma menina que ensinou às pessoas um novo jogo, e como jogar.

Pollyanna bateu palmas.

– Ah, estou tão contente! – ela exclamou. Então, de repente, uma luz maravilhosa iluminou seu rosto. – Ora, tia Polly, *tem* um motivo para eu ficar contente, afinal. Posso ficar contente porque *tive* pernas... do contrário, não poderia ter feito isso!

Capítulo XXIX

Por uma janela aberta

Um por um, os dias curtos de inverno chegaram e se foram – mas não foram curtos para Pollyanna. Foram longos e, às vezes, cheios de dor. Entretanto, Pollyanna, resoluta, estava encarando tudo com bom humor. Afinal, ela não tinha ainda mais obrigação de jogar o jogo, agora que a tia Polly também estava jogando? E a tia Polly encontrou tantos motivos para ficar contente! Foi a tia Polly que descobriu, um dia, a história de duas pobres crianças numa nevasca que encontraram uma porta derrubada e rastejaram para baixo dela; e se perguntaram o que teria feito a pobre gente que não tinha uma porta para lhes servir de abrigo! E também foi a tia Polly que trouxe para casa a outra história que ouviu sobre a pobre senhora que só tinha dois dentes, mas que estava tão contente porque os dois dentes "coincidiam"!

Pollyanna, como a sra. Snow, estava agora tricotando coisas maravilhosas, com novelos de cores vivas que se espalhavam alegremente sobre a coberta branca, e deixavam Pollyanna – novamente, como a sra. Snow – tão contente por ter mãos e braços, afinal.

Pollyanna agora via algumas pessoas ocasionalmente, e sempre havia as mensagens carinhosas das pessoas que ela não podia ver; e elas sempre lhe traziam alguma novidade para ocupar seus pensamentos – e Pollyanna precisava de novidades para ocupar seus pensamentos.

Ela tinha visto John Pendleton uma vez e Jimmy Bean duas vezes. John Pendleton lhe contou que Jimmy estava se saindo muito bem e que se tornaria um ótimo rapaz. Jimmy lhe contou que tinha um lar de primeira e que o sr. Pendleton era uma "família" e tanto; e ambos disseram que era tudo graças a ela.

– O que me deixa ainda mais contente, sabe, por *ter tido* pernas – Pollyanna depois confiou à tia.

O inverno passou, e chegou a primavera. Os que observavam ansiosos o estado de Pollyanna puderam ver poucas mudanças causadas pelos tratamentos prescritos. De fato, parecia haver razões para acreditar que os piores temores do dr. Mead se confirmariam – que Pollyanna nunca mais voltaria a andar.

Beldingsville, é claro, mantinha-se informada sobre Pollyanna; e, em Beldingsville, havia um homem em particular que, tomado de ansiedade, se preocupava e se

inquietava com os boletins diários vindos do leito de sofrimento, os quais se empenhava em obter de algum modo. Conforme os dias se passavam, entretanto, e as notícias não melhoravam – ao contrário, só pioravam –, outras emoções, além da ansiedade, começaram a se fazer notar no rosto do homem: a aflição e uma determinação muito firme, uma lutando para dominar a outra. No fim, a obstinada determinação venceu; e foi então que o sr. John Pendleton, para sua surpresa, recebeu, numa manhã de sábado, uma visita do dr. Thomas Chilton.

– Pendleton – o médico começou a falar de maneira abrupta –, vim até aqui porque você, melhor do que ninguém na cidade, sabe do meu relacionamento com a srta. Polly Harrington.

John Pendleton estava consciente de ter ficado visivelmente surpreso – ele sabia do caso de amor entre Polly Harrington e Thomas Chilton, mas o assunto não havia sido mencionado entre eles por quinze anos ou mais.

– Sim – ele falou, tentando fazer sua voz soar interessada a ponto de denotar empatia, mas não ansiosa a ponto de denotar curiosidade. Mas logo viu que não precisava ter se preocupado: o médico estava envolvido demais em sua missão para perceber como sua mensagem tinha sido recebida.

– Pendleton, quero ver aquela criança. Quero examiná-la. *Preciso* examiná-la.

– Bem... e não pode?

– *Não posso*? Pendleton, sabe muito bem que não entro naquela casa há mais de quinze anos. Você não sabe, mas vou lhe contar, a dona daquela casa me disse que da *próxima* vez que me *pedisse* para entrar, eu poderia entender que ela estava me pedindo perdão, e que tudo seria como antes, o que quer dizer que se casaria comigo. Talvez você a veja me chamando agora... mas eu não vejo!

– Mas você não poderia ir... sem ser chamado?

O médico franziu a testa.

– Bem, dificilmente. Eu tenho algum orgulho, sabe.

– Mas se está tão ansioso, não poderia engolir o orgulho e esquecer a briga...

– Esquecer a briga! – o médico interrompeu, brutalmente. – Não estou falando desse tipo de orgulho. No que diz respeito a *isso*, eu iria daqui até lá de joelhos, ou plantando bananeira, se ajudasse. É do orgulho *profissional* que estou falando. É um caso de doença, e sou médico. Não posso aparecer e dizer: "Ei, estou aqui!". Posso?

– Chilton, qual foi o motivo da briga? – Pendleton indagou.

O médico fez um gesto impaciente e se levantou.

– O motivo? O que é uma briga de namorados, depois que acabou? – ele ladrou, caminhando irritado pela sala. – Uma briga estúpida sobre o tamanho da lua ou a profundidade de um rio, talvez... poderia muito bem ser algo assim, quanto a ter alguma

importância real se comparada com os anos de tristeza que se seguiram! Esqueça a briga! Quanto a mim, estou disposto a dizer que não houve briga. Pendleton, preciso ver aquela criança. Pode significar vida ou morte. Significaria... acredito honestamente... nove entre dez chances de Pollyanna Whittier andar novamente!

As palavras foram ditas claramente, de modo impressionante; e foram ditas exatamente quando aquele que as pronunciou tinha se aproximado da janela aberta perto da poltrona de John Pendleton. Assim, aconteceu que, muito nitidamente, alcançaram os ouvidos de um menino que estava ajoelhado no chão do lado de fora, debaixo da janela.

Jimmy Bean, que estava realizando sua tarefa matinal dos sábados, arrancando as primeiras ervas daninhas dos canteiros de flores, sentou-se com ouvidos atentos e olhos arregalados.

– Andar! Pollyanna! – John Pendleton estava falando. – O que você está dizendo?

– Estou dizendo que, pelo que pude ouvir e saber... estando a mais de um quilômetro de distância daquele quarto... o caso dela é muito parecido com um que um amigo meu da faculdade acabou de atender. Há anos, ele vem estudando especialmente esses casos. Eu mantive contato com ele, e também estudei, de certo modo. E, pelo que ouvi..., mas quero *ver* a menina!

John Pendleton se endireitou na poltrona.

– Você precisa vê-la, homem! Não poderia ser... digamos, através do dr. Warren?

O médico balançou a cabeça.

– Receio que não. Warren tem sido muito correto comigo. Ele mesmo me disse que propôs uma consulta comigo no início, mas... a srta. Polly recusou de modo tão decisivo que ele não ousou perguntar novamente, mesmo sabendo do meu desejo de ver a criança. Ultimamente, alguns de seus melhores pacientes vieram me procurar... então é claro que isso me deixa de mãos ainda mais atadas. Mas, Pendleton, preciso ver a menina! Pense no que pode significar para ela... se eu puder vê-la!

– Sim, e pense no que vai significar... se você não puder! – Pendleton retrucou.

– Mas como posso fazer isso... sem um pedido direto da tia?... algo que nunca vou ter!

– Ela precisa ser convencida a fazer isso!

– Como?

– Eu não sei.

– É, acho que nem você, nem ninguém. Ela é orgulhosa demais para me pedir... depois do que disse, anos atrás, o que significaria se me pedisse. Mas, quando penso naquela criança fadada a uma vida de sofrimento, e quando penso que uma possível solução talvez esteja em minhas mãos, mas por causa dessa bobagem absurda que

chamamos de orgulho e etiqueta profissional, eu... – ele não terminou a frase; com as mãos enfiadas nos bolsos, virou as costas e começou a andar pela sala novamente, furioso.

– Mas se alguém pudesse fazê-la entender – John Pendleton insistiu.

– Sim; e quem vai fazer isso? – o médico indagou, virando-se de modo abrupto.

– Eu não sei, eu não sei – o outro gemeu, pesaroso.

Do lado de fora da janela, Jimmy Bean se mexeu de repente. Até agora, ele mal tinha respirado, de tão atento, ouvindo cada palavra.

– Caramba, eu sei! – ele sussurrou, exultante. – Eu vou fazer isso! – e, no mesmo instante, levantou, foi até a frente da casa tratando de não ser visto e desceu a colina correndo o mais rápido que podia.

Capítulo XXX

Jimmy assume a frente

– É o Jimmy Bean. Ele quer ver a senhora – Nancy anunciou à porta.

– Me ver? – a srta. Polly respondeu, surpresa. – Tem certeza de que ele não se referia à srta. Pollyanna? Ele pode vê-la alguns minutos hoje, se quiser.

– Sim, senhora. Eu perguntei. Mas ele disse que era a senhora que ele queria.

– Está bem, já desço. – E a srta. Polly se levantou da cadeira, um pouco cansada.

Na sala de estar, ela encontrou, à sua espera, um menino de olhos arregalados e rosto vermelho, que começou a falar imediatamente.

– Senhora, acho que é horrível o que tô fazendo, e o que tô dizendo, mas não posso evitar. É pela Pollyanna, e por ela eu andava sobre carvão em brasa, ou enfrentava a senhora, ou... ou fazia qualquer coisa, a qualquer hora. E acho que a senhora também, se achasse que tem uma chance de ela voltar a andar. E é por isso que eu vim dizer pra senhora que, sendo só orgulho e etiq... eti-alguma coisa o que impede a Pollyanna de andar, ora, sei que a senhora ia *pedir* pro dr. Chilton vir aqui se entendesse...

– O q...quê? – a srta. Polly interrompeu, o olhar de estupefação em seu rosto transformando-se em um de fúria e indignação.

Jimmy suspirou, em desespero.

– Calma, eu não quis irritar a senhora. Foi por isso que comecei falando sobre ela voltar a andar. Achei que ia querer ouvir.

– Jimmy, do que você está falando?

Jimmy suspirou outra vez.

– É isso que tô tentando dizer.

– Bem, então diga. Mas comece do começo, e trate de me fazer entender cada palavra antes de continuar. Não comece pelo meio, como acabou de fazer, misturando tudo!

Jimmy umedeceu os lábios, com determinação.

– Bom, pra começar, o dr. Chilton veio ver o sr. Pendleton, e eles conversaram na biblioteca. A senhora entendeu isso?

– Sim, Jimmy – a voz da srta. Polly era muito fraca.

– Bom, a janela tava aberta, e eu tava limpando o canteiro de flores debaixo dela; e ouvi os dois conversarem.

– Oh, Jimmy! *Escutando* a conversa dos outros?

– Não era sobre mim, e não é que eu fiquei escutando de propósito – Jimmy falou, ofendido. – E tô contente de ter ouvido. A senhora também vai ficar, quando eu contar. Ora, pode fazer a Pollyanna... voltar a andar!

– Jimmy, o que você está dizendo? – a srta. Polly havia se inclinado para a frente, ansiosa.

– Isso que acabei de dizer – Jimmy afirmou, satisfeito. – Bom, o dr. Chilton conhece um médico em algum lugar que ele acha que pode curar a Pollyanna... fazer ela voltar a andar, sabe; mas ele não pode ter certeza antes de *examinar* a menina. E ele quer muito fazer isso, mas disse pro sr. Pendleton que a senhora não ia deixar.

O rosto da srta. Polly ficou muito vermelho.

– Mas, Jimmy, eu... não posso... não podia! Isto é, eu não sabia! – a srta. Polly estava contorcendo os dedos, num gesto de impotência.

– Eu sei, foi por isso que vim contar pra senhora... pra senhora *saber* – ele afirmou, ansioso. – Eles disseram que, por alguma razão... não consegui entender exatamente por que... a senhora não ia deixar o dr. Chilton vir, e falou isso pro dr. Warren; e o dr. Chilton não podia vir sem a senhora pedir, por causa de orgulho e etiq... etiq... bom, eti- alguma coisa profissional. E eles queriam que alguém fizesse a senhora entender, mas não sabiam quem podia fazer isso; e eu tava do lado de fora da janela e falei pra mim mesmo naquele instante: "Caramba, *eu* vou fazer isso!". E então eu vim... eu fiz a senhora entender?

– Sim; mas, Jimmy, quanto a esse médico – a srta. Polly implorou, febril. – Quem é ele? O que fez? Eles têm *certeza* de que ele pode fazer Pollyanna andar?

– Não sei quem é. Eles não falaram. O dr. Chilton conhece e disse que ele acabou de curar alguém com o mesmo problema. Mas eles não pareciam preocupados com *ele*. Era com a *senhora* que tavam preocupados, porque a senhora não ia deixar o dr. Chilton ver a Pollyanna. Agora me diz... a senhora vai deixar o dr. Chilton vir, não vai?... agora que a senhora entende?

A srta. Polly virou a cabeça de um lado para outro. Sua respiração estava irregular e acelerada. Jimmy, observando-a ansioso, achou que ela fosse chorar. Mas ela não chorou. Depois de um minuto, falou, com a voz trêmula:

– Sim... vou deixar o dr. Chilton examiná-la. Agora corra para casa, Jimmy... depressa! Vou falar com o dr. Warren. Ele está lá em cima agora. Eu o vi entrar com o carro há alguns minutos.

Um pouco depois, o dr. Warren ficou surpreso ao encontrar, no corredor, uma srta. Polly agitada e com o rosto vermelho. Ficou ainda mais surpreso ao ouvi-la dizer, meio sem fôlego:

– Dr. Warren, uma vez o senhor me pediu para permitir que o dr. Chilton fosse consultado, e... eu recusei. Desde então, eu reconsiderei. Quero muito que o senhor chame o dr. Chilton. Pode pedir para ele vir imediatamente... por favor? Obrigada.

Capítulo XXXI

Um novo tio

Quando o dr. Warren entrou no quarto onde Pollyanna estava deitada observando a dança de cores brilhantes no teto, um homem alto e de ombros largos entrou logo atrás dele.

– Dr. Chilton! Ah, dr. Chilton, estou tão contente de ver *o senhor*! – Pollyanna exclamou. E, diante da grande alegria em sua voz, mais de um par de olhos na sala subitamente se encheu de lágrimas. – Mas, é claro, se a tia Polly não quiser...

– Está tudo bem, minha querida; não se preocupe – a srta. Polly, agitada, se aproximou depressa, tentando acalmá-la. – Eu falei para o dr. Chilton que... que quero que ele examine você... com o dr. Warren, esta manhã.

– Ah, então a senhora pediu para ele vir – Pollyanna murmurou, satisfeita.

– Sim, querida, eu pedi. Isto é... – mas era tarde demais. A intensa felicidade nos olhos do dr. Chilton era inconfundível, e a srta. Polly percebeu. Com as bochechas muito vermelhas, ela se virou e saiu do quarto às pressas.

À janela, a enfermeira e o dr. Warren conversavam, sérios. O dr. Chilton estendeu ambas as mãos para Pollyanna.

– Menina, estou achando que sua melhor obra foi realizada hoje – ele falou, com uma voz tomada de emoção.

Ao anoitecer, tia Polly, incrivelmente trêmula e incrivelmente diferente, se aproximou da cama de Pollyanna. A enfermeira tinha saído para jantar. Elas tinham o quarto só para si.

– Pollyanna, querida, você vai ser a primeira a saber. Algum dia, vou dar um tio para você. O dr. Chilton vai ser seu tio! E foi você que fez tudo isso. Oh, Pollyanna, estou tão feliz! E tão contente, querida!

Pollyanna começou a bater palmas; mas, assim que uniu as mãozinhas pela primeira vez, parou, e as manteve suspensas.

– Tia Polly, tia Polly, a *senhora* era a mão e o coração da mulher que ele quis há tanto tempo? Era a senhora... eu sei que era! E foi isso que ele quis dizer quando falou que a minha melhor obra foi realizada hoje. Estou tão contente! Ah, tia Polly, eu não sei, mas estou tão contente que agora nem me importo com as minhas pernas!

A tia Polly engoliu o choro.

– Talvez um dia, querida – mas ela não terminou a frase. Não ousava falar, ainda, sobre a grande esperança que o dr. Chilton havia semeado em seu coração. Mas disse isto, o que certamente era maravilhoso o bastante para Pollyanna:

– Pollyanna, na semana que vem você vai fazer uma viagem. Numa cama muito confortável, você vai ser levada em carros e charretes para um médico excelente que tem uma casa enorme a muitos quilômetros daqui, feita especialmente para pessoas como você. Ele é um grande amigo do dr. Chilton, e vamos ver o que ele pode fazer por você!

Capítulo XXXII

Uma carta de Pollyanna

Querida tia Polly e tio Tom,

Oh, eu consigo, eu consigo, eu consigo andar! Hoje andei da cama até a janela! Foram seis passos. Nossa, como é bom estar de pé outra vez!

Todos os médicos estavam em volta e sorriram, e todas as enfermeiras estavam ao lado deles e choraram. Uma senhora na enfermaria ao lado, que andou pela primeira vez na semana passada, veio espiar pela porta, e outra, que espera conseguir andar no mês que vem, foi convidada a se juntar a nós e ficou deitada na minha maca e bateu palmas. Até mesmo a Preta Tilly, que lava o chão, viu pela janela do pátio e me chamou de "doçura", isto é, quando já não estava chorando demais para me chamar de alguma coisa.

Não entendo por que choraram. Eu queria cantar e gritar e berrar! Oh, oh, oh! Pensem, eu consigo andar, andar, andar! Agora não me importo de ficar aqui quase dez meses e, de todo modo, não perdi o casamento. E não foi que a senhora, tia Polly, veio aqui e se casou bem ao lado da minha cama, para eu poder ver? A senhora sempre pensa nas coisas mais incríveis!

Dizem que logo vou poder voltar para casa. Eu queria poder andar o caminho inteiro até aí. Queria mesmo. Acho que nunca mais vou querer andar de carro ou charrete. Vai ser tão bom apenas caminhar. Ah, estou tão contente! Estou contente por tudo. Ora, estou contente agora por ter ficado sem minhas pernas por um tempo, pois a gente nunca sabe o quanto é maravilhoso ter pernas até não ter... pernas saudáveis, digo. Vou dar oito passos amanhã.

Muito amor para todos,

Pollyanna.

Eleanor H. Porter
(1868-1920)

Eleanor Hodgman Porter nasceu na cidadezinha americana de Littleton, em New Hampshire, em uma tradicional família da região. Tinha uma ótima voz para o canto e estudou durante vários anos no prestigioso New England Conservatory of Music, chegando a construir uma reputação local como cantora. Em 1892, se casou com o homem de negócios John Lyman Porter, e com ele se mudou para o estado de Massachusetts.

Acabou abandonando o canto pela literatura e, em 1901, passou a publicar contos em várias revistas e jornais. Em 1907 publicou seu primeiro livro, *Cross Currents*. Seguiram-se: *The Turn of the Tide* (1908), *The Story of Marco* (1911), *Miss Billy* (1911) – seu primeiro sucesso – e *Miss Billy's Decision* (1912). Escrevia principalmente obras infantojuvenis, de aventura e romances femininos.

Em 1913 publicou *Pollyanna*, romance protagonizado pela órfã Pollyanna Whittier e inspirado no dia a dia de sua cidade natal. O livro foi um sucesso instantâneo e figurou entre os títulos mais vendidos nos Estados Unidos por vários anos. A pequena e inveterada otimista conquistou o público americano ao reafirmar a força das virtudes camponesas e da alegria de viver.

Dois anos depois, a autora lançou o igualmente exitoso *Pollyanna Grows Up* [*Pollyanna moça*]. Os livros foram traduzidos em todo o mundo, além de adaptados inúmeras vezes para o teatro, para a televisão e para o cinema. Eleanor H. Porter é autora de mais de trinta títulos, entre os quais se destacam *Just David* [*David, o órfão*], *The Road to Understanding* (1917) e *Oh Money! Money!* (1918). Faleceu em casa, em Cambridge, Massachusetts.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Pollyanna*

Primeira edição na Coleção L&PM Pocket: novembro de 2019

Tradução: Janaína Marcoantonio
Capa: L&PM Editores sobre ilustração de Birgit Amadori
Preparação: Patrícia Yurgel
Revisão: Maurin de Souza

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P878p
Porter, Eleanor H., 1868-1920
Pollyanna / Eleanor H. Porter; tradução Janaína Marcoantonio. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2019.
(Coleção L&PM Pocket, v. 1327)

Tradução de: *Pollyanna*

ISBN 978-65-5666-009-7

1. Ficção americana. I. Marcoantonio, Janaína. II. Título. III. Série.
19-59541 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

© da tradução, L&PM Editores, 2019

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

1. Capítulo I - A srta. Polly
2. Capítulo II -O Velho Tom e Nancy
3. Capítulo III -A chegada de Pollyanna
4. Capítulo IV -O quartinho no sótão
5. Capítulo V -O jogo
6. Capítulo VI -Uma questão de dever
7. Capítulo VII -Pollyanna e os castigos
8. Capítulo VIII -Pollyanna faz uma visita
9. Capítulo XI -Sobre o Homem
10. Capítulo X -Uma surpresa para a sra. Snow
11. Capítulo XI -Apresentando Jimmy
12. Capítulo XII -Perante a Liga das Senhoras
13. Capítulo XIII -No bosque de Pendleton
14. Capítulo XIV -Só uma questão de geleia
15. Capítulo XV -O dr. Chilton
16. Capítulo XVI -Uma rosa vermelha e um xale de renda
17. Capítulo XVII -“Exatamente como em um livro”
18. Capítulo XVIII -Prismas
19. Capítulo XIX -Um tanto surpreendente
20. Capítulo XX -Ainda mais surpreendente
21. Capítulo XXI -Uma pergunta respondida
22. Capítulo XXII -Sermões e caixas de lenha
23. Capítulo XXIII -Um acidente
24. Capítulo XXIV -John Pendleton
25. Capítulo XXV -Um jogo de espera
26. Capítulo XXVI -Uma porta entreaberta
27. Capítulo XXVII - Duas visitas
28. Capítulo XXVIII - O jogo e seus jogadores
29. Capítulo XXIX -Por uma janela aberta
30. Capítulo XXX - Jimmy assume a frente
31. Capítulo XXXI - Um novo tio
32. Capítulo XXXII - Uma carta de Pollyanna
33. Sobre a autora